



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PREG  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

JULIO EDUARDO SOARES DE SÁ ALVARENGA

**HISTÓRIAS QUE NOSSOS PAIS NÃO CONTAVAM: LAZER TERESINENSE COM  
ENFOQUE NO CONSUMO DE CINEMA (1976-1982)**

Teresina – PI

2020

Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga

**HISTÓRIAS QUE NOSSOS PAIS NÃO CONTAVAM: LAZER TERESINENSE COM  
ENFOQUE NO CONSUMO DE CINEMA (1976-1982)**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

Teresina – PI

2020

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Divisão de Processos Técnicos

A473h Alvarenga, Julio Eduardo Soares de Sá.  
Histórias que nossos pais não contavam: Lazer teresinense com enfoque no consumo de cinema (1976-1982). / Julio Eduardo Soares de SáAlvarenga. – 2020.  
140 p.: il.  
Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.  
“Orientação: Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castello Branco”.

1. Cinema. 2. História do Lazer. 3. Masculinidades.  
4. Pornochanchadas. I. Título.

CDD 791.430

**HISTÓRIAS QUE NOSSOS PAIS NÃO CONTAVAM: LAZER TERESINENSE COM ENFOQUE NO CONSUMO DE CINEMA (1976-1982)**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (Orientador). Universidade Federal do Piauí – UFPI

---

Profa. Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (Examinadora Interna). Universidade Federal do Piauí – UFPI

---

Prof. Dr. Alcebíades Costa Filho (Examinador Externo). Universidade Estadual do Piauí – UESPI

---

Profa. Dra. Elizangela Barbosa Cardoso (Suplente)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que possibilitou a conclusão dessa etapa acadêmica, a todos os brasileiros, que financiaram a pesquisa, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco, por suas instruções, compromisso com a universidade e apoio. Sou grato à Universidade Federal do Piauí (UFPI), ao Departamento de História (DH), Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (PPGHB) e aos outros professores, especialmente Teresinha Queiroz, Elizangela Barbosa, Fabio Castelo Branco, Claudia Fontineles, Jaison Castro, Johnny Santana, Francisco Nascimento, Edwar Castelo Branco e Sabrina Steinke, bem como à secretaria do programa, representada por Dona Eliete e Rairana. Estendo o agradecimento ao professor Alcebíades Filho, que aceitou participar da banca de defesa como avaliador externo.

Agradeço especialmente à minha avó, Teresinha de Jesus Soares (Inhá), por todos os cuidados e por ser exemplo de amor, dedicação e integridade. À minha mãe, Elisalde Maria Soares (in memoriam), por ter sido uma das pessoas que mais me incentivou a prosseguir os estudos, com seu jeito divertido e amável. Ao meu pai, Edimar Trindade Alvarenga, igualmente preocupado com educação e um ótimo conselheiro. À minha irmã, Andreia Luiza Soares, e aos meus sobrinhos, Maria Luiza e Lázaro André, por todas as conversas, suporte emocional e momentos de descontração.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos que estiveram comigo durante a trajetória, especialmente ao Jhyme Abrantes, Ana Joelma Piauilino, Alice Sousa, Carlos Alberto Mota, João Antônio Oliveira, João Vitor Monteiro e Katia Milena. Aos amigos do mestrado, agradeço sobretudo à Simoní Portela, Kezia Almeida, Kelyel Fortes, Gizeli Lima, Julio Cesar, Lanna Araujo, Joaquim Conrado, Anderson Miura e Mariana Fonteneles. Entre as pessoas que me ajudaram nessa pesquisa, agradeço à Milena Pereira, que indicou entrevistados, bem como aos que aceitaram conceder entrevistas. A todos, muito obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as opções de lazer disponíveis ao público da cidade de Teresina, com ênfase no consumo de cinema e em como essas formas de lazer reconfiguraram comportamentos, padrões de masculinidades e a sexualidade. O recorte temporal escolhido (1976-1982) corresponde ao período de profissionalização das pornochanchadas, filmes exibidos nos cines *Rex* e *Royal*, que exploravam comédia e temáticas sexuais, estudando-se, também, alguns anos anteriores, para reconhecimento do contexto. Para realização da dissertação, optou-se pelas fontes hemerográficas representadas pelos jornais *O Dia* e *O Estado*, assim como pela análise dos gêneros fílmicos exibidos e pelo uso da História Oral. Como aporte teórico, utilizaram-se os interlocutores Pierre Bourdieu, Pedro Paulo de Oliveira e Elisabeth Badinter.

**PALAVRAS-CHAVES:** Cinema; História do Lazer; Masculinidades; Pornochanchadas.

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze the leisure options available to the public in the city of Teresina, with an emphasis on cinema consumption and how these forms of leisure have reconfigured behaviors, masculinity patterns and sexuality. The chosen time frame (1976-1982) corresponds to the period of professionalization of pornochanchadas, films shown in the *Rex* and *Royal* movie theaters, which explored comedy and sexual themes, studying, also, some previous years, to recognize the context. To carry out the dissertation, we chose the hemerographic sources represented by the newspapers *O Dia* and *O Estado*, as well as the analysis of the film genres shown and the use of Oral History. As a theoretical contribution, the interlocutors Pierre Bourdieu, Pedro Paulo de Oliveira and Elisabeth Badinter were used.

**KEYWORDS:** Cinema; Leisure History; Masculinities; Pornochanchadas.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Propaganda da máquina de datilografia <i>Remington</i> .....	20
Figura 2 – Perímetro Urbano da Cidade de Teresina – 1800 – 1980.....	33
Figura 3 – Teresina sem Calçamento.....	35
Figura 4 – Número de filmes exibidos nos cines Royal e Rex (1976-1982).....	54
Figuras 5 e 6 – Propagandas de filmes com imagens sexuais.....	56
Figura 7 – Filmes exibidos no Cine Rex e Cine Royal durante o período de férias.....	61
Figura 8 – Censura dos filmes exibidos no Cine Royal (1976-1982).....	62
Figura 9 – Censura dos filmes exibidos no Cine Rex (1976-1982).....	62
Figuras 10 e 11 – Cartazes de filmes com a mesma imagem.....	66
Figuras 12 e 13 – Imagens de divulgação do filme <i>19 Mulheres e Um Homem</i> (1977).....	82
Figura 14 – Imagem do filme <i>Mulheres Violentadas</i> (1977).....	83
Figura 15 – Cena do filme <i>Mulheres Violentadas</i> (1977).....	83
Figuras 16 e 17 – Filme <i>Eu Faço e Elas Sentem</i> (1975).....	87
Figuras 18 e 19 – Cartazes do filme <i>Cama em Sociedade</i> (1975).....	92
Figura 20 – Crimes das sessões policiais de jornais.....	103
Figura 21 – Casas de taipa do Purgal.....	120

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 HISTÓRIAS QUE NOS CONTAVAM: MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS E LAZER TERESINENSE (1976-1982).....	16
2.1 TERESINA, MASCULINIDADES, MOVIMENTOS SOCIAIS E OUTRAS DISPUTAS.....	18
2.2 INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS E ECONÔMICAS DE UMA TERESINA EM URBANIZAÇÃO.....	31
2.3 AS DIVERSÕES (IN)CIVILIZADAS EM TERESINA.....	39
3 HISTÓRIAS QUE NOS CONTAVAM PARCIALMENTE: LAZER E CONSUMO DE CINEMA NOS CINES ROYAL E REX.....	51
3.1 O <i>CINE ROYAL</i> E O <i>CINE REX</i> .....	53
3.2 OS FILMES DE FAROESTE ITALIANOS E NORTE-AMERICANOS.....	67
3.3 OS FILMES DE KUNG FU.....	72
3.4 CINEMA ESTADUNIDENSE, INFLUÊNCIAS, CONTESTAÇÕES E DISPUTAS GLOBAIS.....	75
3.5 AS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS BRASILEIRAS.....	78
4 HISTÓRIAS QUE NÃO NOS CONTAVAM: O LAZER EROTIZADO, O LAZER VIOLENTO.....	89
4.1 A CIDADE EROTIZADA: DO ESCURINHO DO CINEMA AOS ESPAÇOS PÚBLICOS.....	91
4.2 A CIDADE VIOLENTO E PERIGOS DO LAZER.....	100
4.3 AS DIVERSÕES DELES ERAM DIFERENTES.....	114
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
6. REFERÊNCIAS.....	126

## 1 INTRODUÇÃO

A década de 1970, no Brasil, apresenta a intensificação de mudanças urbanísticas, tecnológicas e comportamentais vivenciadas pela população. Teresina, capital do estado do Piauí, foi contemplada com processos de urbanização promovidos pelo poder público<sup>1</sup>, que encarava a cidade como vitrine da modernidade estadual. O perímetro urbano cresceu, e indivíduos de regiões próximas migraram para o território teresinense, em busca de melhores condições de vida.

As mudanças da cidade proporcionaram reconfigurações dos tradicionais papéis de gênero, em que o costume era que os homens, a partir de suas vivências na esfera pública da sociedade, trabalhassem para sustentar a família, enquanto as mulheres tinham como atividade a manutenção do lar e o cuidado dos filhos. Verifica-se que as pessoas do gênero feminino de camadas sociais abastadas passaram a ter maior liberdade, proporcionada pela pílula anticoncepcional – tida como símbolo da revolução sexual<sup>2</sup> – enquanto mulheres mais pobres, por conta da necessidade do trabalho, já vivenciavam independência e autonomia, desde décadas anteriores. Dessa forma, o lazer urbano também era ressignificado, na medida em que cada vez mais mulheres ocupavam os espaços voltados para a diversão, que cresciam na mesma medida que o perímetro urbano.

Além das grandes mudanças espaciais, novos elementos culturais eram responsáveis por divulgar comportamentos, entre jovens e adultos. As pessoas, que no início do século viam o maquinário do cinema como atração maior que os filmes, na década de 1970, já se interessavam por atores, atrizes e enredos exibidos, na medida em que os jornais divulgavam notícias sobre festivais, críticas de cinema e informações sobre diretores. Quais eram, nesse período, os espaços de lazer em Teresina? Em que medida as produções cinematográficas eram consumidas pela população teresinense? Quem era o público frequentador dos cinemas? Qual o nível de relação entre o consumo local e produções em nível nacional e mundial? Como as produções influenciavam comportamentos entre homens e mulheres da capital do Piauí? Essas perguntas são algumas que norteiam a presente pesquisa.

---

<sup>1</sup> FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.

<sup>2</sup> Informações sobre sexualidade e gênero em transformações, presente em séculos anteriores, podem ser consultadas em: GIDDENS, Anthony. *Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

Para responder as questões de pesquisa, optou-se pela utilização de metodologias quantitativa e qualitativa.<sup>3</sup> Houve a necessidade de analisar a subjetividade representada nas fontes hemerográficas – suporte material com textos impressos ou de outros meios, publicados em forma de periódicos (jornais, revistas ou outros)<sup>4</sup> –, filmes e entrevistas (realizadas com teresinenses do período, sob orientações metodológicas de Verena Alberti), mas o estudo de porcentagens no consumo do cinema permitiu o levantamento informações como gêneros cinematográficos mais populares, idade mínima para acesso aos filmes e cinemas com maior estrutura.

No estudo foram utilizados conceitos de autores como Pierre Bourdieu, Pedro Paulo de Oliveira e Elisabeth Badinter para discutir como os mecanismos de dominação masculina influenciavam comportamentos de homens e mulheres, em uma Teresina em transformação. Ao analisar os espaços de lazer, é importante considerar que, para muitas pessoas, a diversão era tida como comportamento supérfluo, com pouca importância, que só passaria a ser considerada direito fundamental das pessoas em 1988.<sup>5</sup> A atividade era vista por empresários, que necessitavam da força de trabalho, como um antivalor<sup>6</sup>, mas, em contrapartida, órgãos públicos de Teresina buscavam a criação e manutenção de espaços voltados ao divertimento.

Entende-se como lazer comportamentos caracterizados por quatro principais pontos: dissociação de obrigações profissionais, escolares, familiares ou sociais; criação de valores questionadores da sociedade como um todo, sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente; tempo privilegiado para vivências que contribuem para mudanças na ordem moral e cultural; duplo aspecto educativo, veículo e objeto da educação.<sup>7</sup> Dessa forma, é fundamental que o estudo do lazer seja associado a outros aspectos sociais e histórias a respeito de como as pessoas utilizam o tempo disponível para entender influências de gênero, raciais e socioeconômicas nas relações interpessoais, bem como no consumo de produtos culturais. Além das fontes hemerográficas, textos de Edwar Castelo Branco, Pedro Vilarinho Castelo Branco, Teresinha Queiroz, Claudia Fontineles, e Regianny Monte foram utilizados para

---

<sup>3</sup> TERENCE, Ana Cláudia Fernandes; FILHO, Edmundo Escrivão. *Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais*. Fortaleza: ENEGEP, 2006.

<sup>4</sup> SAMPAIO, Willian do Nascimento. *Reflexões sobre fontes hemerográficas na produção do saber histórico: sugestões para o trabalho historiográfico*. Fortaleza: Revista de História Bilros, v. 2, n. 2, 2014.

<sup>5</sup> SANTOS, Flavia da Cruz. *Procurando o lazer na constituinte: sua inclusão como direito social na Constituição de 1988*. Disponível em: <seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/43785/32481> Acesso em 2 mar. 2020.

<sup>6</sup> MASCARENHAS, Fernando. *Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política*. Rio Grande do Sul: Movimento, vol. 11, núm. 3, 2006, p. 155-182.

<sup>7</sup> SILVA, Débora Alice Machado da. *Importância da recreação e do lazer*. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011, p. 17.

entender a cidade de Teresina, durante o século XX ou especialmente nas décadas de 1970 e 1980.

Espaços como praças, churrascarias, rios, cinemas e ambientes de meretrício são abordados. Entre as produções em exibição nos cinemas da cidade, destacavam-se as pornochanchadas, filmes que exploravam o humor e a nudez, principalmente feminina, sem apresentar, contudo, cenas de penetração sexual, em seus primeiros momentos. Constatase no Brasil do período, que vivia uma Ditadura Civil-Militar (1964-1985), uma predominância de conservadorismo em relação à sexualidade, embora essa fosse uma das temáticas mais utilizadas para atrair público ao cinema nacional.

No período estudado havia uma dicotomia entre a curiosidade sexual – que representava novidade apenas no âmbito da representação cinematográfica – e as tensões por parte de setores conservadores da sociedade. Esse grupo, com grande presença em instituições como mídia, escola, família e Igreja, buscava combater produções culturais com conteúdo erótico. Ao utilizar essa problemática como norteadora da pesquisa sobre masculinidades e consumo de cinema, com ênfase nas pornochanchadas, um dos objetivos foi buscar entender como esses filmes, no auge de suas produções (1976-1982), influenciavam o consumo de espaços de lazer, divulgavam novos padrões de masculinidade em Teresina, e em que medida esses novos padrões entraram em conflitos com os antigos. Autores como Elisabeth Badinter trabalham com a ideia de que a Revolução Sexual teria começado nas vitrines, e não nas camas.<sup>8</sup> A historiografia piauiense possui pesquisas que abordam práticas sexuais em grande parte do século XX – a sexualidade em si não seria novidade, mas sim a maneira como as pessoas passaram a entrar em contato com ela, com um maior número de indivíduos dando vazão à curiosidade sobre sexo e entrando em contato com novas práticas, no âmbito do erotismo ou no cotidiano.

O recorte temporal, de 1976 até 1982, foi escolhido por ser o período em que as produções de pornochanchadas, na região popularmente conhecida como Boca do Lixo, na cidade de São Paulo, buscaram maior profissionalização.<sup>9</sup> Contudo, ao estudar o consumo dessas obras em Teresina, é importante atenção às rupturas e permanências existentes nas décadas de 1970 e 1980. Dessa forma, a pesquisa abordará outras questões, prévias e posteriores ao auge da produção de pornochanchadas.

---

<sup>8</sup> BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*; tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

<sup>9</sup> GOMES, Romulo Gabriel de Barros. *Muito prazer, pornochanchadas: relações entre moral e bons costumes na construção da censura às produções eróticas brasileiras (1975-1982)*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2017.

As páginas dos jornais *O Dia*, *O Estado* e *A Hora* foram utilizadas como base para a pesquisa, tornando possível catalogar a divulgação dos filmes exibidos nos Cines Rex e Royal – ao total, foram catalogados 1653 filmes, reproduzidos entre 1976 e 1982 e divididos principalmente entre os gêneros Pornochanchada, Comédia, Ação, Drama, Romance, Kung Fu e Suspense. Com as informações básicas encontradas nas fontes hemerográficas – nome do filme, diretor, atores, período de exibição e censura – foram localizados outros dados importantes, como nacionalidade das obras, gênero, sinopse e conteúdo. Os sites *Banco de Conteúdos Culturais – Cinemateca Brasileira*<sup>10</sup>, *Filmow*<sup>11</sup>, *Memória Cine Br*<sup>12</sup>, *Memórias da Ditadura*<sup>13</sup>, e *Adoro Cinema*<sup>14</sup> revelaram documentos importantes para a elaboração da presente dissertação. Além das pornochanchadas, verificou-se grande exibição de filmes sobre Kung Fu e faroeste, principalmente no Cine Rex. Essas produções revelam informações importantes a respeito do padrão de masculinidade vigente e sobre quais seriam os interesses fílmicos de homens e mulheres, ao escolherem o cinema como espaço de lazer.

Os filmes também foram apropriados enquanto fontes históricas, tendo em vista que, apesar dos aspectos fictícios, quando relacionados com outras fontes, revelam informações a respeito de produtores, atores e seus contemporâneos. Além das fontes hemerográficas (adaptadas quando continham erros ortográficos ou desatualizações, para facilitar a leitura da dissertação), fílmicas e documentos encontrados na internet, foram utilizadas entrevistas com homens e mulheres que frequentaram os *Cines Royal e Rex*, bem como entrevistas com atores de pornochanchadas, no intuito de identificar os impactos das pornochanchadas e filmes de Kung Fu em território teresinense, além dos conflitos dessas obras com outros gêneros, de produção nacional ou internacional. As entrevistas, com base em bibliografias da História Oral, mesclaram características de perguntas temáticas, com perguntas sobre história de vida. O interesse foi saber as vivências das pessoas em torno dos cinemas e outros espaços de lazer, mas, para uma maior compreensão do período histórico, é necessário entender de onde esses indivíduos vieram, suas motivações e situações socioeconômicas.

De todas as entrevistas realizadas, algumas se destacaram, considerando-se o conhecimento desses sujeitos a respeito das diversões teresinenses das décadas de 1970 e 1980.

---

<sup>10</sup> *BANCO de Conteúdos Culturais – Cinemateca Brasileira*. Disponível em: <[cinemateca.org.br/aceso/banco-de-conteudos-culturais/](http://cinemateca.org.br/aceso/banco-de-conteudos-culturais/)> Acesso em 01 dez. 2019.

<sup>11</sup> *FILMOW*. Disponível em: <<https://filmow.com>> Acesso em 01 dez. 2019.

<sup>12</sup> *MEMÓRIA Cine Br*. Disponível em: <[www.memoriacinebr.com.br](http://www.memoriacinebr.com.br)> Acesso em 01 dez. 2019.

<sup>13</sup> *MEMÓRIAS da Ditadura*. Disponível em: <[memoriasdaditadura.org.br](http://memoriasdaditadura.org.br)> Acesso em 01 dez. 2019.

<sup>14</sup> *ADOROCINEMA*. Disponível em: <[www.adorocinema.com](http://www.adorocinema.com)> Acesso em 01 dez. 2019.

Humberto Rodrigues Almeida<sup>15</sup>, natural de Teresina, e proveniente de família classe média, nasceu em 1960 e estudou na região central da cidade. Em 1978, foi estudar na cidade de Recife, mas retornava para a capital piauiense nos períodos de férias. Essa experiência de transição entre as duas capitais oferece comparações a respeito do lazer ofertado entre as cidades; Pedro Cipriano Arcoverde<sup>16</sup>, nascido em Cajazeiras – à época povoado da região da cidade de Oeiras, que atualmente é emancipado – por volta de 1954, migrou para Teresina em 1960 e também foi morar na região central da cidade, quando frequentou os cinemas estudados, principalmente as sessões de Kung fu e filmes de Faroeste.

José Meireles<sup>17</sup>, nascido em Teresina por volta de 1957, morou com sua família na região da Paissandu, maior zona de prostituição da capital no período, localizada no centro da cidade, tendo trabalhado desde criança. Na medida em que informa sobre sua experiência vendendo picolé, revistas e jornais, aborda os mesmos espaços de lazer relatados pelos entrevistados anteriores, mas sob a perspectiva de quem frequentava esses espaços, principalmente, para manutenção socioeconômica familiar. Amélio dos Santos<sup>18</sup>, também nascido em Teresina, no ano de 1972, é o mais novo entre os entrevistados. Filho de empregada doméstica, morava na região do centro, e informa principalmente sobre a sua infância e adolescência na década de 1980.

Esses homens, tratados com pseudônimos, de forma a deixar todos os entrevistados mais à vontade para falar de suas juventudes, informam sobre as diversões masculinas, com relatos que variam de acordo com suas condições socioeconômicas e preferências de lazer. Suas falas, em grande medida, contrastam com as informações encontradas nas fontes hemerográficas, a tendência dos jornais é trazer visões externas, em que os sujeitos do período se mostram incomodados com os espaços de lazer, que tinham como ofício denunciar problemas e reivindicar possíveis melhorias. Os entrevistados, em contrapartida, frequentavam esses locais para diversão ou trabalho e, por isso, atualmente, tendem a representá-los com saudosismo.

No primeiro capítulo da dissertação, intitulado “Histórias que nos contavam: mudanças socioculturais e lazer teresinense (1976-1982)”, o principal objetivo foi analisar o contexto do recorte temporal escolhido para a pesquisa, no que se trata de mudanças socioculturais e urbanas em Teresina, bem como perceber as políticas de valorização da cultura e espaços de lazer:

---

<sup>15</sup> ALMEIDA, Humberto Rodrigues. *Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga*. Teresina, 12 nov. 2019.

<sup>16</sup> ARCOVERDE, Pedro Cipriano. *Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga*. Teresina, 10 jan. 2020.

<sup>17</sup> MEIRELES, José Raimundo. *Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga*. Teresina, 7 mai. 2019.

<sup>18</sup> SANTOS, Amélio dos. *Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga*. Teresina, 29 out. 2019.

praças, “coroas” dos rios, churrascarias, bares e locais de prática esportiva. A discussão a respeito das masculinidades ajuda a entender em que medida, apesar de reivindicações feministas, os homens ainda continuavam com maior liberdade e constituindo espaços tidos como masculinos.

No segundo capítulo, intitulado “Histórias que nos contavam parcialmente: lazer e consumo de cinema nos Cines Royal e Rex”, optou-se pelo estudo dos cinemas enquanto opções de lazer disponíveis aos teresinenses. Utiliza-se os cinemas Royal e Rex, bem como os filmes exibidos no período de 1976 até 1982 para entender como a cidade consumia esses trabalhos. Há a apresentação dos estabelecimentos, com seus públicos alvos, gêneros principais, nacionalidades dos filmes, faixas etárias, bem como comparações e disputas de espaço com televisões e rádio. Posteriormente, há a explicação dos gêneros faroeste, kung fu, *blockbusters*<sup>19</sup> e pornochanchadas, os principais filmes consumidos em Teresina. O capítulo também aborda obras que, apesar de solicitadas, não foram exibidas durante o período estudado.

No terceiro capítulo, intitulado “Histórias que não nos contavam: o lazer erotizado, o lazer violento”, a intenção foi verificar em que medida o comportamento masculino foi influenciado pelas chanchadas eróticas, com maior ênfase às práticas sexuais masculinas e femininas, dentro e fora dos espaços do cinema. Entender as práticas sexuais nos cinemas, nas praças, nos cabarés e outros espaços é estudar uma dimensão do lazer que, por vezes, era combatida pelo poder público e jornais.

---

<sup>19</sup> Termo utilizado para produções culturais populares, principalmente cinema, que são feitas de forma a agradar e atrair grande público consumidor.

## 2 HISTÓRIAS QUE NOS CONTAVAM: MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS E LAZER TERESINENSE (1976-1982)

O objetivo do presente capítulo é analisar os locais de lazer e comportamentos masculinos existentes em Teresina, capital do estado do Piauí, de 1976 até 1982, assim como as mudanças sociais, estruturais e culturais identificadas no período. A partir de 1970, o processo de urbanização foi intensificado pelo poder público e, graças à expansão dos meios de comunicação, as pessoas tiveram acesso a maiores discussões sobre aborto, divórcio, sexualidade, além de outras questões em voga. Ao tratar a respeito de masculinidades, pretende-se compreender alguns aspectos das vicissitudes dos homens no âmbito do lazer – de forma a verificar aspectos socioeconômicos e suas repercussões na escolha dos espaços de diversão –, para maior um entendimento sobre as mudanças.

Apesar do enfoque nas masculinidades, as mulheres também são objetos de estudo. Joan Scott explana sobre não ser possível analisar as mulheres na sociedade, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles forem diferenciados das mulheres.<sup>20</sup> O comportamento feminino nos papéis de mães, professoras, amigas e namoradas repercute nas atitudes masculinas, principalmente na segunda metade do século XX, quando as mulheres vivenciaram maior liberdade na esfera pública da sociedade.

Teresina foi palco de um fluxo migratório e informacional que culminou na aceleração de ressignificados que a cidade sofreria.<sup>21</sup> Todos os lugares apresentados seriam reinterpretados de acordo com o público frequentador e o horário. Praças, igrejas e beiras dos rios são exemplos de espaços que durante o dia recebiam fluxo populacional de estudantes e trabalhadores e, durante a noite, eram frequentados por boêmios, meretrizes e outros grupos marginalizados.<sup>22</sup>

Stuart Hall explica que nas sociedades pós-modernas, as abundantes trocas de informações influenciam diretamente na vivência dos sujeitos, características que podem ser percebidas na análise dos consumos de espaços de lazer. O consumo, além de proporcionar prazer, pode ser visto como ferramenta reveladora de informações dos grupos sociais, a

---

<sup>20</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres. IN: BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 87.

<sup>21</sup> MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (re) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2010.

<sup>22</sup> SILVA, Pablo Josué Carvalho. *Cartografias Noturnas: lazer, urbanização e outras movimentações na noite de Teresina dos anos de 1970*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2017.

demonstrar como as pessoas vivenciaram a cidade.<sup>23</sup> O processo de urbanização acentuou diferenças socioeconômicas e, de acordo com Edwar Castelo Branco, Teresina teria todo o *status* que a condição de capital do estado traria, mas continuava uma cidade pequena e parada, criticada por nunca ter reproduzido filmes do Jean-Luc Godard<sup>24</sup> – pioneiro do movimento Nouvelle Vague, estudado no próximo capítulo.

Essa informação demonstra desejos de consumo cinematográfico manifestados por uma minoria, que ia contra a demanda do restante da população. Algumas pessoas de classe média tinham condições financeiras de circular em outras capitais a conhecer a cultura consumida nesses espaços, e reclamavam a respeito do cinema local, que oferecia opções aos mais pobres. Entretanto, nem todos tinham acesso à cidade da mesma forma, a depender de transportes, companhias e capital, consumir nas churrascarias do centro, por exemplo, era caro e inacessível para indivíduos de regiões periféricas, além de perigoso, principalmente para mulheres desacompanhadas.

Quanto ao cinema, grupos sociais de trabalhadores, ou jovens mantidos pelos pais, encontraram nestes locais alternativas de relaxamento, namoro e encontro com amigos, em que poderiam dar vazão às suas criatividade e fantasiar a respeito de vivências diferentes.<sup>25</sup> As produções exibidas, mesmo ficcionais, revelam informações importantes sobre os desejos e formas de pensar dos contemporâneos, com filmes que, mesmo exibidos de forma aleatória, a depender das fitas que eram disponibilizados pelas distribuidoras no Piauí, reforçaram padrões de vivência e divulgaram novas formas de sociabilidades, como será explicado posteriormente.

Diferenciações entre lugares e espaços ajudam explicar como identidades são formadas e a troca de informações intensificada no período estudado. Os lugares seriam ambientes conhecidos e familiares, que, nas modernidades, poderiam ser penetrados e moldados por influências sociais com rapidez, criando espaços.<sup>26</sup> Dessa forma, os lugares continuariam “fixos”, mas espaços poderiam ser cruzados em um piscar de olhos com informações. No período abordado, o cinema era um estabelecimento com grande importância no fluxo informacional, na medida em que divulgava subjetividades de âmbito global para as salas de cinema de Teresina, com influências nos espectadores que poderiam, inclusive, passar

---

<sup>23</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

<sup>24</sup> CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Táticas caminhanteres: cinema marginal e flanâncias juvenis pela cidade*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, 2007.

<sup>25</sup> Manifestações culturais da juventude também são discutidas em: BRANDÃO, Laura Lene Lima. *Juventudes em Trânsito: Práticas juvenis, espacialidades e corporalidades em Teresina na década de 1970*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2015.

<sup>26</sup> HALL, Stuart, 1997, p. 70-73.

despercebidas. Humberto Rodrigues Almeida<sup>27</sup> afirma que a maioria das festas de debutante ocorridas na cidade tinham como trilha sonora a música *Somewhere my Love*, conhecida como o “tema de Lara”. Trata-se da canção presente no filme *Doutor Jivago* (1965), uma produção dos Estados Unidos e Itália, de drama épico e romance, a respeito do casal Yuri Jivago e Lara Antipova, durante a Revolução Russa de 1917. Esse exemplo pode ser utilizado para perceber como imagens e sons do cinema reverberaram no cotidiano da população, a moldar desejos e a marcar memórias, até mesmo entre os que não tinham acesso direto a esses espaços de divertimento.

Apesar da amplitude e influência do cinema, esse não era o único instrumento que promovia circulação de informações nos níveis nacional e mundial. Rádios, televisões e jornais também eram veículos que possibilitavam discussões de pautas do momento, como feminismo, revolução sexual, pílula anticoncepcional, aborto, divórcio, entre outros. Era um contexto em que jovens, homens e mulheres, tinham maior possibilidade de circulação dentro da cidade, nos âmbitos do trabalho e do lazer, com vivências marcadas pelo efervescente debate a respeito de liberdade.

## **2.1 TERESINA, MASCULINIDADES, MOVIMENTOS SOCIAIS E OUTRAS DISPUTAS**

Durante a década de 1970, os jornais em circulação na capital piauiense traziam reflexões a respeito do feminismo, revolução sexual, uso de pílulas anticoncepcionais, aborto e novos padrões de masculinidade. Mas esses pensamentos tiveram espaço no cotidiano populacional? Até que ponto foram divulgados? O presente tópico tem como objetivo refletir sobre essas questões e sobre a maneira como elas repercutem no comportamento masculino.

Ao pensar as dinâmicas sexuais do século XX, se percebe que, principalmente nas décadas iniciais, homens tinham maior liberdade sexual que as mulheres. Era esperado que os homens se casassem, sustentassem sua família e prezassem pelo bom comportamento/moral da mulher e dos filhos, enquanto das mulheres se exigia como missão o cuidado do lar e a educação das crianças. Entretanto, ao contrário delas, os homens tinham o sexo fora do casamento como prática necessária para confirmar a sua virilidade. Essa forma de confirmação poderia ser

---

<sup>27</sup> ALMEIDA, Humberto, 2019.

cobrada por grupos de amigos ou núcleos familiares, na mesma medida que cobravam a virgindade feminina, associada com a respeitabilidade das mulheres.<sup>28</sup>

De acordo com Elisabeth Badinter, as crianças do gênero masculino só poderiam existir, opondo-se às suas mães e, dessa forma, para afirmar uma identidade masculina, deveriam convencer a si mesmas e aos outros de que não são mulheres, bebês ou homossexuais.<sup>29</sup> Se para as mulheres resguardar a virgindade era um dever, a inexperiência sexual seria motivo de vergonha para os homens. Se o ambiente doméstico era destinado às mulheres, os homens deveriam ocupar espaços públicos e se as mulheres cuidavam do lar e dos filhos, os homens sustentariam e protegeriam a família. Essa diferença de papéis moldou comportamentos masculinos e femininos, por quase todo o século XX. Contudo, após 1970, foram intensificados conflitos entre aqueles que defendiam a permanência dos papéis de gênero e segmentos de mulheres que reivindicavam a aceitabilidade de novos comportamentos femininos, por meio de contestações da moral vigente e ocupação de espaços de lazer ou laborais.

A contestação dos padrões comportamentais vigentes desestabilizou a identidade masculina, que precisou buscar novas formas de significação.<sup>30</sup> Entretanto, apesar dos novos comportamentos femininos, em algumas camadas sociais, as discussões sobre liberdade eram divulgadas de forma lenta, e homens teresinenses do final do século XX ainda tinham maior circulação pelos espaços que as mulheres. Eles frequentavam esferas públicas da sociedade e, principalmente quando jovens, eram os maiores consumidores dos produtos culturais divulgados no cinema. Por meio do cinema, eles reforçavam noções de virilidade e domínio em relação às mulheres, mas também entravam em contato com modelos femininos menos difundidos: mulheres lutadoras, de sexualidade intensa e explícita ou que, de qualquer outra forma, não correspondessem ao que era desejado em relação às mulheres da época.

Essas personagens tinham o potencial de despertar fetiches masculinos, mas também representavam preocupações. O comportamento feminino desejado na ficção despertava inquietações, quando assumido por mulheres próximas a esses homens: mães, filhas e até mesmo namoradas. Dessa forma, a liberdade sexual das mulheres era combatida por rapazes no cotidiano, mas também por redatores dos jornais das capitais.

A influência do cinema e outros produtos visuais em Teresina na década de 1970 não é um caso isolado. Maria João Cunha, ao realizar discussões a respeito das relações entre corpo

---

<sup>28</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*, 2010. Tese (Doutorado). Niterói (RJ), 2010, p. 152.

<sup>29</sup> BADINTER, Elisabeth, 1993, p. 34.

<sup>30</sup> BADINTER, Elisabeth, 1993, p. 34.

e as sociedades de consumo, afirma que através da vivência os indivíduos interiorizam corpos ideais, sucesso e beleza<sup>31</sup>, mas também geram novas formas de pensar e analisar o mundo. É preciso estudar características dos teresinenses bem como influências recebidas, a ter em vista que discussões a respeito da liberdade feminina e novos perfis de masculinidade podem ser encontrados em outros espaços do ocidente, mas não foram divulgadas com uniformidade, em todas as regiões ou grupos sociais.

As campanhas publicitárias encontradas em fontes hemerográficas, por vezes, reforçam as características esperadas, quanto ao gênero masculino e feminino, como na propaganda das máquinas de datilografia *Remington 150*:

Figura 1 – Propaganda da máquina de datilografia *Remington*<sup>32</sup>



Fonte: *Jornal O Dia*

<sup>31</sup> CUNHA, Maria João. *Corpo e imagem na sociedade de consumo*. Lisboa: Clássica Editora, 2014, p. 20.

<sup>32</sup> Transcrição: Tem gente forte e tem gente bonita. Mas só tem uma máquina de escrever que é essas duas coisas: A nova *Remington 150*. Quando você olha a *Remington 150*, diz logo: taí uma máquina para escritório com desenho moderno e atraente. Com o tempo, você afirma: taí uma máquina forte, resistente e isso fica por conta da sua carcaça de aço de 2,4mm de espessura e de sua carroceria que mantém a *Remington 150* sempre nova, sem manchas e arranhões. Mas é quando sua secretária coloca o papel na máquina que começam a aparecer detalhes inéditos, como o suporte com indicador de fim de página, para qualquer formato de papel, que deixa todas as folhas iguais. Com a barra repetitiva de espaço, a mais silenciosa e a mais rápida. E para não perder tempo e fazer um trabalho limpo, existe a escala zero-cêntrica, que centraliza o papel, os títulos e determina as margens. Sem erro. Genial, não? Mas genial também é o exclusivo dispositivo *Dobramatic* que permite o acesso a qualquer parte do mecanismo. Que funciona sempre com a perfeição, mas se você precisar a *Remington* tem assistência técnica em todo o Brasil. E você pode ter certeza: com todas essas vantagens, só existe uma máquina de escrever. A *Remington 150*. Um produto de uma empresa totalmente brasileira. A Nova *Remington 150*. *O Dia*. 07 mai. 1978, p. 7.

A propaganda, ao utilizar nudez parcial, trata os homens como fortes e as mulheres como bonitas, e determina que o público alvo seja o de donos de escritórios, o que fica claro no trecho “é quando sua secretária coloca o papel na máquina que começam a aparecer detalhes inéditos [...]”. Percebe-se, nessa fala, a aceitação de mulheres em ambientes de trabalho, empregadas enquanto secretárias. As fontes orais ou hemerográficas demonstram o pensamento da época a respeito do comportamento feminino: ainda defendiam, em grande medida, divisão de papéis de gênero. Às mulheres era esperado comportamento delicado, beleza, eficiência nas atividades domésticas, e cuidado com o lar, mesmo quando elas também trabalhassem na esfera pública da sociedade.

De acordo com relatos de José Raimundo Meireles<sup>33</sup>, essa inserção feminina no mercado de trabalho não ocorreu sem incômodos. No período estudado, as mulheres poderiam namorar, sem haver tantas cobranças dos pais, desde que fossem namoros monitorados, mas essa liberdade não se estenderia ao trabalho, ao menos não em todos os grupos sociais. Famílias com melhores condições socioeconômicas afirmavam que suas filhas iriam "casar, não trabalhar", tendo em vista que chegavam a associar mulheres que trabalhavam no comércio com prostitutas.<sup>34</sup>

O trabalho feminino no comércio era questionado por essas famílias, considerando dois principais motivos: as mulheres teriam maior independência financeira/poder de circulação pelos espaços da cidade e estariam expostas aos perigos da esfera pública da sociedade, ao atender clientes homens fora de alcance dos olhares vigilantes familiares. Sem essa supervisão, comportamentos femininos como namoro, uso de bebidas alcoólicas e trabalhos extra domésticos seriam considerados desviantes. Em relação aos homens seriam esperados trabalhos, principalmente em posição de chefia, força física, liderança e manutenção financeira dos membros familiares, mas, principalmente, era esperado deles a vigilância em relação à honra de mulheres da família e distanciamento de quaisquer relações com a prática da prostituição. De acordo com David Le Breton:

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo [...] através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar [...] já que o corpo é lugar do rompimento, da diferenciação individual, supõe-se

---

<sup>33</sup> MEIRELES, José Raimundo, 2019.

<sup>34</sup> MEIRELES, José Raimundo, 2019.

que possua a prerrogativa da possível reconciliação. Procura-se o segredo perdido do corpo. Torná-lo não um lugar da exclusão, mas o da inclusão.<sup>35</sup>

É possível analisar, dessa forma, que havia grande preocupação com o controle dos corpos femininos, de modo que, quando não fosse possível que as mulheres se mantivessem na esfera doméstica, do lar, ainda assim tivessem comportamento comedido e monitorado. Elas deveriam preocupar-se em manter maneirismos, vestimentas, modo de falar e expressões corporais que as afastassem de significações associadas aos corpos das prostitutas. Estudar o corpo torna-se necessário, tendo em vista que, em comparação com o grande número de trabalhos sobre gênero e sexualidade, pouca atenção foi dada à importância do corpo nas relações sociais – preocupação ampliada por questões como feminismo, revolução sexual e expressão corporal, no final da década de 1960. David Le Breton propõe o estudo não apenas das sensações internas, mas de como as percepções intrapessoais são conectadas com o restante do mundo, influenciando e recebendo influências. Tomando como exemplo o desejo sexual dos seres humanos, visto por muitos como natural, verifica-se, porém, que as práticas e posições sexuais mudam de uma sociedade para a outra, da mesma maneira que as liberdades individuais, e divisão de espaços entre homens e mulheres.

Os contemporâneos naturalizam as divisões dos comportamentos masculinos e femininos, na medida em que algumas camadas populacionais encontram nesses papéis divergentes o bom funcionamento da coletividade. A duração dessas diferenças comportamentais se constitui como argumento para que elas continuem presentes na sociedade. É o que Pierre Bourdieu chama de “eternização do arbitrário”, na medida em que instituições como família, igreja, escola, esporte ou jornalismo trabalham juntas para consolidar e eternizar, formas de pensamento que são construídas socialmente.<sup>36</sup>

Judith Butler, ao dialogar com Michel de Foucault, fala a respeito da crítica genealógica, que buscaria identificar como as diferenças nos papéis de gênero são construídas socialmente. Para ela, não basta entender os comportamentos atribuídos a homens e mulheres, mas saber que essas divergências estão intrínsecas na linguagem e em outras instituições<sup>37</sup>, como as citadas por Pierre Bourdieu. Em sua pesquisa, Elisabeth Badinter informa que a diferenciação de

---

<sup>35</sup> LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. Ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 7-11.

<sup>36</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

<sup>37</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

gêneros começa na infância, quando bebês de mesmo tamanho e idade recebem adjetivos diferentes de acordo com o gênero.<sup>38</sup>

A propaganda da máquina datilográfica pode ser compreendida à luz desses autores, conforme naturaliza e reproduz práticas e características esperadas de homens e de mulheres, de forma que talvez possam passar despercebidas aos seus contemporâneos. Entretanto, a partir de 1960, grupos sociais então marginalizados, como mulheres, negros, gays, lésbicas e transexuais (antes mesmo de entenderem-se como transexuais) da Europa e Estados Unidos intensificaram a luta por direitos iguais, o que reconfigurou os papéis atribuídos aos gêneros. Em meados de 1970, falava-se em feminismo nos jornais de Teresina, mas de forma a tratar o assunto como uma discussão exterior, pouco divulgada na capital.

Em um primeiro momento, o movimento feminista não foi divulgado em todas as camadas sociais por questões geográficas ou econômicas. Importantes meios de comunicação como jornais e rádios falavam de pautas feministas em 1970, mas eram constituídos principalmente por grupos que tratavam temas de mudança social com visões conservadoras. Essa dinâmica pode ser observada nos jornais de circulação na capital piauiense, como *O Dia* e *O Estado*. Havia mulheres que apoiavam as pautas feministas, adaptando de acordo com suas crenças e necessidades, e outras com posições ambivalentes, como a fotógrafa Vania Toledo, que, em entrevista ao jornal *O Dia*, se autodenomina feminista e diz:

O radicalismo do feminismo, a malfadada igualdade que a mulher sempre proclamou estava fazendo com que o homem observasse as desigualdades. E para mim não existe essa discriminação. Sou uma apaixonada pelos homens e acho que no momento da igualdade dos direitos da mulher ela está esquecendo que os homens estão precisando chegar um pouco mais na igualdade com a gente. Porque o homem é uma pessoa reprimida, mais que a mulher. Só é superior, por exemplo, no que diz respeito a seu trabalho [...] se você for olhar a nível de liberdade pessoal e quatro paredes, a conquista da mulher é muito maior. Ele está precisando muito mais enxergar a si próprio. Geralmente tem uma função específica que é a de usar terno, gravata, pastinha na mão, trabalhar e trazer dinheiro para casa.<sup>39</sup>

A fotógrafa deu entrevista para divulgar o seu livro com fotos de nudez masculina, o que justifica o trecho “ele está precisando muito mais enxergar a si próprio”. Ela buscou argumentar a favor do consumo de sua produção e, dessa maneira, reforçar a ideia de que a

<sup>38</sup> Os meninos seriam tratados como “grandes”, enquanto às meninas eram utilizados adjetivos como “bonita”, “engraçadinha”, “tranquila”. Essa pesquisa não foi realizada em Teresina da década de 1970, mas o pensamento da época pode ser relacionado com a pesquisa de Elisabeth Badinter, encontrada em: BADINTER, 1993, p. 41.

<sup>39</sup> *O Dia* 6/7 jul. 1980, Nº 7303, p. 12.

nudez feminina era ferramenta utilizada de forma comum para comercialização de livros e revistas, em contrapartida à nudez masculina. Em suas posições em relação ao feminismo, aborda a luta das mulheres por igualdade (já percebida pelos homens), enquanto afirma que eles é quem precisavam de novos espaços.

O jornal *O Dia* também veiculou a opinião da atriz Lúcia Veríssimo, que seria contra o feminismo: “acho a mulher algo muito grande, muito fantástico. Gostaria de ter só filhas. Mulher é delicadeza e força. Existe o lado diabólico e o lado maternal”.<sup>40</sup> A atriz, que de acordo com a notícia, teria sustentado um homem (retratado midiaticamente como vagabundo), afirma que mulheres já são superiores, dando a entender que lutas feministas seriam desnecessárias. Por meio das opiniões de Vania, pode-se verificar a amplitude do feminismo, de forma que discursos não necessariamente pertencentes à epistemologia feminista são tratados como inseridos no movimento. Lucia permite a constatação de que mesmo as mulheres que são contra as reivindicações públicas de igualdade foram beneficiadas por essas lutas, no que tange à liberdade de expressão, econômica e sexual.

A respeito do aborto, jornalistas pertencentes ao *O Dia* afirmam que nunca se viu coisa mais fria do que o manifesto das feministas pela legalização do aborto. Tratam os membros do movimento como pessoas insensatas, que estariam aflitas por não conseguir colocar homens como objetos subalternos aos seus caprichos.<sup>41</sup> Em contrapartida a todas essas críticas ao movimento feminista, podemos perceber a trajetória da jornalista Elvira Raulino, que em meados da década de 1970, estava em campanha para ocupar uma vaga na Câmara Municipal, espaço antes destinado exclusivamente aos homens. Ela defendia pautas feministas, entusiasmada principalmente com as mudanças de gênero no continente europeu.<sup>42</sup>

Outra notícia, do jornal *O Estado*, assinada pela colunista Vera Haddad, afirma que o espírito masculino teria governado o mundo até a década de 1980, o que estaria levando o mundo à destruição, uma vez que força e razão – tidas pela autora como características dos homens – não eram suficientes para conservar paz. Para ela, era necessária a sensibilidade e a diplomacia, características das mulheres.<sup>43</sup> Entre críticas e elogios, percebe-se que aos poucos novos espaços eram conquistados pelo público feminino, mas predominava ainda o recorte socioeconômico: as mais ricas ingressavam com mais facilidade em cargos como jornalistas ou políticas.

---

<sup>40</sup> *O Dia*. 30/31 jan. 1983, Nº 8243, p. 1.

<sup>41</sup> O manifesto frio das feministas. *O Dia*. 05 jan. 1980, Nº 7178, p. 13.

<sup>42</sup> ELVIRA entusiasmada com papel da mulher na política europeia. *O Dia*. 17 jul. 1976, Nº 4536, p. 03.

<sup>43</sup> O feminismo e a alienação. *O Estado*. 29/30 jun. 1980, Nº 2216, p. 10.

As fontes hemerográficas também abordavam a revolução sexual como característica sociocultural exterior, que deveria ser combatida em território teresinense, devido ao perigo de subversão das famílias, pobres ou da classe média. É importante ressaltar o caráter combativo presente nos discursos jornalísticos, em tantos casos, como no da revolução sexual, dos espaços de lazer, ou filmes consumidos em Teresina. Como será estudado posteriormente, os jornalistas assumiam a posição das pessoas incomodadas, que buscavam a manutenção e durabilidade da de comportamentos conservadores em relação à sexualidade, enquanto os jovens, homens e mulheres, vivenciavam sexo e liberdade de forma diferente da vivenciada pelas gerações de seus pais e avôs.

Notícias sobre acontecimentos de outros países eram veiculadas de forma a fazer com que responsáveis pela educação de jovens se preocupassem com os supostos desvios advindos de novos comportamentos sexuais. O jornal *O Estado* aborda a gravidez de uma menina sueca de 12 anos<sup>44</sup>, e atribui culpa à liberdade sexual das pessoas residentes na Suécia. Outra notícia, do jornal *A Hora*, aborda reivindicação de um chinês por maior liberdade sexual. O manifestante, por meio de um cartaz colocado em mural, afirmava que os chineses deveriam ter direito a manter relações sexuais com quem quisessem. Ele também criticou a mentalidade chinesa em que o casamento era considerado moralmente obrigatório. O mesmo periódico divulgou manifestação em que panfletos foram atirados ao Vaticano, defendendo práticas sexuais e criticando “a teologia insensata e irreal da Igreja Católica”.

Notícias sobre acontecimentos de outros países eram veiculadas de forma a fazer com que responsáveis pela educação de jovens se preocupassem com os supostos desvios advindos de novos comportamentos sexuais, como o jornal *O Estado*, ao abordar a gravidez de uma menina sueca de 12 anos<sup>45</sup>, e atribuir culpa à liberdade sexual das pessoas residentes na Suécia. A notícia retrata reivindicações por liberdade sexual como questão distante da realidade brasileira – apesar dessas lutas também se encontrarem presentes no Brasil, como será demonstrado adiante – e busca mostrar imparcialidade, mas percebe-se que essas informações, por suas características incomuns para a realidade piauiense, foram veiculadas para causar estranhamento e talvez incomodar camadas da população local. Outra notícia, do jornal *O Dia*, baseada na entrevista de um psicólogo, projeta a imagem do sexo no futuro, de acordo com o profissional Herbert A. Oto. Com base nessa fonte, é possível perceber, indiretamente, como seus contemporâneos pensavam a sexualidade:

---

<sup>44</sup> MENINA de 12 anos teve um filho. *O Estado*. Teresina, 31 ago. 1971, p. 4.

<sup>45</sup> MENINA de 12 anos teve um filho. *O Estado*. Teresina, 31 ago. 1971, p. 4.

Na próxima década, cerca de 25 por cento da população adulta nos países desenvolvidos terão vivido experiências sexuais fora do binômio marido/mulher. Embora prevendo o fortalecimento da monogamia, de estilo seriado (mais de um casamento em sucessão), o psicólogo Herbert A. Oto [...] acha que se deve esperar uma crescente experimentação de formas de intimidade eventual, tanto entre homem e mulher como entre pessoas de um mesmo sexo [...] No futuro, a mulher deverá sentir-se mais livre, tanto para iniciar como para terminar uma relação [...] o fim de um casamento ou de uma relação amorosa será encarado com maior equilíbrio e menor sensação de trauma, culpa, ansiedade ou de pressão [...] Oto assinala que, em razão dos estereótipos sexuais, dos papéis tradicionais atribuídos ao homem e à mulher a amizade entre sexos opostos torna-se difícil, o que não acontecerá na sociedade do futuro [...] o contato sexual será visto como uma forma de comunicação humana, uma forma de linguagem não verbal.<sup>46</sup>

O psicólogo em questão foge de análises em que os papéis masculinos e femininos são engessados, na medida em que se verifica a afirmação de mudanças no comportamento sexual. Aborda sexo fora do casamento, homossexualidade, liberdade feminina e divórcio como temáticas naturais, mas trata essas mudanças como características de homens e mulheres do futuro. No trecho “no futuro, a mulher deverá sentir-se mais livre, tanto para iniciar como para terminar uma relação” há a afirmação indireta de que ainda cabia principalmente ao homem o início de flertes.

As maiores mudanças pós década de 1970 são observadas principalmente em relação às mulheres, enquanto as pessoas do gênero masculino mantinham liberdades semelhantes às que já usufruíam em outros momentos históricos, como acesso ao mercado de trabalho e prática sexual dissociada de boa reputação social. Entretanto, práticas anticoncepcionais e abortivas femininas repercutem diretamente na experiência de homens, sendo eles, por vezes, responsáveis ou auxiliares nas decisões em relação às crianças. Aos homens, era necessário buscar novas formas de lidar com a liberdade e sexualidade feminina, de suas mães, namoradas ou irmãs – que gerou conflitos e violências, estudados posteriormente.

Nas idades antiga e média, o abandono de crianças foram práticas corriqueiras, combatidas pela Igreja e pelo setor público. Essas práticas, entretanto, passaram a ser associadas às mulheres pobres. Na antiguidade, era o pai quem decidia aceitar ou não a criança, enquanto no período medieval, essa atribuição passou a ser da mãe.<sup>47</sup> Posteriormente, as práticas contraceptivas, abortivas, infanticidas e de abandono das crianças passaram a ser cada vez mais

<sup>46</sup> TUDO sobre o amor e o sexo. *O Dia*. 22 ago. 1981, Nº 7633, p. 04.

<sup>47</sup> PEDRO, Joana Maria. As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio – século XX. IN: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate* (org). São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 161.

relacionadas às práticas femininas, e até quando os homens estimulavam aborto ou infanticídio, a responsabilidade dos atos recaía principalmente sobre as mulheres.

Pesquisas de Joana Maria Pedro demonstram como os jornais buscavam criar imagens modeladoras das mulheres honestas, que seriam mães dedicadas, propícias a um casamento legítimo, capaz de fornecer filhos legítimos.<sup>48</sup> A mesma situação pode ser verificada em Teresina da segunda metade do século XX, na medida em que o discurso médico, divulgado em fontes hemerográficas, buscava determinar espaços e papéis femininos, como na entrevista do médico Geraldo de Vasconcelos:

Sob o aspecto moral, o afrouxamento dos sentimentos religiosos e as mudanças atuais dos padrões éticos podem ser alinhados como causas que, criando indulgente indiferença e tolerância, podem influir nos espíritos e levar às decisões de maior incidência de aborto [...] um grande número de autores nacionais e estrangeiros enunciam a opinião de que a pobreza, a insegurança econômica, e as dificuldades crescentes de prover a subsistência, influem de maneira evidente no espírito da mulher para livrar-se do produto da concepção [...] as jovens, competindo na luta pelo trabalho e pela afirmação, a imaturidade psíquico-emocional, e promiscuidade...<sup>49</sup>

Dessa forma, Geraldo de Vasconcelos favorece a percepção de que o discurso médico corroborava com a ideia de que mulheres eram as únicas responsáveis pelo aborto, quando essa prática também poderia ocorrer por influência do comportamento masculino. A pobreza, responsável pela necessidade da mulher em “livrar-se do produto da concepção”, é confirmada em fontes hemerográficas – assunto aprofundado no terceiro capítulo. Segundo Joana Maria Pedro, os jornais também tinham como objetivo amedrontar garotas de classe média, ao publicar notícias sobre abortos e infanticídios. Dessa forma, o comportamento feminino teria mais um mecanismo de controle. No período, também discutiam a respeito das pílulas anticoncepcionais, em jornais, mas, segundo relatos de José Raimundo Meireles, essa informação não era difundida por todas as camadas sociais:

Pílula do dia seguinte [...] não tinha [...] o que a gente sabia, os mais experientes falavam o seguinte: você termina, você tem que ficar sem mijar, e deixar [...] pra matar as gonorreias e o *Tetrex*, que chamava o “trec trec” [...] *Tetrex*, o antibiótico, você ia e já levava, porque geralmente tinha medo de pegar gonorreia, chamado “esquentamento”, né? “Mula”, esses negócios aí. E tinha [...] um ambulatório bem na esquina da Rua Álvaro Mendes com a João Cabral, bem na esquina, perto da garagem do INSS, ali no fundo da COMEPI.

---

<sup>48</sup> PEDRO, Joana Maria, 2003.

<sup>49</sup> QUE espécie de diabo ou santo é o aborto? *O Dia*: Domincultura. Teresina, 1 /2 out. 1972, p. 1.

Ai ele que atendia esse povo [...] queimava o que fosse. E o remédio para esquentamento, que era a gonorreia, era exatamente o *Tetrex*.<sup>50</sup>

Para maior entendimento do relato, é necessário analisar a história de vida<sup>51</sup> de José Raimundo Meireles, pessoa que na infância já andava por Teresina de ônibus, a vender produtos e ajudar no sustento do lar. Vivia na Paissandu, maior zona de prostituição encontrada na cidade em meados do século XX. Ele costumava frequentar bordéis, em um primeiro momento para conversar com prostitutas e vender seus produtos. Na infância, já demonstrava interesse sexual nas mulheres que trabalhavam nesses locais.

Na adolescência, passou a se relacionar sexualmente com as prostitutas que, de acordo com ele, aceitavam que estudantes pagassem apenas metade do valor pelo programa, desde que apresentassem a carteira estudantil, ou da aeronáutica, que poderia ser adquirida por um curso de correspondência. Além dos bordéis, o entrevistado também encontrava com meninas que circulavam pelas praças da cidade: “a gente pagava elas, e aí do centro mesmo, tanto na Igreja do Amparo, encostado, como nos muros da onde hoje é a prefeitura, como em outros lugares, era por ali [...] não tinha esses negócios não”.

José Raimundo Meireles afirma que se casou cedo e, por conta disso, não frequentou tantos prostíbulo, mas pôde revelar informações sobre práticas sexuais do período. Suas falas sobre pílulas anticoncepcionais e métodos de prevenção/tratamento de infecções sexualmente transmissíveis<sup>52</sup> devem ser analisadas de acordo com a situação socioeconômica em que estava inserido na década de 1970. É possível analisar que as informações eficazes sobre prevenções de gravidez e infecções sexualmente transmissíveis não eram veiculadas, principalmente entre as camadas mais pobres, o que marca a experiência sexual de toda a geração.

A iniciação sexual de José Raimundo Meireles, considerada em faixa etária normal, de acordo com o que era esperado aos homens pelos padrões da época, o tornou experiente para abordar a sexualidade do período, entretanto, possui limitações. As pílulas anticoncepcionais, divulgadas em diferentes camadas sociais, eram elementos utilizados por muitas mulheres, principalmente de classe média ou de outras regiões, de forma escondida – informação que

---

<sup>50</sup> MEIRELES, José Raimundo, 2019.

<sup>51</sup> Mais informações em: ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>52</sup> Métodos que não correspondem com recomendações médicas para prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis (IST), mas estudados para entender o pensamento popular do período. Para informações atualizadas e eficazes de prevenção e tratamento de ISTs, consultar: INFECÇÕES Sexualmente Transmissíveis (IST): o que são, quais são e como prevenir. Disponível em: <<https://saude.gov.br/saude-de-a-z/infecoes-sexualmente-transmissiveis-ist>> Acesso em fev. 2020.

poderia passar despercebida a muitas pessoas. Posteriormente, passaram a ser distribuídas de forma gratuita para pessoas pobres, o que levantou preocupações:

A gravidade da distribuição gratuita de pílulas anticoncepcionais não é proclamada apenas por diletantes mal informados. O documento dos bispos piauienses condenando essa distribuição traduz uma séria preocupação por parte de pessoas esclarecidas, cultas e, em função de sua própria posição, muito bem informadas a respeito do controvertido assunto. A distribuição de anticoncepcionais da maneira como isso vem sendo feito representa um perigo para as mulheres que os aceitam não só porque esse medicamento pode afetar seus organismos – e está provado que nem todas as mulheres podem adotá-lo – como também pelos efeitos psicológicos capazes de surgir quando elas sentirem frustrado seu intuito natural de ser mãe [...] ela é, também, uma absurda intromissão na vida íntima do casal, pois só a este é lícito decidir sobre o número de filhos que deseja ter [...] acontece que a pílula é oferecida exatamente para mulheres de nível cultural mais baixo, pessoas, portanto, mal esclarecidas e facilmente influenciáveis [...] muitos são os espaços vazios do Piauí e do Brasil, cabendo a nós próprios preencher esses espaços e formar uma nação mais forte.<sup>53</sup>

A fonte representa uma tentativa de influenciar homens e mulheres contra o uso da pílula anticoncepcional. Defende que nas mulheres há o instinto natural de ser mãe, que se não fosse alimentado, causaria frustrações. Essa afirmação entra em acordo com estudos de Rosely Costa, nos quais há a percepção de que pessoas do gênero feminino ganham espaço de análise social particularmente enquanto mães ou esposas, em situações relacionadas aos homens.<sup>54</sup> Dessa forma, percebe-se que, no contexto, ainda há tentativas de naturalizar e, talvez, eternizar, papéis atribuídos ao feminino.

O trecho “absurda intromissão na vida íntima do casal, pois só a este é lícito decidir sobre o número de filhos que deseja ter” reforça a ideia de que homens, quando em casais monogâmicos de namorados ou maridos, contribuem nas decisões em relação aos métodos anticoncepcionais, ou até mesmo abortivos. Para o pensamento da época, campanhas públicas não deveriam interferir nas escolhas dos casais, entretanto, as características de argumentação contra a pílula, em prol do desenvolvimento do Brasil, demonstram que o maior problema seria o próprio método anticonceptivo.

Outras notícias veiculadas nos mesmos jornais abordam reflexões a respeito do aborto. *O Estado* denuncia uma indústria do aborto descoberta em Teresina. O esquema consistia em

<sup>53</sup> A PÍLULA e o Brasil. *O Dia*. 07 jul. [19--].

<sup>54</sup> COSTA, Rosely Gomes. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. IN: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; Costa, Rosely Gomes; RAMIREZ, Martha Celia; SOUZA, Érica Renata de. *Gênero em matizes* (org.). Bragança Paulista, 2002.

duas casas: na primeira, eram feitas as operações e, na segunda, ocorriam as recuperações do pós-operatório. A fonte hemerográfica afirma que esse estabelecimento clandestino há muito tempo atuava em Teresina e já fora responsável pela morte de gestantes. Foi denunciado por uma das pacientes, menor de idade.

Além de discussões a respeito de práticas abortivas, os homossexuais também tinham espaço garantido nos jornais, como no caso da *Coluna da Birga*, uma seção gay, humorística, que ocasionalmente era publicada. Utilizavam estrangeirismos e linguagem informal, ao falar com o leitor, ora em português, ora em inglês. Noticiavam a respeito de gays notórios de Teresina, que chamavam a atenção de “amigos, amigas e bofes”.<sup>55</sup> Divulgavam trabalhos no meio artístico, como peças de teatro, que seriam inclusive performadas no cabaré da *Ana Paula*, o que dá a entender que nem todos os frequentadores estariam interessados nas possíveis práticas sexuais com mulheres. Divulgavam aniversários de gays e travestis, e, de forma humorística, levantavam suposições em relação à sexualidade de homens, sugerindo que eles se envolviam com pessoas do mesmo gênero, após beber. Por meio dessa coluna jornalística, espaços de diversão voltados para pessoas homossexuais, bem como acontecimentos desses ambientes, eram divulgados.

Além da *Coluna da Birga*, era possível encontrar notícias sobre jornais literários com temática gay, no caso do *Gay Sunshine*, que publicava entrevistas, poemas, contos, desenhos e fotografias. Segundo um de seus autores, a principal diferença entre essa revista e outras é que o “homossexualismo”<sup>56</sup> seria tópico central e tratado com naturalidade, sem medo. O autor também informa sobre o movimento de libertação gay, que seria forte em países capitalistas industrializados, com grande concentração urbana e classe média numerosa.<sup>57</sup> A homossexualidade enquanto movimento era vista como fenômeno exterior ao Piauí, que contava com show de Miss Gay e presença de travestis de outros estados<sup>58</sup>, o que não constituía como uma tentativa de dar maior espaço a pessoas não heterossexuais. Divulgavam desfiles de homossexuais e lésbicas que se manifestavam a favor do movimento comunista<sup>59</sup> e informavam a respeito de conquistas gays e suas repressões, como no caso do homossexual que, após ter sido eleito prefeito de uma cidade em Alagoas, foi ameaçado de morte por parcela da população, que defendia não ser possível a cidade ser administrada por um homossexual.<sup>60</sup>

---

<sup>55</sup> COLUNA da Birga. *O Dia*. 30/31 out. 1977, p. 15.

<sup>56</sup> Expressão utilizada no período, que com o sufixo “ismo”, trazia representações negativas aos homossexuais, associadas a transtornos mentais.

<sup>57</sup> WINSTON Leyland e o movimento gay. *O Estado*. 2/3 out. 1977, Nº 1416, p. 05.

<sup>58</sup> POIS é. *O Dia*. 9/10 ago. 1981, Nº 7621, p. 06.

<sup>59</sup> HOMOSSEXUAIS e lésbicas desfilam. *O Dia*. 27 jun. 1981, Nº 7584, p. 07.

<sup>60</sup> HOMOSSEXUAL venceu eleições em Alagoas. *O Estado*. 27 nov. 1976, Nº 1998, p. 10.

Os jornais informavam a respeito das pessoas que se relacionavam sexualmente com o mesmo gênero, sem postura combativa, na maioria das vezes, mas, ainda assim, os gays poderiam ser expostos, retratados com comportamentos violentos ou escândalos, como no caso em que um triângulo amoroso entre homens foi denunciado pelos pais e resolvido na delegacia.<sup>61</sup> Gays, lésbicas e travestis eram representados midiaticamente, mas não tinham a mesma visibilidade nos espaços de lazer teresinense: ou escondiam suas sexualidades e identidades, ou poderiam sofrer violências. A mesma dinâmica pode ser percebida em relação à sexualidade das mulheres, com prática maior na segunda metade do século XX, mas mantendo em segredo suas preferências sexuais.

De acordo com Michel Bozon, além de todas essas agressões, jovens homossexuais poderiam ser levados à autonomia residencial ou financeira, antes de uma verdadeira independência econômica, por serem rejeitados no ambiente doméstico.<sup>62</sup> Em Teresina, a conquista de liberdade dos grupos sociais estudados no presente tópico ocorreu de forma tímida, visto que as práticas tidas como desviantes ocorreriam preferencialmente de forma escondida.

Tanto as mudanças socioculturais quanto estruturais da cidade de Teresina são fundamentais para entender o lazer da cidade, tendo em vista que a urbanização intensifica divisões entre trabalho e lazer, com afazeres que passam a ser cada vez mais especializados e fragmentados, ao ritmo de máquinas.<sup>63</sup> Em contrapartida, a vida no campo, experienciada por inúmeras famílias que migraram para a capital piauiense, não teria divisão entre trabalho e lazer tão atenuada, com possibilidade de prática de ambas atividades no mesmo espaço e momento. As mudanças urbanísticas, retratadas no próximo tópico do capítulo, em grande medida, influenciaram comportamentos já estudados, em que homens e mulheres ganharam maior liberdade, conforme resignificavam os espaços de residência, trabalho e lazer.

## **2.2 INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS E ECONÔMICAS DE UMA TERESINA EM URBANIZAÇÃO**

No período estudado, Teresina teve grande aumento populacional<sup>64</sup>, com fluxo migratório advindo principalmente de regiões rurais dos Estados do Piauí, Ceará e Maranhão. De acordo com pesquisas divulgadas no jornal *O Dia*, dos 280 mil habitantes da cidade em

---

<sup>61</sup> AMOR de homem é complicado para policiais. *O Estado*. 5 set. 1980, Nº 2273, p. 12.

<sup>62</sup> BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 78.

<sup>63</sup> SILVA, 2011, p. 20.

<sup>64</sup> FONTINELES, Claudia Cristina da Silva, 2015.

1975, 35% eram maranhenses.<sup>65</sup> Entretanto, as oportunidades de emprego não cresceram de forma proporcional, o que repercutiu no aumento da situação de pobreza na malha urbana.<sup>66</sup> A mudança para cidades com processos urbanísticos acentuados repercute nas relações de gênero entre as famílias mais pobres e de classe média. Os grupos nos quais, anteriormente apenas os homens trabalhavam e eram provedores do lar enquanto as mulheres cuidavam do ambiente doméstico foram reconfigurados, de forma que todos teriam maior participação na manutenção financeira da família.

Esse processo é denominado “descorporificação” do trabalho, considerando que características de gênero tornam-se irrelevantes para a performance trabalhista.<sup>67</sup> Contudo, conforme estudos de Pedro Vilarinho Castelo Branco sobre Teresina no início do século XX, o trabalho feminino em indústrias, ambientes domésticos, vendas ambulantes ou prostituição já era alternativa para as mulheres de camadas socioeconômicas menos abastadas<sup>68</sup>, embora com pequeno pagamento, menos segurança e sem chances de conquistas profissionais em posições elevadas. Pedro Paulo de Oliveira utiliza essas mudanças para afirmar que o soldado/trabalhador moderno não pode sustentar sua supremacia simbólica por meio da força de trabalho<sup>69</sup>, mas, no presente capítulo, se torna possível perceber outras formas de dominação masculina, estudadas posteriormente.

Além das mudanças acima mencionadas, os jornais divulgavam o aumento do número de habitantes em Teresina, sem que houvesse moradias ou possibilidade de empregos para todos, como um dos aspectos responsáveis pelo crescimento da violência da cidade. Levantamento realizado no Estado, durante o ano de 1974, registrou 200 homicídios e 210 crimes de lesões corporais<sup>70</sup>, muitos deles ocorridos em Teresina.<sup>71</sup> Apesar do processo de intervenção urbana, a cidade ainda contava com elementos associados ao atraso urbanístico, como demonstrado nos jornais que circulavam na capital. Antes de aprofundar as análises, é importante perceber como o perímetro urbano foi modificado:

---

<sup>65</sup> *O Dia*, ½ jul. 1975, Nº 4218, p. 09.

<sup>66</sup> Para maiores informações ler: MONTE, Regianny Lima, 2010.

<sup>67</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004, p. 91.

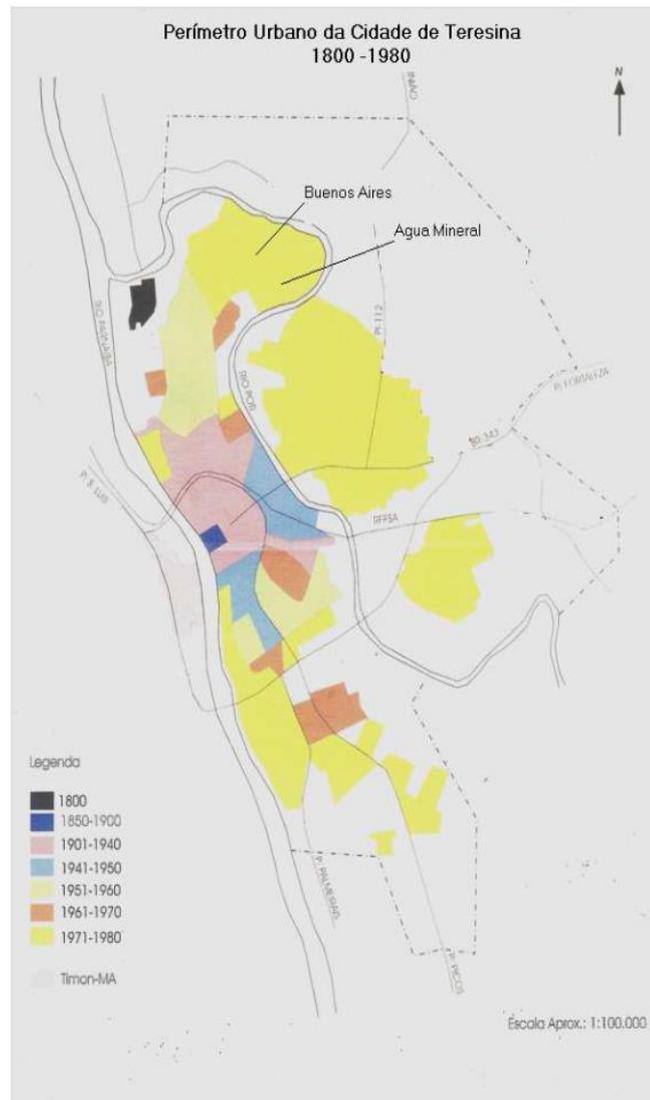
<sup>68</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2013, p. 126-140.

<sup>69</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo de, 2004.

<sup>70</sup> MAIS de 200 crimes no Piauí em 74. *O Dia*. Teresina, 6 de jun. de 197, p. 1.

<sup>71</sup> Os jornais abordados na presente pesquisa foram de produção teresinense, o que também justifica o maior foco em notícias ocorridas na cidade.

Figura 2 – Perímetro Urbano da Cidade de Teresina – 1800 – 1980



Fonte: MONTE, 2010, p. 83.

O mapa ilustra o perímetro urbano teresinense a partir do último ano do século XVIII e até boa parte do XX. De 1971 até 1980, percebe-se que a cidade dobrou de tamanho, com o surgimento de novos bairros, o que é justificado pelo aumento populacional. O fluxo migratório acentuou os conflitos identitários de Teresina, pois homens, mulheres, jovens, adultos, pobres, ricos, negros ou brancos passaram a fazer parte de um mesmo espaço e encontraram diferenças recrudescidas entre si. Stuart Hall, ao discutir sobre identidade, defende que, por conta da velocidade de informações, em um mesmo ambiente, pode haver grupos que carregam grandes divergências de modos de pensar e viver. Para o autor, seria possível encontrar essas divergências até mesmo em cada indivíduo, a depender dos momentos de sua vida.<sup>72</sup> Esses

<sup>72</sup> HALL, Stuart, 1997.

conflitos identitários justificam as amplas possibilidades de lazer, que foram intensificadas com o crescimento da cidade: diferentes grupos eram contemplados com novas opções de divertimento, diurnas ou noturnas, que acompanhavam o aumento do perímetro urbano.

O crescimento da cidade também aprofundou desigualdades sociais, pois alguns teriam acesso seguro a todas as opções de lazer, enquanto outros trabalhavam para manter a família e não se achavam totalmente pertencentes aos espaços. Alguns entrevistados, por exemplo, relataram que não se sentiam como pertencentes à Praça Pedro II, local de encontro de jovens em Teresina. O flerte de garotos e garotas de classe média é retratado com mecanismos invisíveis que “afastavam” os mais pobres daqueles espaços: não teriam roupas parecidas, não consumiam os mesmos produtos culturais e não conheciam os mesmos espaços de diversão. Para a juventude de bairros distantes, da zona sul ou norte, frequentar bares e praças próximos às suas residências era alternativa mais acessível. Dessa forma, perceber a condição de pobreza das pessoas e como essa condição determinava os espaços a serem frequentados por esses grupos é um dos objetivos do presente tópico.

Notícias jornalísticas denunciavam a desigualdade, ao afirmar que 12,4% das residências teriam sido incluídas na categoria de barracos e apenas 23% das casas brasileiras estariam ligadas a redes de esgotos, o que sujeitava as pessoas às epidemias.<sup>73</sup> Na presente pesquisa não há a intenção de verificar a autenticidade desses dados, mas de que forma a situação retratada se relacionava com as vivências dos teresinenses. Com a falta de habitações para todo o fluxo populacional recebido, crescimentos de favelas eram registrados por toda a cidade, mas tratados com teor crítico, principalmente, quando essas construções eram feitas em regiões centrais<sup>74</sup>, próximas aos cartões postais da cidade e às casas das pessoas de classe média.

O poder municipal possuía mecanismos para combater essas formas de habitação, ou ao menos, retirá-las dos espaços centrais, onde se tornariam visíveis aos turistas ou transeuntes de classe média. Contudo, esses esforços não eram suficientes para diminuir as desigualdades socioeconômicas presentes na cidade. Os mais pobres das décadas de 1970 e 1980 também eram os mais atingidos pelos processos inflacionários registrados durante esse período, contexto em que eram recorrentes notícias sobre variação de preço dos produtos agrícolas, alto custo de vida e impossibilidade de alimentações saudáveis com salários recebidos.<sup>75</sup> A escolha de sujeitos de classe média para a entrevista sobre os espaços de lazer reflete esse momento,

---

<sup>73</sup> POPULAÇÃO afastada do desenvolvimento. *O Dia*. Teresina, 10 de junho de 1975, p. 2.

<sup>74</sup> FAVELAS agora estão no centro da cidade. *O Estado*. 29 jan. 1977, Nº 1241, p. 05.

<sup>75</sup> INFLAÇÃO pode cair este mês. *O Estado*. 12 jul. 1978, Nº 1640, p. 09, INFLAÇÃO de 100,81% em doze meses. *O Estado*. 17 jul. 1982, Nº 2812, p. 04 e TÉCNICOS afirmam: salário do Piauí não dá para viver. *O Estado*. 16/17 mai. 1982, Nº 2760, p. 05.

em que muitos teresinenses não frequentavam ou tinham conhecimento sobre diversões no cinema, churrascarias e carnavais nos clubes, entre outros.

Além das desigualdades econômicas, os novos bairros resultantes do crescimento da cidade necessitavam de investimentos em questões de infraestrutura, de tal modo que o jornal *O Dia* lançou a coluna *O Dia nos Bairros*, em que divulgariam aspectos precários de diferentes regiões da cidade. Em uma edição a respeito do bairro Dirceu Arcoverde, informam sobre problemas de abastecimento de água, calçamento, transporte coletivo, questões de segurança pública e atendimento médico hospitalar.<sup>76</sup> Contudo, é importante ressaltar que se tratava de um bairro relativamente novo, e que esses problemas estruturais não se restringiam às regiões mais afastadas do centro:

Figura 3 – Teresina sem Calçamento



Fonte: *A Hora*. Teresina, 29 de outubro de 1971, p. 01.

Trata-se de uma notícia a respeito da rua ao lado da Casa do Estudante, localizada no centro de Teresina. O calçamento teria sido substituído por amontoados de pedras que impediam o tráfego de carros. Esse problema era noticiado de forma concomitante com reclamações em relação à prefeitura, que estaria direcionando esforços apenas na construção da Avenida Maranhão:

Parece haver concentrado todas as suas atenções, exclusivamente, na construção da Avenida Maranhão. Já se disse aqui e não é ocioso repeti-lo, que a construção daquele importante logradouro é providência que se impõe. Teresina precisa dele, para melhorar o seu sistema viário e, mais do que isso, para dar dignidade à moldura do Parnaíba.<sup>77</sup>

<sup>76</sup> O Dia nos bairros. *O Dia*. 5 jan. 1983, Nº 8223, p. 12.

<sup>77</sup> TERESINA sem calçamento. *A Hora*. Teresina, 29 out. 1971, p. 01.

Percebe-se que os investimentos na Avenida Maranhão são considerados pelo jornalista como necessários à autoestima do teresinense, por facilitar o sistema viário e agregar dignidade à região banhada pelo rio Parnaíba, apesar do discurso ambíguo também trazer críticas. No período, a prefeitura reunia esforços para atuar em novos bairros da cidade e levar infraestrutura aos bairros Primavera e São Pedro, dois dos mais populosos, que iriam receber novas vias de acesso, interligando-os. Afirmavam que melhorias também seriam feitas nos bairros Macaúba, Pio XII, Monte Castelo e Piçarra. Espaços com acúmulo de pobreza e ausência do poder público, que são retratados nos jornais da época como espaços com grandes problemas sociais – prostituição, roubos, crimes de sedução e violência. Eram pessoas marginalizadas, que não tinham acesso aos espaços de lazer como consumidoras, mas poderiam ser exploradas nesses mesmos locais: a criança que buscava vender revistas e jornais nas praças ou a prostituta que encontrava no ambiente boêmio do meretrício uma alternativa de sustento.

Outro fator que impedia o acesso e democratização dos espaços de lazer centrais eram os transportes públicos, apesar de veículos midiáticos e entrevistados os retratarem como disponíveis a todos os teresinenses. Os ônibus eram reclamações recorrentes, devido à pouca circulação, demora e aumento periódico nas passagens, como pode ser conferido abaixo:

A súbita e sensível elevação dos preços das passagens em veículos de transporte coletivo de passageiros em Teresina está contribuindo para tornar bastante complicado um problema que jamais foi simples, mas que se agrava de ano para ano nestes tempos inflacionários. Agravado, ainda, pela falta de troco, motivo de atritos cada vez mais frequentes entre passageiros e trocadores, esse problema tem implicações administrativas e políticas, envolvendo não apenas o público, mas também a classe política [...] como já aconteceu no passado, agora volta-se a falar na possibilidade da emissão de passes, para eliminar, pelo menos, a dificuldade criada pela falta de troco. [...] No caso específico de Teresina, atualmente, os proprietários de empresas de transportes coletivos aceitariam essa medida. Contra ela se opõem, no entanto, alguns vereadores e o Centro Colegial dos Estudantes Piauienses.<sup>78</sup>

De acordo com o jornalista, vereadores seriam contra a utilização de passes, tendo em vista que essa atitude criaria um capital de giro para as empresas, sem qualquer compensação para os usuários, que pagariam adiantado. Já os estudantes seriam contra devido à possibilidade de perderem direito à meia passagem nos dias de domingo e feriados. Além das reclamações da classe estudantil e tensões entre cobradores e usuários do transporte público, outra tensão

---

<sup>78</sup> AUMENTO das passagens gera sério conflito. *O Dia*. 13 mai. 1981, Nº 7548, p. 08.

relatada é a reivindicação de ônibus mais rápidos para bairros como Itararé, região afastadas do centro comercial de Teresina.

Moradores dos bairros Dirceu Arcoverde I e II, também conhecidos como Itararé, reclamavam que os coletivos demoravam mais de uma hora para fazer o percurso do bairro até o centro<sup>79</sup> (distância menor que 10 quilômetros, em trajetos diretos) e solicitavam o projeto “ônibus rápido” para suas moradias, que consistia em um sistema criado pela Prefeitura de Teresina, por meio do Departamento de Transportes Públicos, para que os ônibus rápidos acabassem com os atrasos reclamados pelos usuários de coletivos e ligassem bairros afastados com a região do centro da capital. Em julho de 1982, essa ferramenta já havia sido incorporada em seis localidades: Saci, Parque Piauí, Buenos Aires, Bela Vista I e II e conjunto João Emílio Falcão (localizado no bairro Cristo Rei).<sup>80</sup> Ônibus rápidos eram enviados aos bairros de acordo com a quantidade de habitantes.

A população também reclamava que apenas um terço dos transportes públicos eram mantidos em circulação no horário da noite, especialmente para bairros como Monte Castelo. A linha de ônibus “corujão” não estaria sendo explorada por algumas empresas. De forma concomitante a esse problema, os taxistas que trabalhavam principalmente no turno da noite – a maior parte dos motoristas era constituída por funcionários públicos ou empregados em instituições particulares – reajustavam tarifas dos táxis<sup>81</sup>, o que reduzia o número de usuários e fazia com que esses profissionais fossem retratados midiaticamente como exploradores.

Em contrapartida às pessoas que dependiam de transporte coletivo, carros e motocicletas já faziam parte da realidade de jovens de classe média, que utilizavam para trabalho, estudo ou lazer. Essas máquinas facilitavam o acesso às diversões da cidade, mas também possibilitavam que qualquer local fosse aproveitado em momentos de descontração, ao escutar toca-fitas, passear com amigos ou se relacionar sexualmente com alguém. É possível perceber que o lazer apresentado na presente pesquisa tem recortes socioeconômicos limitados, a abranger principalmente pessoas de classe média, que moravam em regiões centrais ou possuíam transporte próprio, e que poderiam frequentar todos os estabelecimentos estudados, a depender de seus interesses. Contudo, não dá para afirmar que pessoas pobres não tinham diversões, pois, muitas vezes afastadas de regiões centrais de Teresina, encontravam suas próprias formas de consumir os espaços.

---

<sup>79</sup> MORADORES do Itararé querem “ônibus rápido”. *O Estado*. 4/5 jul 1982, Nº 2801, p. 4.

<sup>80</sup> “ÔNIBUS rápido” para moradores do Poty. *O Estado*. 10 jul. 1982, p. 4.

<sup>81</sup> TAXISTAS não vivem apenas da profissão e ainda exploram. *O Estado*. 16 jul. 1982, p. 4.

Além das limitações geográficas, com dificuldades de transporte, a necessidade de sustento do lar impedia o acesso de algumas pessoas às opções de lazer. A condição de pobreza, em que oportunidades de trabalho não acompanharam o crescimento do perímetro urbano, era um dos principais instrumentos de distanciamento das opções de lazer, na medida em que o tempo de sujeitos seria ocupado por atividades profissionais excessivas e precárias. Para entender quem eram esses sujeitos e suas formações familiares, é necessário discutir noções de infância e formação familiar.

Nas famílias mais pobres, trabalho era realidade para mulheres e crianças, na medida em que toda a mão de obra disponível era necessária para o sustento familiar, enquanto em grupos mais abastados, a figura paterna, quando existente, era responsável pelo provimento de gêneros alimentícios, saúde, educação e proteção das crianças. Contudo, segundo Philippe Ariès, nem sempre houve preocupação com educação dos filhos, ou divisão clara entre a infância e a fase adulta da vida. Antes do século XIX, a passagem da criança pela família e sociedade era muito breve e muito insignificante, para que fosse inserida na memória ou tocasse sensibilidades.<sup>82</sup> Pessoas com pouca idade já vivenciavam o mesmo ambiente dos mais velhos, e aprendiam por meio da convivência e experiência deles, em tavernas, casas ou ambientes de trabalho.

A partir do século XIX, a percepção das crianças e a sua separação do universo dos adultos foi intensificada. Aos poucos, elas passaram a receber mais cuidados, com centralidade nas principais decisões tomadas pelos pais. De acordo com Pedro Vilarinho Castelo Branco, jovens do final do século XIX e início do XX, principalmente homens, aprendiam o ofício dos mais velhos com base na observação,<sup>83</sup> entretanto, com grandes mudanças: escolarização chegava a mais pessoas, com saberes do âmbito científico, mas instrumentos midiáticos como televisões, jornais, cinema e música eram difundidas principalmente entre camadas sociais mais abastadas. Os jovens cresciam e recebiam aprendizados que, muitas vezes, eram advindos da herança rural, de outros padrões de homens e mulheres, mas era presente em diversos grupos o desejo de que esses filhos virassem bacharéis e trabalhassem como homens de letras.

Essa preocupação com a educação e cuidado com as crianças atingiu maiores proporções no período escolhido para a presente pesquisa. As notícias sobre o local da criança na sociedade, divulgadas em Teresina, permitem a percepção de que essa forma de pensamento estava

---

<sup>82</sup> ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 10.

<sup>83</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Com afeto e disciplina: a invenção da infância entre a literatura e a história. IN: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História: cultura, sociedade, cidade*. Recife: Bagaço, 2005.

veiculada em outros espaços ocidentais. No século XX, a educação dos filhos era considerada atividade principal das mulheres e com a intensificação da profissionalização feminina, essa noção foi modificada. Em alguns lares, o trabalho doméstico passou a ser dividido entre homens e mulheres, em outros, as crianças eram matriculadas em creches, mas a preocupação com sua educação era por parte, principalmente, das mães: “todos os dias, milhões de mães brasileiras deixam seus filhos em casa, pela necessidade de trabalhar fora. São mães que não teriam como sustentá-los se não fosse esse trabalho”.<sup>84</sup> Por meio dessa propaganda, além de perceber a naturalização do trabalho feminino, é possível verificar o reconhecimento de que, em algumas famílias, elas eram as únicas ou principais provedoras.

O espaço centralizado de crianças nos lares do século XX e preocupações com o ensino infantil auxiliam na percepção de que, até certo ponto, boas condições socioeconômicas eram garantia de educação e momentos de lazer para os jovens. Alguns autores acreditam que, para essas crianças, não seria possível aplicar o termo lazer, visto que a infância é marcada pela falta de compromisso e obrigações sociais, enquanto o lazer existiria para aqueles que precisassem contrapor obrigações sociais com momentos para o divertimento.<sup>85</sup> Todavia, mesmo as crianças abastadas já possuíam deveres com atividades escolares e, para as mais pobres, o trabalho era realidade.

Enquanto algumas crianças contavam com boas estruturas socioeconômicas, outras estavam sendo exploradas no trabalho infantil. A ideia de infância e proteções conquistadas no decorrer dos séculos XIX e XX eram negadas para meninos que, desde pequenos, circulavam pela cidade trabalhando como engraxates, vendedores ou entregadores de jornais, e meninas que trabalhavam como costureiras, empregadas domésticas, ou, em casos extremos, eram submetidas à prostituição, nas operações de tráfico humano que as enganavam, com promessas de bons empregos.<sup>86</sup> A análise das fontes permite o entendimento de que os espaços de lazer da cidade – estudados no próximo tópico – poderiam explorar adolescentes e crianças pobres, na mesma medida em que os excluía enquanto consumidores.

### **2.3 AS DIVERSÕES (IN)CIVILIZADAS EM TERESINA**

---

<sup>84</sup> CRECHE não é privilégio. *O Dia*. 07 nov. 1981, Nº 7695, p. 4.

<sup>85</sup> SILVA, Débora, 2011, p. 48.

<sup>86</sup> POLÍCIA prende gang. *O Dia*. 21 mai. 1981, Nº 7554, p. 9; MENOR não sabia... *O Dia*. 20 jan. 1975, Nº 3524, p. 8; MENOR utilizada para prostituição. *O Dia*. 13 jun. 1975, Nº 4228, p. 8; DESCOBERTO tráfico de menores... *O Dia*. 7/8 jan. 1973, Nº 3512, p. 6.

O tópico atual tem como objetivos verificar os principais pontos de lazer disponíveis aos teresinenses, principalmente aos jovens, e notar as diferentes atribuições de sentido dadas aos espaços, de acordo com público frequentador. Flávia Santos, ao pesquisar a temática do divertimento, aborda a utilização de termos como passatempo, recreação, diversão, lazer e divertimento, empregados por pessoas de outras temporalidades e regiões do Brasil.<sup>87</sup> Esses termos são importantes para entender representações empregadas em relação às atividades estudadas, contudo, nas fontes hemerográficas de Teresina, encontram-se principalmente as nomenclaturas diversão e lazer.

A pesquisa de Flávia Santos demonstra que os termos eram utilizados pela população como sinônimos, para abordar fenômenos culturais dissociadas do trabalho. Contudo, estudiosos da temática classificam recreação como o conjunto de atividades realizadas, enquanto lazer, mais amplo, trata do tempo livre em relação ao trabalho – alguns autores defendem que o lazer seria fruto de sociedades modernas, urbanas e industriais<sup>88</sup>, enquanto outros termos não teriam tanta abrangência. Na Teresina da segunda metade do século XX, as principais nomenclaturas presentes nas fontes hemerográficas eram diversão e lazer.

Jornalistas empregavam o termo lazer principalmente ao abordar os espaços existentes voltados ao entretenimento, enquanto variações da palavra diversão representavam as atividades ou eventos retratados.<sup>89</sup> Nesses espaços, as crianças, principalmente de classe média, despertavam maiores preocupações nos pais, que desejavam que elas estivessem em ambiente seguro, na escola ou no lar, e participassem das atividades de lazer com cuidados para que não consumissem conteúdos inadequados<sup>90</sup>. Jornais defendiam que filmes agressivos poderiam resultar em comportamentos desviantes nos jovens, que por não saberem distinguir realidade de ficção, se comportariam de forma violenta, assim como seus heróis nos filmes de ação. Também levantavam preocupações em relação aos filmes de terror, vistos, não apenas como fenômenos cinematográficos, mas como influências para o aumento de doentes mentais no século XX.<sup>91</sup> O espaço do cinema na vida das pessoas é um formador de subjetividades, com grande força transformacional, na medida em que faz com os lugares recebam cada vez mais informações. A preocupação com conteúdo impróprio para crianças era intensificada conforme

---

<sup>87</sup> SANTOS, Flávia. O Conceito de divertimento na cidade de São Paulo (1828-1867). *Projeto História*, São Paulo, v. 67, 2020, p. 315-365.

<sup>88</sup> SILVA, Débora, 2011.

<sup>89</sup> MARANHÃO terá área de lazer. *O Dia*. 19 mai. 1981, Nº 7552, p. 4; MAIS lazer para os bairros em dezembro. *O Dia*. 8/9 dez. 1981, Nº 7721, p. 8; DIVERTIMENTO eletrônico prejudica jogo de sinuca. *O Dia*. 30 jan. 1982, Nº 7762, p. 8; LAZER ainda é precário na Morada. *O Dia*. 16/17 jan. 1983, Nº 8233, p. 8.

<sup>90</sup> SEU filho diante da televisão. *O Dia*. 17 nov. 1977, Nº 4942, p. 15.

<sup>91</sup> PSQUIATRAS preocupados com os filmes de terror. *O Estado*. 22 mar. 1977, Nº 1282, p. 09.

ambos os pais ou responsáveis estivessem no ambiente do trabalho, e precisavam terceirizar a educação dos filhos, com babás, creches ou escolas:

Observa-se que a tendência dos pais é de atribuir à escola todas as responsabilidades com relação a seus filhos. A escola, para alguns pais, nessa tendência que se generaliza, não é mais um centro de educação. É um local onde as crianças são deixadas para que seus pais possam cuidar, melhor, dos seus afazeres. A escola no caso, seria uma extensão do lar [...] até os três anos de idade [...] as crianças deveriam estar em casa, com as mães, delas recebendo todos os cuidados. A criança que é prematuramente retirada de casa, sofre inevitavelmente um choque. Ela é arrancada do seu pequenino e muito privilegiado mundo.<sup>92</sup>

Buscavam determinar a idade necessária para a inclusão da criança no ambiente escolar, mas também reforçar junto aos pais instruções de como cuidar dos filhos, em um ambiente com comportamentos desviantes cada vez mais frequentes. A educação dos filhos era discutida por todos, independente do gênero, e com a escolaridade intensificada no período, as crianças entravam em contato mais intenso umas com as outras, a desenvolver sociabilidades e aprendizados, com conversas, brincadeiras e trocas de informações que seriam fundamentais para determinar as formas de vivenciar o lazer pela cidade. Além dos jornais, passeios e programas infantis também eram divulgados de boca em boca.

Os jovens passaram a conviver com cada vez mais pessoas, no cotidiano escolar a partir do processo de crescimento da cidade. O maior perímetro urbano multiplicou as opções de lazer disponíveis aos teresinenses, tendo em vista que o crescimento da cidade resultaria em novos bairros, com a criação de praças menores, que, da mesma forma que as praças centrais, seriam espaços de lazer de crianças, adolescentes e adultos.<sup>93</sup> Além das praças, os teresinenses contavam com outras opções de divertimento e sociabilidades, tais quais cinemas, teatro, música, circos e bailes. Esses espaços foram retratados por Teresinha Queiroz como locais de diversão civilizada desde o final do século XIX, que atingiam apenas uma parcela da população, enquanto novas formas de civilidade eram introduzidas na cidade.<sup>94</sup> O presente tópico aborda as diversões que continuavam a ser consideradas civilizadas, voltadas para a elite, mas também as alternativas destinadas aos mais pobres, por vezes criticadas pelas fontes hemerográficas.

---

<sup>92</sup> ESCOLA não substitui o lar. *O Dia*. 12 nov. 1977, Nº 4939, p. 15.

<sup>93</sup> SANTANA, Márcia. *Discursos, desejos e tramas: o comportamento feminino em Teresina nos anos setenta do século XX*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2008, p. 25.

<sup>94</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930*. Teresina: FUNDABI, 2008, p. 8-17.

As diversões abordadas pela autora permaneceram como alternativas de lazer na segunda metade do século XX, porém com mudanças nos costumes, conteúdos consumidos e estabelecimentos. Outras opções de lazer são pertinentes para a compreensão do cotidiano de Teresina: “coroas” dos rios, bares, espaços de meretrício, entre outros divertimentos. O espaço de lazer é um campo privilegiado na percepção de como as divergências interpessoais são percebidas na sociedade. As pessoas se reuniam ou se dividiam com base em suas preferências de diversões. Nem todos frequentavam as praças, alguns não gostavam do cinema e outros, mesmo interessados em práticas sexuais, não iam aos ambientes de meretrício. Em contrapartida, jovens com interesses em comum fortaleciam seus laços e criavam sentimentos de identidade que, além da realidade teresinense, poderiam ser influenciadas em escala global – aqui eram vendidas obras consumidas em diversos países, como será estudado posteriormente.

Muitos dos novos espaços, representados pela cor amarela escura na Figura 1 ficam próximos aos rios Parnaíba ou Poti, populares opções de banho até a década de 1990. Relatos orais e jornais também apresentam as coroas<sup>95</sup> como locais de lazer que consistiam em trechos de terra no meio dos rios, resultados do processo de assoreamento, que eram acessados por meio de barcos. Apesar da popularidade, eram diversões possíveis apenas em determinadas temporadas, tendo em vista que, no período das chuvas, por volta de novembro<sup>96</sup>, elas eram cobertas pelo nível da água proveniente das chuvas no sul do estado, voltando a aparecer em junho, no início do período quente e sem chuvas.

Em junho de 1977, o jornal *O Estado* reclama a respeito da falta de lazer em Teresina, que consistia no Parque Zoobotânico, para aqueles que possuíam carro e no Estádio “Albertão”<sup>97</sup>, em dia de jogo. O fim das chuvas e o conseqüente surgimento das coroas era recebido em tom de comemoração<sup>98</sup>, pois os teresinenses teriam mais opções de banhos e as poucas roupas utilizadas eram tratadas como atração à parte, nos jornais. O jornal *O Estado* complementa essa notícia com a foto de três mulheres nas coroas trajando biquínis, e esse desnudar do corpo feminino, nos locais de lazer aquático, pode ser visto como reflexo do menor pudor vivenciado pelas mulheres, em relação às décadas anteriores, em que os trajes de banho respeitáveis deveriam cobrir barrigas e parte das coxas. Também é possível perceber, pelo jornal, como parcelas dos teresinenses viam a cidade, ou seja, um espaço que, apesar de todas

---

<sup>95</sup> Expressão popular e local utilizada para designar trechos de areia encontrados no meio de rios. Coroas têm causas naturais, mas também artificiais.

<sup>96</sup> RIOS enchem e “coroas” somem. *O Estado*. 4/5 nov. 1979, Nº 2027, p. 01.

<sup>97</sup> Estádio Governador Alberto Tavares Silva, popularmente conhecido como Albertão.

<sup>98</sup> LAZER: “coroas” chegaram no rio Parnaíba. *O Estado*. 5/6 jun. 1977, Nº 1320, p. 01.

as opções de lazer oferecidas, seria carente de grandes novidades e em que os espaços tradicionais estariam em estado decadente, precisando de investimentos.

As coroas tinham localizações modificadas de acordo com enchentes e movimento dos rios. Contudo, as mais frequentadas e fiscalizadas pelo poder público eram as que iam do prédio da Companhia Energética do Piauí (CEPISA)<sup>99</sup> até a ponte rodoferroviária, próxima à avenida Maranhão. Nesses espaços, ocorreram torneios de futebol e natação realizados pelo Corpo de Bombeiros, que teria como objetivo principal melhorar relacionamento entre banhistas e guarnição de salvamento. Todos os entrevistados frequentaram as coroas e afirmam que havia a impressão de que Teresina toda se encontrava naquele espaço. José Meireles, que também morou na cidade de Timon, no Maranhão, afirma que coroas também eram ponto de encontro de timonenses.

Jovens entrevistados afirmam que as coroas eram espaços de lazer acessíveis por pessoas de todas as situações financeiras, que o principal gasto era o de cruzar o rio nos barcos, o consumo de bebidas e comidas nas barracas de palha eram opcionais. Pedro Cipriano Arcoverde afirma que na adolescência costumava ir jogar futebol nesse espaço, mas como não sabia nadar, não se atrevia a beber. Humberto Rodrigues de Almeida e José Raimundo Meireles frequentavam, mas de forma escondida, pois alguns pais não permitiam que seus filhos fossem para as coroas desacompanhados, por conta dos afogamentos. Eram algumas das histórias não contadas por esses rapazes, mas constituídas como momentos fundamentais na formação de suas masculinidades. Amélio dos Santos, o mais novo do grupo de entrevistados, viveu sua adolescência durante a década de 1980 e ao comentar sobre as coroas, menciona os campeonatos de voleibol que ali eram organizados. De acordo com ele, nesse período, o esporte tinha grande espaço em Teresina, e o vôlei era praticado por quase todos os jovens, visto que as escolas tinham times representantes e as diversões poderiam ser estendidas ao período da noite.

Contudo, o uso de bebidas alcoólicas é tratado como perigoso problema das coroas do rio Parnaíba, denunciado, desde o início da década de 1970, pelo jornal *A Hora*: “Venda de bebidas alcoólicas é responsável pelos afogamentos e badernas ali registradas e é, ainda, atração para marginais e meretrizes”.<sup>100</sup> Segundo afirmações de entrevistados e de jornais, o problema teria sido recorrente por toda a década de 1970, até que, no ano de 1978, o Corpo de Bombeiros deixou de realizar o campeonato de futebol amador, justificando que, no início de trabalhos,

---

<sup>99</sup> Empresa de distribuição de energia elétrica que atuou no Piauí e em 2010 mudou de nome para Eletrobras Distribuição Piauí e posteriormente Equatorial Energia Piauí.

<sup>100</sup> POLÍCIA proibirá barracas e bebidas alcoólicas nas coroas. *A Hora*. 5 jul. 1972, p. 05.

nas coroas, em 1976, os afogamentos diminuíram, mas a situação foi agravada em anos posteriores<sup>101</sup>. Atribuíram a culpa do fim do campeonato ao canal de esgoto, que passou a circular no lado direito do rio Parnaíba. Apesar de representações encontradas nos jornais, nenhum dos entrevistados via as coroas como espaços que atraíam marginais e meretrizes. Roubo não eram frequentes, e quando as meninas das famílias de classe média frequentavam, era principalmente acompanhadas e vigiadas. Entretanto, a possibilidade de prostituição nesses espaços não é descartada, na medida em que os processos de negociação e consumação da prática sexual poderiam ser velados e afastados do olhar curioso dos garotos mais novos.

As críticas às coroas foram intensificadas por serem consideradas cartões postais da cidade e estariam sendo prejudicadas por barracas de palha, sem higiene e segurança.<sup>102</sup> Teresina, como única capital do Nordeste sem contato com o mar, tinha as coroas como principais opções aos banhistas. Jornalistas solicitavam maior estrutura e fiscalização por parte do poder público, além de reclamar da bebida alcoólica, principal responsável pelos casos de afogamento e pelas brigas denunciadas.

Outra opção de lazer, organizada pela Secretaria de Indústria e Comércio de Teresina no final da década de 1970, era a praia artificial, conhecida popularmente como “prainha” – localizada próxima ao Centro Administrativo da Avenida Maranhão –, que de acordo com beneficiários do espaço, teria encontros de pessoas com todos os níveis sociais, classes, cores e raças. Contava com quiosques, responsáveis pela venda de bebidas, refeições e aperitivos, salão de festas e espaços cobertos com areia, em que o público frequentador poderia levar suas cadeiras de praia. Além das barracas, vendedores ambulantes passavam a comercializar os produtos, de forma a oferecer produtos não ofertados pelos estabelecimentos. Humberto Rodrigues Almeida estudava em Pernambuco durante o funcionamento da prainha, mas afirma que, ao retornar para Teresina e perguntar para onde as pessoas jovens estavam indo, no momento, a prainha era a principal resposta.

Para solicitar barracas na prainha, os interessados deveriam inscrever-se nos editais disponibilizados pela Secretaria de Indústria e Comércio de Teresina. Entretanto, no período de férias de dezembro de 1981, para se candidatar ao uso de quiosques, era necessário que as pessoas possuíssem firma registrada e renda superior a 150 mil cruzeiros, além de documentos que comprovassem boa condição financeira. Dessa forma, percebe-se que nem todos puderam manter barracas na prainha, o que beneficiou pessoas como artistas plásticos e jornalistas, enquanto os ocupantes de edições anteriores ficaram sem espaços de comercialização, a optar

---

<sup>101</sup> BANHISTA fica sem a campanha de lazer. *O Estado*. 16/17 jul. 1978, Nº 1644, p. 01.

<sup>102</sup> Idem.

pela venda ambulante de alimentos.<sup>103</sup> O secretário da Indústria e Comércio afirma que buscavam reduzir preço dos alugueis, mas as reivindicações não podiam ser solucionadas. Observa-se que o espaço prainha era opção de lazer importante para a prefeitura, com suas tentativas de proporcionar lazer, e havia demanda populacional para que importantes eventos, como o carnaval, acontecessem lá,<sup>104</sup> e não em espaços tradicionais como a avenida Frei Serafim.

Quando questionados a respeito da prainha, os entrevistados informaram que, assim como as coroas, tratava-se de ambiente democrático, em que diversos públicos se encontravam. Os que tinham dinheiro consumiam os produtos disponibilizados pelas barracas, mas também era possível apenas passear pelo local e assistir a shows. Entretanto, nem todos tinham acesso a esse espaço, na medida em que faltavam linhas de ônibus para a população de bairros mais afastados. A decadência do espaço começou na década de 1980, entrevistados como Amélio dos Santos, que iniciaram a adolescência nesse período, não chegaram a frequentar a prainha.

Praças também eram representadas como alternativas de passeio e lazer para as famílias teresinenses. Conforme Márcia Santana, elas eram utilizadas para sociabilidades entre frequentadores de igrejas, após as missas. Uma das mais frequentadas era a praça Pedro II, que congregava em seu entorno os principais cinemas da cidade e era uma das mais movimentadas enquanto espaço de sociabilidade juvenil.<sup>105</sup> Sobre o flerte nesse espaço, Pedro Cipriano Arcoverde lembra que havia uma espécie de jogo entre homens e mulheres, em que homens ficavam parados, juntos, a flertar com as mulheres que circulavam pelo local, até que a situação se invertia, com eles circulando, enquanto elas ficavam paradas. Divisões socioeconômicas também podiam ser percebidas nesse espaço de diversão, conforme os jovens de famílias mais abastadas ocupavam as partes baixas da praça, enquanto grupos menos favorecidos economicamente circulavam nas partes altas e mais escuras.<sup>106</sup> A respeito da praça Saraiva, localizada no centro de Teresina, o jornal *O Dia*<sup>107</sup> retratava como espaço que deveria ser reformado pelas autoridades públicas:

Objeto de constantes críticas, às vezes até injustas, já que a Prefeitura cogita de fazer uma reforma, a Praça Saraiva ainda se encontra num estado lamentável. No local, um engraxate e mendigo leproso morreu na cadeira do seu trabalho e o objeto ainda permanece ali servindo de banco para namorados. O local se transformou num dos pontos de maior convergência de

<sup>103</sup> PRAINHA só terá um dos ex ocupantes. *O Dia*. 16 dez. 1981, Nº 7727, p. 07.

<sup>104</sup> CARNAVAL do povão. *O Dia*. 20 jan. 1983, Nº 8236, p. 06.

<sup>105</sup> SANTANA, 2008, p. 25.

<sup>106</sup> ARCOVERDE, Pedro Cipriano, 2020.

<sup>107</sup> PRAÇA Saraiva mais limpa. *O Dia*. Teresina, 13 fev. de 1974, p. 1.

namorados e as famílias que moram nas vizinhanças reclamam da liberdade que os casais adotam.<sup>108</sup>

Quando estudadas pelas fontes hemerográficas, as praças podem ser percebidas como espaços que precisam de atenção do poder público, para melhorias estruturais, controle de violência ou de comportamentos sexuais. Essas representações negativas retratavam acontecimentos ocorridos, principalmente, no turno da noite, enquanto durante o dia os espaços eram ocupados por jovens e adultos, em opções de lazer que poderiam envolver toda a família. José Meireles informa que enquanto os adultos assistiam à missa na Igreja do Amparo, os jovens circulavam na Praça da Bandeira, a flertar de forma parecida com a da Praça Pedro II. Esses locais eram ressignificados de acordo com horário, dia e público frequentador, e permitem perceber como os namoros do período da década de 1970 e 1980 estavam mais flexíveis.

Entre as opções exclusivas para os jovens e adultos de classe média, jornais teresinenses divulgavam estabelecimentos como bares, restaurantes e churrascarias. Segundo Humberto Rodrigues Almeida<sup>109</sup>, os locais retratados como churrascaria não necessariamente eram voltados exclusivamente para a alimentação, aos finais de semana, também funcionavam como espaços de lazer noturnos, com pista de dança, bebida e música. O entrevistado também afirma que a Beira Rio era frequentada, geralmente, por pessoas adultas, com condições financeiras para consumir os produtos daquele espaço, enquanto os jovens e menos abastados economicamente ficavam em um trailer de cachorro-quente na proximidade, a observar o movimento. O jornal *O Dia* informa sobre a churrascaria Beira Rio:

Beira Rio: Está situado na av. Maranhão, bem em frente ao Rio Parnaíba e é considerado o local mais "badalado" pela juventude de Teresina. nos fins de semana funciona a sua boate com músicas ao vivo e na área livre as mesas são totalmente preenchidas para uma cervejinha bem gelada. Servem-se, também, refeições. Ponte: Boate situada às margens do Rio Parnaíba, sob a ponte que liga Piauí ao Maranhão. Nos dias de semana a música é à fita, mas nos fins de semana apresenta um conjunto jovem. Às vezes apresenta algumas atrações artísticas e é o ponto de encontro da juventude teresinense. Motel Poty: Situado na Av. João XXIII, funciona diariamente como restaurante e, também, local de uma boa "paquera". A boate, bem decorada, funciona aos fins de semana com música e fita. Em seu 1º andar funciona o setor de hospedagens.<sup>110</sup>

O mesmo jornal, períodos depois, divulga:

<sup>108</sup> PRAÇA Saraiva: a decadência de um belo logradouro. *O Dia*. 6/7 jan. 1974, p. 05.

<sup>109</sup> ALMEIDA, Humberto Rodrigues, 2019.

<sup>110</sup> BEIRA Rio. *O Dia*. 05 jun. 1976, p. 7.

Roda Viva: É o ponto de encontro dos seresteiros. Ali um bom violão é puxado à cervejinha bem gelada. É local para velha e jovem guarda, apresentando roda de samba nas sextas e sábados. Está localizado no início da Avenida John Kennedy. Panorama: Funciona em um morro situado próximo à TV Rádio Clube, no bairro Cidade Nova. Sua boate é aberta nos fins de semana com música ao vivo. A vista é panorâmica e é ótimo local para se curtir boa noite.<sup>111</sup>

Beirra Rio, Churrascaria Ponte, Motel Poty, Roda Viva e Panorama tiveram divulgações recorrentes no jornal *O Dia*, entretanto, grande parcela populacional não tinha acesso a esses estabelecimentos, por questões etárias ou financeiras. Juventude é uma característica utilizada nas publicidades, de forma a determinar o público-alvo e constituir o corpo jovem como objeto de desejos para atrair novos consumidores, nos jornais havia a afirmativa de que jovens frequentaram e aprovaram os locais divulgados. Roda Viva, entretanto, busca identidades múltiplas, nas quais pessoas jovens e mais velhas compartilhariam o mesmo ambiente, unidas por interesses em comum: consumo de música acústica e cerveja. Panorama, ao contrário dos outros espaços, se promove apenas por características físicas do estabelecimento, sem determinar claramente públicos-alvo.

Maria João Cunha explica que o indivíduo moderno surge envolto em publicidade e, dessa forma, seu corpo vira objeto de idealização e, potencialmente, estigmatização, quando não for possível corresponder aos padrões da publicidade.<sup>112</sup> No caso da Beira Rio, Ponte e Motel Poty, juventude seria desejada, e velhice estigmatizada. A autora se baseia em textos de Jean Baudrillard e Pierre Bourdieu para discutir corpo na sociedade de consumo. O primeiro escritor referido entende o consumo como mera manipulação de signos e códigos, que teria mais a ver com satisfação de desejos do que com necessidades, enquanto o segundo autor estuda o *habitus* – estilo de vida particular das pessoas –, de forma a verificar como as características individuais seriam expressas no âmbito do trabalho e do lazer.

Ao relacionar as discussões de Baudrillard e Bourdieu, Cunha conclui que a classe dominante se distingue das classes dominadas por ter maiores oportunidades de conversão da força de trabalho para capital econômico, cultural, social, ou simbólico.<sup>113</sup> Dessa forma, se percebe que os teresinenses de grupos sociais em posição de dominação – que podem ser entendidos como homens brancos, heterossexuais e de classe média – puderam ter maior acesso aos espaços de lazer. Pierre Bourdieu explica:

<sup>111</sup> RODA Viva. *O Dia*. 17 ago. 1977, p. 08.

<sup>112</sup> CUNHA, Maria João, 2014, p. 63.

<sup>113</sup> CUNHA, Maria João, 2014, p. 67.

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele.<sup>114</sup>

Os princípios de dominação masculina envolvem violência física, mas também códigos como linguagem, que buscava legitimar formas de ser e agir femininas, e postura, nas quais os corpos são revestidos de significação social. Ao analisar o consumo de espaços teresinenses, é possível perceber que os homens, principalmente com boas condições financeiras, tinham maior liberdade. Mulheres, por mais que, em muitos casos, conquistassem direito de escolha dos cônjuges, roupas ou profissão, ainda possuíam limitações em relação aos ambientes frequentados. Pais, irmãos e maridos temiam “desvios” femininos, que poderiam ocorrer em ambientes de boêmia. Dentre as ameaças de “desvios” femininos, a maior delas era a prostituição. A limitação de circulação feminina também pode ser observada nos cinemas da cidade, de temáticas violentas ou sexuais, e em esportes como futebol, tidos como atividades de homens, principalmente.

Segundo Pedro Paulo de Oliveira, esportes serviriam para a disciplinarização dos corpos masculinos<sup>115</sup>, em que os métodos aplicados de forma constante possibilitariam o controle, impondo uma relação de docilidade e utilidade.<sup>116</sup> Por meio do esporte, os rapazes teriam acesso a entretenimento e também ao preparo físico que poderia ser destinado ao trabalho ou defesa da nação. A relação intrínseca entre consumo, masculinidade e esportes possibilitava a rapazes entender o futebol como importante confirmador de suas virilidades, em que afastados das meninas, estariam confraternizando com os seus iguais. A identidade masculina seria em grande parte constituída como uma negação do “outro”: negação dos espaços, gostos e comportamentos femininos, para que se afirmassem como superiores e dominadores.

---

<sup>114</sup> BOURDIEU, 2007, p. 7-8.

<sup>115</sup> Utiliza-se a discussão de disciplinarização dos corpos masculinos a ter em vista que os homens eram os principais participantes campeonatos esportivos organizados nas coroas.

<sup>116</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo de, 2004.

Jogar futebol foi fundamental para a consolidação de relações entre os entrevistados com outras pessoas de sua geração. Eram momentos de despreocupação e lazer, em que a escola ou trabalho não seriam importantes. Era uma brincadeira que reforçava identidades e espaços masculinos, na medida em que as garotas eram excluídas. Conforme entrevistados, elas brincavam de boneca, ou de desenho, com opções mais restritas. Na década de 1980, Amélio dos Santos já menciona a participação feminina nos campeonatos de vôlei, mas, mesmo nesse esporte, as disputas eram principalmente entre homens.

O futebol não é uma atividade isolada entre crianças e jovens. Por sua popularidade no Brasil, recebe sessões especiais em todas as fontes hemerográficas consultadas, que disponibilizam crônicas, tirinhas e informam a população sobre jogadores, técnicos e times. Por meio destas fontes, é possível perceber a posição central que o futebol ocupa nas opções de lazer do teresinense, seja praticando o esporte, acompanhando notícias ou assistindo aos jogos no Estádio “Albertão” – em que River, Tiradentes e Flamengo eram os principais times comentados.

Além de todas essas diversões que poderiam ser aproveitadas ao longo do ano, o carnaval teresinense movimentava grande contingente populacional, modificando espaços de lazer retratados anteriormente. No início do ano, jornais já noticiavam sobre sambistas em preparação, expectativas para Rainha do Carnaval e Rei Momo e informes para a população em relação aos horários reduzidos de funcionamento do cinema e outros locais, na intenção de preparar os foliões para a festa. A prefeitura também financiava o carnaval, mas com recursos limitados. Em meados de 1970, as duas escolas de samba com menor pontuação teriam que ceder espaço e recursos para outros blocos.<sup>117</sup>

Essa competitividade acirrava as disputas, fazendo com que os desfiles carnavalescos fossem cada vez mais criativos nos samba-enredo, histórico do grupo e cores oficiais, itens necessários para a inscrição de blocos de carnaval<sup>118</sup> – com prazo até o final de janeiro. Em contrapartida, com relação aos sambas-enredos produzidos por escolas de samba teresinenses, articulistas do jornal *O Dia* reclamavam da qualidade das músicas criadas para o carnaval, principalmente carioca, com duplo sentido e má qualidade.<sup>119</sup> Apesar de abordar músicas de outros estados, o jornalista critica a disputa de escolas, ao afirmar que estavam se tornando batalhas em que praticavam sabotagens e ameaças, por causa do dinheiro proveniente do samba.

---

<sup>117</sup> SAMBISTAS reunidos com comissão do carnaval. *O Estado*. 21 jan. 1976, Nº 945, p. 01.

<sup>118</sup> QUEM quiser participar do desfile... *O Estado*. 13 jan. 1978, Nº 1497, p. 02.

<sup>119</sup> MÚSICAS de carnaval agonizam no Brasil. *O Dia*. 25 jan. 1980, Nº 7169, p. 15.

Antônio Pereira<sup>120</sup> estudou fora do Piauí no final da década de 1970 e início de 1980, mas recorda que, durante o período do carnaval, voltava para Teresina com a intenção de acompanhar as festividades. Em 1978, foi convidado para desfilar pela escola *Sambão*, caracterizado de Adão e acompanhado de uma mulher fantasiada de Eva. Pessoas aglomeradas a seguir o desfile são memórias marcantes de Antônio, bem como a escolta policial para que pudesse chegar em sua casa com segurança. Apesar de ser uma cidade pequena em que “todos se conheciam”, segundo o próprio entrevistado, essa exposição pública com nudez parcial constituía-se como novidade. Antônio Pereira e outros entrevistados de classe média que tiveram a oportunidade de estudar fora afirmam sobre maior liberdade e menor pudor que encontravam em outras capitais, contrastantes com a situação de Teresina.

Segundo relatos de Antônio Pereira, divisões socioeconômicas eram perceptíveis entre as escolas de samba, com *Skindô*, *Sambão* e *Brasa Samba* representando grupos carnavalescos elitizados, enquanto *Escravos do Samba* e *Império do Samba* teriam menos recursos financeiros. Provocações entre integrantes dos grupos ganhavam páginas em sessões sobre carnaval, com a finalidade de divulgar suas escolas e aumentar as expectativas dos foliões em relações às festas. Em 1977, o presidente da escola *Brasa Samba* afirmava que queria entrar na avenida para fazer inveja à turma do *Sambão*, enquanto o presidente da *Escola Escravos do Samba* garantia sua vitória no rei e rainha do carnaval, com candidatos mantidos em segredo.<sup>121</sup> A expectativa do público era intensificada por volta de janeiro, mas os grupos responsáveis por desfiles tinham preparações anteriores, na escolha de representantes e confecção de fantasias. Além dos desfiles de escolas de samba, havia blocos dos sujos, curso e festas privadas, nos clubes da cidade, frequentadas principalmente pelas pessoas com melhores condições financeiras.

Com esses espaços de lazer estudados, é possível perceber como a cidade crescia e os jovens contavam com mais opções, na mesma medida em que ainda desejavam novidades. Nas décadas de 1970 e 1980, homens eram os principais frequentadores da esfera pública, mas mulheres estavam conquistando maior liberdade de circulação – percebida pelas fontes hemerográficas, com discussões sobre feminismo e até mesmo notícias de violência contra as mulheres em espaços públicos.

A cidade contava com diversões voltadas para elite e para pessoas com menores condições financeiras, mas isso não significa que todos os teresinenses tinham acesso ao lazer

---

<sup>120</sup> PEREIRA, Antônio. Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga. Teresina, 03 dez. 2019. Todos os entrevistados receberam pseudônimos.

<sup>121</sup> CARNAVAL 77. *O Estado*. 16/17 jan. 1977, Nº 1232, p. 06.

em espaços públicos, considerando questões de gênero, familiares, distanciamento geográfico ou falta de tempo disponível para diversões. Os espaços estudados no presente capítulo representam dimensões recreativas retratadas pelos entrevistados, sem associações diretas com violência ou sexualidade – essa não associação pode ter sido proveniente do pudor, ao dar entrevistas, ou da falta de experiências em ambientes sexuais e violentos. Cinema era uma opção de lazer que poderia envolver consumo de conteúdo violento ou erótico, a depender dos interesses dos frequentadores e, para estudar esse espaço, foram necessárias outras fontes e metodologias, como será demonstrado no próximo capítulo.

### **3 HISTÓRIAS QUE NOS CONTAVAM PARCIALMENTE: LAZER E CONSUMO DE CINEMA NOS CINES ROYAL E REX**

O objetivo do presente capítulo é perceber, por meio dos filmes exibidos no *Cine Rex* e *Cine Royal*, que tradições cinematográficas eram consumidas pela população teresinense, bem como eram constituídas as masculinidades exibidas em tela.<sup>122</sup> A escolha pelos dois estabelecimentos foi feita tendo em vista que foram os únicos com exibição contínua durante o período de 1976 até 1982. O Centro de Convenções, que também funcionava como cinema, passou por problemas técnicos<sup>123</sup> no ano de 1981 e, por conta disso, suspendeu os filmes, enquanto o *Cine São Raimundo*, também conhecido como *Cine “Baganinha”*, além de ter sido desativado, não divulgava as obras em cartaz nos jornais, o que impossibilitou a catalogação das fontes.

Teresina havia opções de cinema para pessoas pobres, de classe média e ricas. *O Cine São Raimundo*, que funcionou até a década de 1970, era localizado no bairro Piçarra e considerado como local de lazer dos mais pobres, por possuir menor estrutura física – era um estabelecimento de único andar, com projeções danificadas (eram enviadas ao São Raimundo após exibição em outros espaços, e era comum o público reclamar de cortes em cenas dos filmes), e ambiente descrito por alguns entrevistados como sujo.

*Cine Rex*, segundo relatos, era considerado um cinema intermediário, com obras populares em cartaz, mas que pessoas de classe média também frequentavam. O Cinema do Centro de Convenções, assim como o *Cine Royal*, eram considerados cinemas voltados para a elite – supostamente aqueles com os melhores filmes, das melhores tradições cinematográficas internacionais. Um dos objetivos do presente capítulo é verificar até que ponto essas divisões socioeconômicas e representações dos cinemas são verdadeiras.

Por mais que tentassem delimitar o público frequentador dos estabelecimentos, por meio de vestimentas ou valor dos ingressos, há relatos de pessoas com baixo nível socioeconômico que frequentavam os cinemas “de elite”, enquanto outras viam esses espaços como inacessíveis. Ao final da década de 1970, o cinema já era considerado a diversão mais cara da cidade, considerando que, em 1979, podia ser no máximo 30 cruzeiros, enquanto passeios ao zoológico e jogos de futebol no Estádio “Albertão” custavam 10 cruzeiros e 20 cruzeiros,

---

<sup>122</sup> O objetivo do presente capítulo é abordar apenas o consumo do cinema em Teresina, discussões aprofundadas sobre ficção e produção fílmica podem ser encontradas em: VIDAL, Gore. *De fato e de ficção: ensaios contra a corrente*. São Paulo: Companhia de Letras, 1987; MONTEIRO, Jaislan Honório. *Arte como Experiência: cinema, intertextualidade e produção de sentidos*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2017; ROSENFELD, Anatol. *Cinema: arte & indústria*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

<sup>123</sup> Uma peça do retroprojetor quebrou, e dependiam de importação para que o cinema voltasse a funcionar. CINE Centro de Convenções. *O Dia*. 03 jul. 1981, Nº 7589, p. 6.

respectivamente.<sup>124</sup> Nesse período, o Cine Royal cobrava no ato da entrada 5 cruzeiros a mais que o *Cine Rex*, mas essas seriam as únicas diferenças entre os estabelecimentos?

Os cinemas de Teresina, enquanto estabelecimentos comerciais, trabalhavam de forma a exibir principalmente filmes que estivessem inseridos no contexto de cultura de massas, ou seja, optavam por produções destinadas a aglomerados gigantescos de indivíduos.<sup>125</sup> A intenção era vender, atrair públicos cada vez maiores, e isso acontecia até mesmo nas sessões de “cinema de arte” – tidas como alternativas às elites, à qual nem todos teriam acesso. Esses filmes trabalhavam com modelos já conhecidos pelo grande público, mas também buscavam trazer novidades, pois era necessário surpreender, muito embora utilizando elementos com os quais os consumidores estivessem acostumados.

Contudo, o consumo desses filmes ocorria de forma aleatória e dependia das fitas que eram enviadas aos cinemas de Teresina. Nem tudo o que as pessoas desejavam assistir era exibido na capital, e algumas obras demoravam meses, ou anos, para que pudessem ser reproduzidas naqueles espaços. A respeito do que se entende por consumo, na presente dissertação, é necessário explicar que pode ser dividido entre consumo para necessidades básicas e consumo para entretenimento.<sup>126</sup> Todas as sociedades, de uma forma ou de outra, apresentam práticas consumistas, mas, no caso do cinema, é priorizada a análise do consumo de massa.

A respeito do cinema, relatos discordantes são apresentados. Em alguns momentos, o cinema é tido como sucesso entre os teresinenses, com formação de grandes filas em frente aos exibidores da cidade<sup>127</sup>, mas também é tratado como manifestação artística em crise, apesar do passado glorioso.<sup>128</sup> Reclamavam de espetáculos com péssima qualidade e desejavam mudanças, tanto no que diz respeito aos conteúdos exibidos quanto em relação estabelecimentos que não seriam confortáveis. O próximo tópico tem como objetivos entender de que forma o Cine Royal e o *Cine Rex* foram constituídos como opções de lazer e quem era o público consumia esses espaços.

### **3.1 O CINE ROYAL E O CINE REX**

<sup>124</sup> AUMENTA entrada de cinema. *O Estado*. 4/5 nov. 1979, Nº 2027, p. 01.

<sup>125</sup> MERENCIANO, Levi Henrique. *Cinema hollywoodiano e cultura de massa* – entre leitores, espectadores e expectativas. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/4419/3909>> Acesso em 04 fev. 2020.

<sup>126</sup> BARBOSA, Lívia. *Sociedade de consumo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

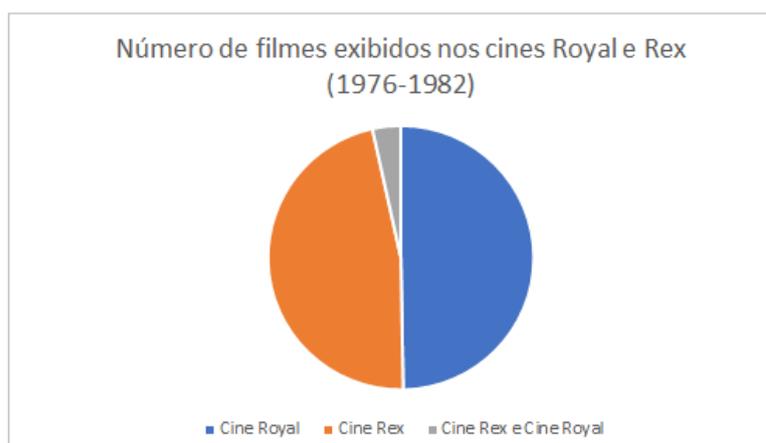
<sup>127</sup> CINEMA 77. *O Dia*. 24 dez. 1976, Nº 4674, p. 04.

<sup>128</sup> O cinema em crise. *O Estado*. 8/9 jun. 1980, Nº 2193, p. 10.

Apesar de serem estabelecimentos do mesmo grupo empresarial, *Cine Royal* e *Cine Rex* eram classificados de formas divergentes entre a população teresinense. O primeiro, considerado cinema de elite, era um espaço em que as pessoas ricas ou de classe média, homens e mulheres, frequentavam com roupas elegantes – há relatos de pessoas impedidas de assistir ao filme, por não estarem de sapatos, ou outras vestimentas consideradas adequadas. O segundo tratava-se de um ambiente em que o público frequentador era principalmente masculino, e em que as roupas dos clientes não seriam tão importantes. Ao analisarmos as fontes de forma quantitativa e qualitativa, levantamos algumas questões, que serão respondidas no decorrer do capítulo: os filmes exibidos levavam às diferenciações de público e estigmatização do *Cine Rex*? Havia semelhanças entre os cinemas? Quais os gêneros predominantes em cada um dos estabelecimentos? Quais as nacionalidades de produções exibidas? Entre outras perguntas.

Ao contrário do estudo de outros elementos culturais, a evolução de reflexões a respeito do cinema não segue progressões lineares, com escolas e movimentos bem delimitados, portanto, cabe a instrumentalização de amplos aportes teóricos, metodologia e fontes, com variação de acordo com temporalidades e espaços de produção dos filmes que foram consumidos. Durante os anos estudados, foram exibidos 879 filmes no *Cine Royal*, enquanto o *Cine Rex* teve 831 em cartaz. Apesar do número aproximado de exibições, uma análise detalhada desses dados nos permite verificar semelhanças e diferenças entre as duas instituições.

Figura 4



Fonte: Acervo Pessoal

De todos os filmes representados no gráfico acima, apenas 57 foram exibidos, tanto no Cine Royal quanto no *Cine Rex*, de forma concomitante ou não, sendo 35 deles para maiores

de 18 anos, enquanto 12 eram livres para todos os públicos e 9 com outras censuras. É possível perceber temáticas presentes em ambos os cinemas: religiosidade, representada por filmes como *A Primeira Missa* (1961) e *Jesus de Nazaré* (1977); faroeste, representada por filmes como *O Melhor dos Homens Maus* (1951) e *No Oeste Muito Louco* (1976); sexualidade, representada por filmes como *Ainda Agarro Esta Vizinha* (1974) e *O Sexomaníaco* (1977), que são do gênero comédia/erotismo, mas também podem ser considerados produções de pornochanchada – termo primeiramente utilizado pela mídia, para classificar de forma pejorativa obras de baixa produção que utilizavam o erotismo como maneira de atrair público<sup>129</sup>.

Essas informações nos fazem perceber que a divisão de público, bem como a estigmatização do *Cine Rex*, comparado ao *Cine Royal*, não era apenas por conta dos gêneros exibidos nos cinemas, mas também por socializações e regras de cada um dos estabelecimentos. Alguns entrevistados afirmam que, as sessões do *Rex*, praticamente não eram frequentadas por mulheres, por conta da predominância de filmes de faroeste, *kung fu* ou com teor sexual. Eles também explicam que essa ausência diminuía em épocas de comemorações religiosas, como a Semana Santa, quando os filmes exibidos eram sobre religião. Outros entrevistados afirmam que mulheres costumavam assistir a filmes com temática da sexualidade, desde que acompanhadas de seus namorados. O comportamento sexual no cinema será objeto do próximo capítulo, mas, no momento, é importante entender como os públicos do *Cine Royal* e *Cine Rex* eram constituídos. Com os filmes cada vez mais completos, mais “realistas”, o cinema ganhou espaço na sociedade, com temáticas sobre amor, sexualidade, luta<sup>130</sup> e atores/atrizes com reconhecimento e prestígio entre as pessoas.

Outro ponto recorrente da fala dos entrevistados é que os melhores, mais premiados e mais esperados filmes seriam exibidos principalmente no *Cine Royal*, com suas sessões de “Coruja de Arte”, nas noites de sextas-feiras e “Cinema de Arte”, nas manhãs de sábados. Sobre essa temática, Pedro Cipriano Arcoverde afirma que, nessas sessões, exibiam filmes dos grandes diretores e grandes escolas de cinema, como a *Nouvelle Vague* francesa, neorrealismo italiano, cinema novo do Brasil, além de filmes musicais como de Pink Floyd, Led Zeppelin e Janes Joplin. Essas sessões eram espaços de encontro e flerte de jovens da classe média e elite teresinense, em que, bem vestidos, entravam em contato com grandes novidades do cinema

---

<sup>129</sup> Utilizaram o prefixo “pornô”, contração de pornografia, ao lado de “chanchada”, que faz referência à filmes de comédia produzidos no Brasil em meados do século XX. Mais informações em: GOMES, Romulo Gabriel de Barros, 2017.

<sup>130</sup> MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

brasileiro e do mundo. Os filmes exibidos, nestas sessões, seriam, supostamente, contrapontos em relação às produções de pornochanchada, faroeste e kung fu exibidas em outros horários e cinemas. Contudo, continuavam, por vezes, dando ênfase a conteúdos sexuais, de forma a atrair público:

Figuras 5 e 6 – Propagandas de filmes com imagens sexuais<sup>131</sup>



Fonte: Arquivo Pessoal

A imagem acima é uma divulgação do jornal *O Estado*, a respeito do filme *A Francesa Insatisfeita*, exibida no Cine Royal no dia 03 de maio de 1980, com censura para maiores de 18 anos. Não foi possível encontrar mais informações a respeito do filme em questão, entretanto, outras obras também exibidas na sessão Cinema de Arte foram *Amor Não... Ainda Sou Virgem*, *Quero Uma Noiva Nudista* (1969), *Caçado Até a Morte* (1972), *Fantasma da Liberdade* (1974), *Mania de Grandeza* (1971), *O Diabo a Quatro* (1933), *A Noite Americana* (1973) e *Uma Gata no Cio*. A sexualidade também é percebida como uma temática regular nos filmes voltados à elite, que eram vistos por mulheres. Não havia grandes restrições à presença feminina, desde

<sup>131</sup> CINE Royal. *O Estado*. 3 mai. 1980, Nº 2168, p. 10 e CINE Royal. *O Estado*. 12 mar. 1980, Nº 2129, p. 13.

que acompanhadas, ou em ambientes como o Cine Royal, supostamente voltados à classe média, com exibições de longas-metragens tidos como de qualidade técnica superior.

As fontes hemerográficas do período nos fazem perceber o quanto o consumidor de cinema teresinense estava conectado com produções e premiações de nível mundial. O jornal *O Dia* veiculou notícias a respeito do Festival de Cannes, realizado na França<sup>132</sup>, e havia informações sobre diretores participantes, enredo de filmes e países inscritos. Abordou, também, diretores, como Alfred Hitchcock<sup>133</sup> e os prêmios conquistados por seus trabalhos. O público leitor de jornais frequentemente tinha acesso a artigos de opinião, um deles, de um autor não identificado, teria classificado o filme *Último Tango em Paris* (1972) como um "soco na tradição", escandaloso ao brasileiro e, principalmente ao teresinense, por supostamente não estar indo ao cinema<sup>134</sup> e por assistir às produções exibidas de forma atrasada<sup>135</sup> – o filme em questão só veio a ser exibido em Teresina no ano de 1980.<sup>136</sup>

O jornal *O Estado* também reforçou a ideia de conexão entre consumidor teresinense e produções exteriores, tendo em vista que divulgava informações sobre grandes lançamentos de filmes norte-americanos<sup>137</sup> e artigos com sinopses de filmes<sup>138</sup> – estratégia de divulgação das produções do Cine Royal –, além de informações sobre longas-metragens exibidos e premiações. Esses jornais abordavam obras que seriam do interesse do público, sem a garantia de que elas seriam reproduzidas em território piauiense. Em junho de 1976, o jornal *O Dia* noticiou sobre *As Aventuras Amorosas de um Padeiro* (1976), de Nelson Pereira dos Santos, mesmo diretor de *O Amuleto de Ogum* (1975)<sup>139</sup>. Meses depois, ao comentar novamente a respeito do cinema nacional, solicitou que fossem exibidos em Teresina *Iracema* (1979), que ainda não havia sido lançado em outros lugares, e *O Amuleto de Ogum*<sup>140</sup>. Além das

<sup>132</sup> FESTIVAL de Cannes inicia seus programas. *O Dia*. 16 mai. 1981, Nº 7551, p. 07.

<sup>133</sup> ALFRED Hitchcock, comendador de artes e letras. *O Dia*. 2 jul. 1976.

<sup>134</sup> Existe divergência entre a abordagem deste jornalista e de outros. Para ele, o teresinense não era consumidor de cinema, enquanto outras notícias do mesmo período abordam as filas na frente do Cine Royal e do Cine Rex bem como o interesse das pessoas pelos filmes, apesar do preço caro.

<sup>135</sup> Contudo, esse atraso na exibição pode ser percebido como ato de censura, tendo em vista as polêmicas cenas – sexo violento com penetração anal –, que foram liberadas, apenas anos após a exibição em outros países. O entrevistado Humberto Rodrigues Almeida nos informou que a censura, aliada às matérias de revistas e jornais, despertaram a curiosidade de vários jovens em relação à obra: eles liam o livro que inspirou o *Último Tango em Paris*, debatiam com amigos da escola e aguardavam a liberação em Teresina. ALMEIDA, Humberto Rodrigues. Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga. Teresina, 12 nov. 2019. Todos os entrevistados receberam pseudônimos.

<sup>136</sup> SOCO na tradição. *O Dia*. 14 fev. 1980, Nº 7187, p. 08.

<sup>137</sup> A BOMBA do ano será o exorcista número 2. *O Estado*. 22 jan. 1976, Nº 946, p. 07.

<sup>138</sup> CINEMA: Cine Royal. *O Estado*. 8/9 mai. 1977, Nº 1318, p. 6.

<sup>139</sup> *O Dia*. 13 jun. 1976, Nº 5408, p. 15.

<sup>140</sup> *O Dia*. 24 dez. 1976, Nº 4674, p. 4. Dentre os filmes solicitados, *As Aventuras Amorosas de Um Padeiro* foi exibido em 1977 no Cine Centro de Convenções, *Iracema – A Virgem dos Lábios de Mel* foi exibido no Cine Royal em 1979 e *O Amuleto de Ogum* foi exibido no Cine Rex em 1977.

reivindicações de filmes, informavam a população teresinense a respeito de festivais brasileiros, como o circuito nacional de *super-8*, e novos diretores, como por exemplo Tânia Quaresma<sup>141</sup>, que havia lançado filme sobre a literatura de cordel. Dessa forma, percebe-se que consumir cinema era um hábito que poderia ultrapassar as paredes dos Cines locais. Tal consumo poderia ocorrer por meio das notícias e revistas que liam, conversas e flertes pelas praças da cidade, informações trocadas na hora do intervalo escolar e no costume de ouvir os programas de rádios. Humberto Almeida destaca a importância do rádio para noticiar à população:

o rádio era uma fonte de informação muito grande pra nós. Muito, muito, muito importante. Lá a gente ficava sabendo onde tinha festa, onde tinha festejo, qual era o filme do dia. E tinha uns programas sobre cinema, eu lembro de um programa que tinha, não lembro se era sábado à tarde ou se era domingo, do Mauro Junior, que era um cronista social aí [...] ele tinha um programa, que se chamava [...] A Sétima Arte, alguma coisa assim. Então ele dava notícias, o que estava passando na cidade, quais eram os horários, quem eram os atores, quem eram as atrizes, se tinham ganho algum prêmio...<sup>142</sup>

Entende-se que no período estudado a televisão já era realidade para alguns dos moradores de Teresina, mas rádio e jornais impressos continuavam como as principais fontes de informação, sobre filmes, futebol ou festas da cidade. Humberto Almeida, pessoa de classe média, afirma que, no final da década de 1960 e início de 1970, sua família já possuía televisão em casa, mas o sinal era ruim, retransmitido de São Luís e de Fortaleza. Apenas em 1972, a emissora piauiense TV Clube foi fundada. No período, alguns órgãos públicos tinham aparelhos televisores, assim como praças, para que os taxistas tivessem entretenimento e pudessem cuidar do aparelho. Aos mais pobres, cabia acompanhar as programações nesses espaços.

A copa do mundo era um período em que era intensificada a preocupação com a compra de aparelhos televisores. Para a copa de 1978, a prefeitura de Teresina teria adquirido 7 novas televisões, e recuperado outras 10 que estavam com defeito. Ao todo, 16 bairros foram contemplados: Real Copag, Água Mineral, Piçarreira, Alvorada, Três Andares, Matinha, Alto Alegre, Primavera, Poty Velho, Mafrense, Nazária<sup>143</sup>, Parque Piauí, Redenção, Fátima e Nova Brasília. O bairro Buenos Aires, à época dividido entre parte nova e parte velha, teria recebido dois aparelhos televisores<sup>144</sup>, guardados em estrutura de madeira e trancados com correntes. A televisão pública era realidade em praças da cidade de Teresina, mas na década de 1980, jornais

<sup>141</sup> *O Dia*. 29 jun. 1976, Nº 4520, p. 15.

<sup>142</sup> ALMEIDA, Humberto Rodrigues, 2019.

<sup>143</sup> Atualmente é um município emancipado da cidade de Teresina.

<sup>144</sup> TELEVISORES nos bairros para o povo ver a copa. *O Estado*. Teresina, 31 mai. 1978, Nº 1604, p. 07.

noticiavam que esses aparelhos estavam sendo destruídos por vândalos – iam para conserto e não voltavam – ou furtados.<sup>145</sup>

Essa relação entre o consumo de cinema nacional e em escala mundial pode ser explicada por meio das reflexões de Stuart Hall (2006), considerando que o autor aborda a globalização – um processo em que os acontecimentos e produções ultrapassam fronteiras nacionais, de forma a ligar o globo – como seria responsável por identidades partilhadas, consumidores dos mesmos bens, clientes para os mesmos serviços e públicos para as mesmas mensagens e imagens.<sup>146</sup> Dessa forma, a conexão de produções presentes em todos esses países estaria alterando as identidades e formas de viver da população teresinense, público consumidor.<sup>147</sup> Uma análise das nacionalidades de produções exibidas no *Cine Royal e Cine Rex* nos ajudam a perceber como os filmes produzidos nos Estados Unidos eram os mais consumidos em Teresina.

O jornal *O Dia*, ao questionar o que estaria acontecendo com os filmes nacionais, afirma que as obras de cunho popular, como as pornochanchadas, que monopolizavam a atenção de produtores, exibidores e público consumidor faziam parte de um gênero cinematográfico que explorava a comédia aliada à sexualidade.<sup>148</sup> O jornalista Alberto Veiga continua a criticar, devido à longa exibição do filme *As Desquitadas*, que teria ficado mais de quatro semanas em cartaz, quando haviam fitas inéditas. De acordo com ele, isso teria ocorrido pelo fato de que a produção se enquadrava na onda “pornô”, embora seja apenas ridículo.<sup>149</sup>

O *Cine Rex* recebeu a fama de ambiente inadequado para determinados grupos, entretanto, ao consultar fontes hemerográficas, compreende-se que ambos os espaços reproduziam filmes com temática adulta. A pesquisa quantitativa ajuda a perceber quais os gêneros eram os mais populares em cada um dos estabelecimentos, informações importantes, a levando em conta que os gêneros e subgêneros<sup>150</sup> eram divulgados com a intenção de atrair público consumidor dessas obras.

---

<sup>145</sup> FAMÍLIAS pobres ficam sem televisor público. *O Dia*. 24/25 mai. 1981, Nº 7557, p. 08.

<sup>146</sup> HALL, Stuart, 2006, p. 74.

<sup>147</sup> Para mais informações sobre Cinema Marginal e utilização de Super-8 para produção de filmes teresinenses: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar, 2007.

<sup>148</sup> Esses filmes foram associados com as chanchadas, comédias da década de 1940 e 1950, caracterizadas pelo mal acabamento e forte apelo popular, e dessa forma ficaram conhecidos midiaticamente como Pornochanchadas. GOMES, Romulo, 2017, p. 14.

<sup>149</sup> *O Dia*. 18 mai. 1976, Nº 4485, p. 15.

<sup>150</sup> O gênero fílmico é uma palavra ou mais que explica o “tipo” do filme exibido. Pode ser filme de ficção científica, filmes de gângster e suspenses. Comédias românticas, suspenses políticos e filmes de invasão alienígena são considerados subgêneros. EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. *A linguagem do cinema*; tradução: Francine Facchin Esteves. Porto Alegre: Bookman, 2013.

De acordo com os autores Robert Edgar-Hunt, John Marland e Steven Rawle (2013), os gêneros fílmicos funcionam de forma a alimentar o apetite dos consumidores de cinema, orientando-os às obras com públicos específicos. Dessa forma, ao serem informados dos gêneros, anteciparão algumas informações a respeito dos filmes, como ambientes físicos, locações típicas e visuais dos personagens. Por exemplo, os filmes de faroeste são mundos cinematográficos próprios compostos por chapéus de vaqueiro, cavalos, bares e xerifes em um passado histórico específico, enquanto filmes de ficção científica estão ligados a noções de futuro.<sup>151</sup>

Essas classificações em gêneros fílmicos ajudam a definir limites para a história, que, de acordo com os autores supracitados, podem ser alterados, mas não ultrapassados. A identificação do público consumidor com as obras é algo desejado pelos diretores, e os gêneros auxiliam nesse processo. O público dos Cines Royal e Rex costumava ter algumas informações prévias a respeito do filme (no período divulgavam cartazes com cenas variadas impressas), mas sem conhecimentos excessivos, para que ainda houvesse o fator surpresa durante as exhibições. No caso de Pedro Cipriano Arcoverde, quando ainda era adolescente, teve seu interesse pelo cinema despertado por filmes de faroeste e kung fu, portanto, dava prioridade a esses gêneros quando estavam em cartaz.

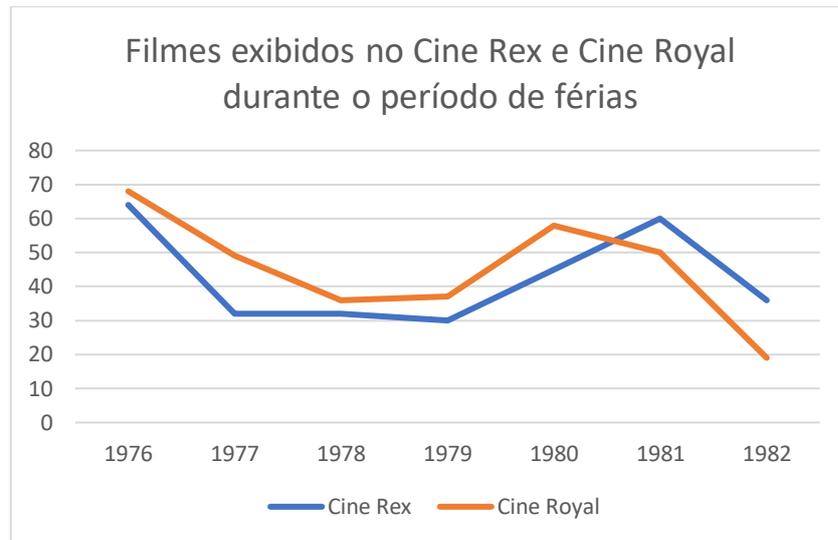
O *Cine Royal* realmente investia em filmes que eram acessíveis para toda a família, como desenhos animados, obras do gênero ação e comédia. Produções dos Trapalhões, estreladas por Renato Aragão<sup>152</sup> eram reproduzidas com frequência, assim como os filmes internacionais. Entretanto, esse estabelecimento veiculou mais obras eróticas que as encontradas no *Cine Rex*, que tinha como principal produto cinematográfico os filmes de faroeste e Kung Fu, normalmente com censura às pessoas menores de 18 anos, e com temáticas parecidas entre si. É importante verificar a exibição de filmes em ambos os estabelecimentos, durante o período de férias, para analisar quais ofereciam mais opções:

---

<sup>151</sup> EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven, 2013.

<sup>152</sup> Ator, diretor, comediante e humorista brasileiro que ganhou fama com a série de filmes dos Trapalhões.

Figura 7



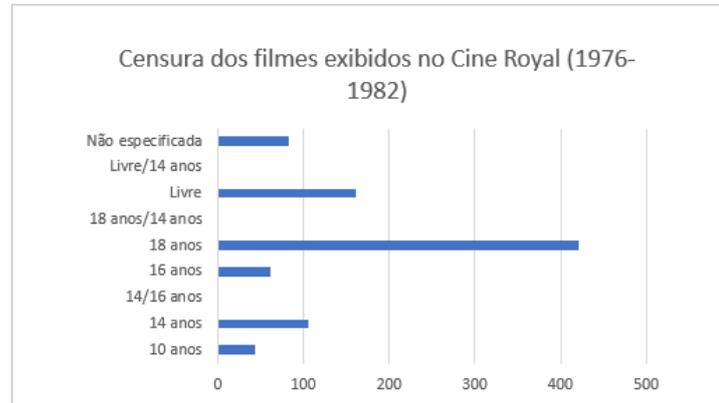
Fonte: Arquivo Pessoal.

Houve pequena variação no número de filmes exibidos com o passar dos anos, mas o cine Royal contava com maior número de gêneros exibidos. Apesar de programações similares – alguns filmes eram exibidos no *Cine Rex*, semanas após a exibição no *Cine Royal*, e vice-versa –, os cinemas recebiam diferentes significações, da população ou da mídia. Segundo o jornal *O Dia*, durante o período de férias, empresas como *Royal* e Cinema do Centro de Convenções tentavam atrair o público infantil<sup>153</sup>, enquanto isso o *Cine Rex*, indiferente a essa parcela populacional, continuava exibindo apenas obras como *Django* (1966), *Noite das Taras* (1980) e outras pornochanchadas.<sup>154</sup> As tabelas abaixo demonstram a faixa etária dos filmes:

<sup>153</sup> A prática de reservar sessões para as crianças inicia-se no início do século XX, na medida em que havia tentativa de separar o espaço de lazer das crianças e dos adultos. Neste período, elas eram retiradas do espaço noturno, das festas carnavalescas e dos bailes – onde seria inconveniente menores de 12 anos. QUEIROZ, Teresinha, 2008. No cinema a criação de sessões voltadas para as crianças aconteceu para que elas se interessassem pelo cinema e fossem protegidas de conteúdos não adequados para suas idades.

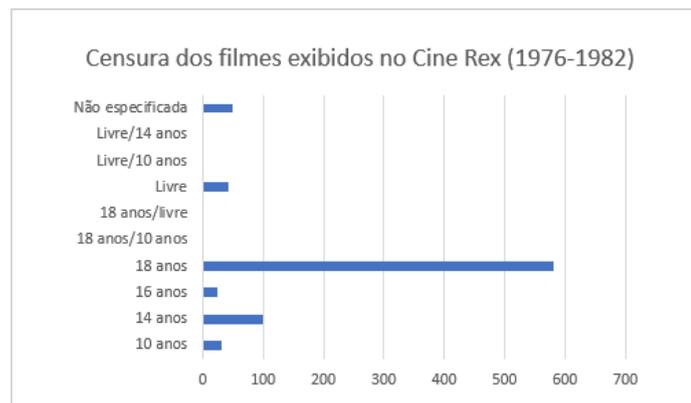
<sup>154</sup> *O Dia*. 13/14 dez. 1981, Nº 7725, p. 7.

Figura 8



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 9



Fonte: Arquivo pessoal.

Com base nesses dados, percebe-se que, no Cine Royal, 421 filmes foram destinados a maiores de 18 anos, enquanto no Cine Rex foram 581. Entretanto, é possível perceber algumas tentativas de fazer com que as salas de cinema também fossem utilizadas pelas crianças, nas férias escolares de dezembro de 1981, o jornal *O Dia* divulgou que em Teresina as empresas exibidoras de filmes estariam buscando maneiras de atrair o público infantil, normalmente acompanhado pelos pais. Afirmou também que no Cine Royal as crianças assistiriam *007 – Somente Para Seus Olhos* e *Os Saltimbancos Trapalhões*, enquanto no Cine Centro de Convenções seriam exibidos filmes como *O Corcel Negro*. A notícia é concluída informando que o Cine Rex continuava ignorando o público infantil, exibindo obras como *Django*, *Noite das Taras* e outras pornochanchadas.<sup>155</sup>

<sup>155</sup> CINEMAS buscam atrações em períodos de férias. *O Dia*. 13/14 dez. 1981, Nº 7725, p. 07.

Nessa notícia, é possível perceber novamente a diferenciação de representações do Cine Rex em relação aos outros cinemas da capital. O Royal é retratado como um espaço para o público infantil, contudo *007 – Somente Para Seus Olhos*, utilizado como exemplo de filmes acessíveis para crianças, foi exibido com censura para maiores de 14 anos, e *Noite das Taras*, pornochanchada para maiores de 18 foi exibida no Cine Royal. De fato, no período estudado o Rex exibiu apenas 43 filmes voltados para todas as idades, enquanto o Royal exibiu 162. Havia um pequeno espaço para crianças no Cine Royal, tanto ele quanto o Rex destinavam poucas das suas sessões para os menores de idade, constituindo-se, assim, como estabelecimentos de lazer dos adultos.

Havia a preocupação de que crianças não assistissem a filmes com temáticas violentas ou sexuais e, no século XX, os jovens e suas necessidades educacionais já ocupavam posições centrais nos lares. Essa preocupação com educação infantil não é uma característica inata aos seres humanos<sup>156</sup>, e grupos midiáticos estimulavam que o ensino das crianças também partisse dos pais<sup>157</sup>, ou denunciavam jovens que não estivessem recebendo assistência familiar ou de instituições voltadas aos cuidados de menores de idade.<sup>158</sup> O aumento da liberdade feminina, em que muitas mulheres, por necessidade financeira ou escolha própria, assumiram empregos na esfera pública da sociedade, resultou em menos tempo para mulheres cuidarem do lar e dos filhos. Em uma propaganda de creche divulgada no jornal *O Dia* de 1981, percebe-se que o texto estava destinado às mães, de forma a ignorar o papel masculino na educação dos filhos, o que demonstra como essa atividade era considerada principalmente como feminina<sup>159</sup>. Entretanto, nem todas as famílias possuíam condições de matricular seus filhos em creches, o que resultava em maior liberdade para crianças e adolescentes, mesmo com jornais alertando os pais sobre preocupações com a educação dos filhos.

Entrevistados afirmam que, durante a adolescência, era incomum a presença de pais os acompanhando nas salas de cinema e, apesar da censura, eles tinham mecanismos para entrar em filmes voltados às pessoas mais velhas: Pedro Cipriano Arcoverde diz que aumentava a idade em um ou dois anos. José Meireles explica que fazer amizade com os funcionários dos cinemas era uma boa alternativa, tendo em vista que alguns não estavam preocupados com as

---

<sup>156</sup> De acordo com Philippe Ariès, a noção de infância é uma construção social do século XIX. Anteriormente, os jovens eram inseridos nos meios dos adultos, sem grandes proteções e aprendiam por meio da convivência, e a partir do século XIX, famílias passaram a levantar cada vez maiores preocupações em relação a proteção e educação dos filhos, a organizar-se em torno da criança. ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Tradução: Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

<sup>157</sup> ESCOLA não substitui o lar. *O Dia*. 12 nov. 1977, Nº 4939, p. 15.

<sup>158</sup> MENOR ainda é problema sem solução. *O Dia*. 21 jul. 1976, Nº 4540, p. 08.

<sup>159</sup> CRECHE. *O Dia*. 07 nov. 1981, Nº 7695, p. 04.

idades mínimas necessárias para entrada em sessões com filmes violentos ou de temática sexual. Humberto Rodrigues Almeida, ao ser questionado sobre o assunto, afirma:

Não tinha esse negócio de autorização da família, você apresentava a sua carteira de estudante, onde tinha lá o porteiro que recebia o ingresso e olhava se era estudante ou se não era, e tinha ali um comissário do Juizado de Menores, que ficava olhando, às vezes ele via e “deixa eu ver sua carteira, você não pode entrar”. Barrava muita gente, então tinha uma estratégia, eu comecei a ter barba e bigode muito cedo, por exemplo, acho que com 13 anos, 12 anos [...] então aí eu não pagava meia entrada, aí eu conseguia entrar com 12, 13 anos, eu conseguia entrar naqueles filmes com censura até 14, e com 15, 16 acho que eu conseguia entrar nos filmes que tinham censura até 18. Mas havia restrição e não lembro de ter presenciado em nenhuma vez, pai ou mãe indo levar o filho para que ele pudesse entrar.<sup>160</sup>

Jornais denunciavam essa prática entre os jovens, mas sem grandes efeitos para solucionar a situação. Afirmavam que, quando os menores não conseguiam assistir aos filmes destinados para maiores de 18 anos em Teresina, por conta da atuação do Juizado de Menores, recorriam ao Cine Rex de Timon<sup>161</sup>, em que supostamente não havia rígido controle da entrada de jovens. Essa informação não foi confirmada pelos entrevistados, a maioria desconhecia o Cine Rex de Timon, e outros afirmaram que não era necessário ir até lá, já que era possível assistir a filmes violentos ou de temática sexual em Teresina.

Outra denúncia feita pelos jornais é a de que os menores de idade, mesmo não frequentando filmes para maiores de 18 anos, ainda tinham acesso a esse conteúdo por meio dos trailers<sup>162</sup> exibidos em outras sessões. Durante as sessões livres ou de até 16 anos, os trailers de filmes pornográficos exibiam cenas de sexo explícito, como forma de chamar a atenção do público.<sup>163</sup> A notícia do jornal *O Estado*, de 1982, também afirma que em Teresina o menor de 18 anos não entrava nos cinemas teresinenses que exibiam filmes pornográficos – informações questionadas por entrevistados e outras fontes – e que a maior parte dos filmes exibidos na cidade explorava o sexo.

O *Cine Rex* de Timon, quando divulgou em território teresinense o filme *Depravação*, em novembro de 1981, informou “pela primeira vez nos cinemas brasileiros um filme realmente

<sup>160</sup> ALMEIDA, Humberto Rodrigues, 2019.

<sup>161</sup> "TRAILLERS" de filmes censurados em sessões livres. *O Estado*. 14 jul. 1982, Nº 2809, p. 04.

<sup>162</sup> Pequeno trecho de filmes utilizado para comprovar a qualidade dessas obras e despertar interesse dos públicos. Foi utilizado para resolver dois problemas dos exibidores: informar dos lançamentos e fazer com que o espectador retorne, e inserir intervalos entre exibições dos filmes, que antes eram contínuas. SANTOS, Márcio Carneiro dos. *O trailer, o filme e a serialidade no modelo dos blockbusters do cinema hollywoodiano contemporâneo*. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/24>> Acesso em 04 fev. 2020.

<sup>163</sup> "TRAILLERS" de filmes censurados em sessões livres, 1982, p. 04.

PORNÔ. O primeiro a receber classificação de filme pornográfico do Conselho Superior de Censura”. Ao exibir *Orgia das Libertinas*, no mesmo período, utilizou a descrição “tudo que você já fez, ouviu dizer e viu nas revistas de sexo, é pinto perto deste”. Dessa forma, o público frequentador tinha garantias de novas experiências sexuais, talvez até então desconhecidas por seus amigos e familiares.

Percebe-se a flexibilização de entrada em filmes para maiores de 18 anos principalmente no caso dos homens. No período, havia mecanismos que reforçavam, estimulavam ou, pelo menos, ignoravam a prática sexual masculina, entendendo-a como natural – prática indispensável para a confirmação de virilidade – enquanto a sexualidade feminina ainda era reprimida. As salas de cinema funcionavam como uma forma de reprodução dessa dicotomia entre os gêneros, na medida em que filmes sexuais ou violentos deveriam ser evitados pelas mulheres, especialmente quando desacompanhadas. Na esfera pública, elas poderiam ser estigmatizadas, ao interessar-se por práticas sexuais, filmes de luta ou, quando mais novas, brincadeiras entre os meninos. Dessa forma, como a presença feminina era verificada em grande número no *Cine Royal* e não no *Cine Rex*, se ambos exibiam produções parecidas com faixas etárias parecidas?

Diferentes fatores influenciaram na estigmatização no *Cine Rex* como, por exemplo, o fato de que os filmes sem temática sexual ainda abordavam violência, o grande número de obras de faroeste e kung fu, a presença majoritariamente masculina tornava o ambiente perigoso e indesejável às mulheres quando desacompanhadas e ainda a pouca quantidade de filmes com censura livre. Em períodos posteriores ao recorte da pesquisa, no declínio do *Cine Rex*, passaram a exibir apenas filmes pornográficos, o que pode ter criado memórias enganosas em relação ao estabelecimento. Contudo, a utilização do sexo para atrair público, nos dois estabelecimentos, também pode ser verificada pelas imagens abaixo:

Figuras 10 e 11 – Cartazes de filmes com a mesma imagem<sup>164</sup>



Fonte: Acervo pessoal

Trata-se da divulgação dos filmes *Amor não... Ainda Sou Virgem* e *Mulheres Violentadas*, exibidos nos Cines Royal e Rex, respectivamente. O mesmo cartaz foi utilizado para ambas as produções, apesar dessa imagem ser capa do filme *Alucinada pelo Desejo*. Nas divulgações, os estabelecimentos cinematográficos tinham a opção de não inserir fotos, apenas informações como sinopses, horários, atores e diretores das obras. Quando os funcionários dos cinemas ou jornalistas optaram por inserir imagens falsas, para chamar atenção do público consumidor, reforçaram a ideia de que o erotismo era uma das características necessárias para o sucesso de bilheteria. Contudo, se em alguns casos, havia intenção de expor conteúdo erótico, em outros ele era suprimido. Quando divulgaram *Fêmeas Violentadas – Tortura Cruel*, suprimiram a parte que aborda estupros de mulheres, para que parecer que o filme era apenas sobre tortura.<sup>165</sup>

Em contrapartida aos cines Rex e Royal, o Cinema do Centro de Convenções exibia principalmente filmes como *La Luna* (1979), *Pixote*, *A Lei do Mais Fraco* (1980), *Como Eliminar seu Chefe* (1980) e *O Iluminado* (1980). Eles não são da mesma nacionalidade, ou gênero cinematográfico: *La Luna* é um filme italiano de drama, dirigido por Bernardo Bertolucci; *Pixote*, *a Lei do Mais Fraco* é drama/filme policial, de origem brasileira, dirigido por Héctor Babenco; *Como Eliminar seu Chefe*, dos Estados Unidos, foi dirigido por Colin Higgins; *O Iluminado*, filme britânico/estadunidense, foi dirigido por Stanley Kubrick.

Dessa forma, é possível concluir que não havia a intenção de reduzir as exibições a um único gênero ou nacionalidade no Centro de Convenções. Entretanto, dos cinemas analisados, esse era o único que não exibia pornochanchadas até o início da década de 1980, apesar de elas serem produções de grande bilheteria no Brasil. As justificativas para essa escolha não estão

<sup>164</sup> CINE Royal. *O Estado*. 7 jul. 1979, Nº 1927, p. 10 e CINE Rex. *O Estado*. 3 jul. 1979, Nº 1923, p. 10.

<sup>165</sup> CINE rex. *O Estado*. 18 dez. 1981, p. 11.

nas páginas do jornal *O Dia*, contudo, supõe-se que havia a tentativa de separar os públicos, evitando aqueles que buscavam sexualidade explícita. Para maior análise da situação, verifica-se o enredo do filme *La Luna*, que não era divulgado nos jornais:

Recentemente viúva, a grande estrela de ópera americana Caterina (Jill Clayburgh) viaja com seu filho adolescente em turnê para a Itália. Absorvida em seu trabalho, ela fica chocada quando descobre que seu filho se tornou um jovem solitário e problemático, viciado em heroína. Suas tentativas desesperadas de salvá-lo das drogas transforma-se numa relação incestuosa, mas também cria a possibilidade de apresentá-lo a seu pai biológico.<sup>166</sup>

Na fonte hemerográfica consultada, há apenas o cartaz do filme, a indicar título, diretor, atores, horários, foto de uma mãe com roupa íntima, com uma das mãos na cabeça de seu filho, com a frase “entre mãe e filho. Entre o delicado e extremo do amor”. Ao analisar rapidamente, não parece uma obra que retrate relações incestuosas ou uso de drogas (ao contrário das pornochanchadas, em que era comum a preocupação de afirmar a conotação sexual dos filmes, tendo em vista que era isso que atraía público).

As outras obras, apesar de não abordarem diretamente conteúdos sexuais, possuíam enredos obscuros, como *Pixote*, que retratava um menino abandonado de 11 anos, que vivia na rua e atuava como traficante, assassino e cafetão. Em *O Iluminado* há um personagem transformado em maníaco homicida que persegue a própria família. *Como Eliminar seu Chefe*, de enredo mais leve, retrata três secretárias que se unem para sequestrar o chefe e forçá-lo a fazer melhorias em seu escritório.

Apesar das supostas tentativas de não ser classificado como espaço de cunho erótico, a programação do Cinema do Centro de Convenções também possuía filmes que discutiam sexualidade, novos padrões familiares e uso de drogas. Assuntos que estavam em debate e amedrontavam parcelas da população piauiense, principalmente na década de 1970, com discussões a respeito da revolução sexual, cultura *hippie* e divórcio. Em 1980, obras como *Internato das Meninas Virgens* já tinham espaço nas telas do Centro de Convenções.

### 3.2 OS FILMES DE FAROESTE ITALIANOS E NORTE-AMERICANOS

Um dos gêneros cinematográficos mais populares exibidos em Teresina, durante a segunda metade do século XX, o *western*, popularizado como “filmes de faroeste”, que também aparecem nas fontes classificados com o gênero ação, aventura ou drama. Exibidos

---

<sup>166</sup> *LA Luna*. Disponível em: <[www.adorocinema.com/filmes/filme-1584/](http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1584/)> Acesso em jun. 2019.

principalmente nos cines Royal e Rex, atraíam grande público, que consumia histórias de *cowboys* comumente representados em chapéus, roupas de couro e botas. Esse consumo ia além do cinema, na medida em que os jovens também tinham acesso às histórias de revistas em quadrinhos. Pedro Cipriano Arcoverde, grande fã do segmento faroeste, informa que lia revistas do *Lone Ranger* – que, por conta das dificuldades de tradução da palavra *Ranger*, foi chamado de Zorro, o Justiceiro Mascarado ou Kid Roger em território brasileiro – *Durango Kid* e *Rocky Lane Western*. Esses quadrinhos, populares entre os jovens, serviam como introdução ao mundo do faroeste, e poderiam apresentar cenários também explorados nos filmes: o velho oeste, espaço que seria a fusão de diferentes épocas e regiões dos Estados Unidos, em um único lugar mítico e atemporal.<sup>167</sup>

Familiarizados com o universo do faroeste, os jovens trocavam experiências sobre os materiais que consumiam, com indicações de filmes, escambos de quadrinhos e relatos sobre personagens preferidos que povoavam seus imaginários. A figura do *cowboy* como o herói solitário, forasteiro e preparado para conflitos armados foi responsável pelo estabelecimento de modelos de virilidade almejados entre muitas crianças e adolescentes do gênero masculino, primeiramente seguindo o exemplo do *cowboy* estadunidense, que seria parcialmente substituído pelo italiano, por conta do sucesso que fizeram as produções do gênero faroeste daquele país.

Dessa forma, objetivo deste tópico é analisar o consumo dos filmes de faroeste, com suas origens nos Estados Unidos e entender a influência dessas produções em outros países, principalmente na Itália, famosa pelo subgênero faroeste *spaghetti*.<sup>168</sup> A repercussão desse gênero é tamanha que pode ser observada na produção brasileira de filmes – informação explorada no tópico sobre o cinema brasileiro, posteriormente. Sobre esse assunto, Pedro Cipriano Arcoverde afirma:

A partir da segunda metade da década de 1960, o que predominava em termos de cinema, o que ficava em cartaz eram os cinemas do faroeste, né? Em um primeiro momento o faroeste americano, e depois veio o faroeste italiano, chamado faroeste spaghetti, isso veio num momento em que o cinema, o faroeste americano já estava em uma fase assim de decadência, um pouco morto, e o faroeste italiano digamos assim, ele revigorou esse gênero do

<sup>167</sup> VUGMAN, Fernando Simão. Western. IN: MASCARELLO, Fernando (org.). *História do cinema mundial*. Campinas: Papirus, 2006.

<sup>168</sup> Subgênero usado para classificar filmes italianos que também abordavam enredo, estética e personagens do gênero faroeste. Recebeu a classificação de *spaghetti* de forma pejorativa, sendo tratado como piada e subgênero das produções estadunidenses, até que, durante as décadas de 1960 e 1970, passou a ser mais valorizado. No Brasil, também poderia ser chamado de banguê-banguê à italiana. VIDIGAL, Alex; DRAVET, Florence. O bom, o mal ou o diferente: as transformações do gênero western pelo faroeste italiano. *Comunicologia*. V. 6, n. 1, 2013.

cinema, com outra leitura. Eu costumo fazer essa seguinte comparação: enquanto o faroeste era um filmezinho das pessoas, era sempre o bom moço, o herói e o vilão, normalmente o herói era um xerife, mas muito bem vestido, inclusive com colete, gravata, às vezes até de paletó, e o vilão era descrito sempre como o bandido, como uma pessoa suja, já o faroeste spaghetti, o italiano, não havia uma diferença nítida entre o herói, o mocinho e o vilão. Todos eram ao mesmo tempo bons e maus, então isso deu uma renovada nesse gênero do faroeste, por conta do chamado spaghetti italiano, e um dos grandes diretores responsáveis por essa girada, esse giro copernicano do cinema do gênero faroeste foi justamente o Sergio Leone, um dos grandes cineastas que a partir de obras como *Três Homens em Conflito*, *Por um Punhado de Dólares*, *Por Uns Dólares a Mais*, *Era uma Vez no Oeste*, fez com que surgissem muitas produções, aí também não só boas produções, mas também produções ruins.<sup>169</sup>

Os filmes de Sergio Leone abordados no comentário acima foram exibidos nos cinemas de Teresina *Por um Punhado de Dólares* (1964), no Cine Rex em 1982 e *Por Uns Dólares a Mais*, no Cine Royal em 1980, enquanto não há registros de que *Era uma Vez no Oeste* tenha sido exibido em Teresina de 1976 até 1982. Pedro Arcoverde nos informa sobre a substituição de preferência das tradições cinematográficas estadunidenses para italianas, no que se trata do gênero faroeste, mas isso teria ocorrido de forma abrupta ou gradual? Como outras culturas se apropriaram de elementos presentes em território estadunidense? Qual influência o cinema *western* dos Estados Unidos teve no mundo? Reflexões importantes para melhor compreensão da temática.

De acordo com Fernando Simão Vugman, o faroeste dos Estados Unidos retrata realidades presentes no país a partir do século XIX, considerando que as guerras contra os nativos teriam se concentrado entre 1860 e 1890. Dessa forma, por um curto período, fazendeiros, cowboys, xerifes, índios, mineiros, pistoleiros e trabalhadores de estradas de ferro foram contemporâneos uns dos outros, povoando o imaginário popular por meio das obras de ficção, que retratavam conflitos armados, disputas por território e modelos masculinos – estimulados e questionados.

A fala de Pedro Cipriano Arcoverde aborda principalmente a década de 1960, período de sua infância e de maior interesse por esse tipo de gênero. No período em que ele mais consumia filmes *western*, assistia a filmes como *No Tempo das Diligências* (1939), obra responsável por uma experiência cinematográfica que marcou sua memória: em uma das cenas, em que uma das carruagens (diligências) caía em um precipício, a imagem teria sido tão real que Pedro Arcoverde, ainda criança, se abaixou na poltrona do cinema, temendo ser atingido.

---

<sup>169</sup> ARCOVERDE, Pedro Cipriano, 2020.

Para muitos, os cinemas eram diversões novas, e a tecnologia envolvida no processo de exibição dos filmes era tão interessante quanto os enredos.<sup>170</sup>

As nossas fontes nos fazem perceber que o faroeste continuou sendo sucesso de bilheteria durante as décadas de 1970 e 1980, mesmo com a maioria dos filmes recebendo censura para maiores de 18 anos, por causa das cenas violentas. Esses ambientes eram majoritariamente masculinos, com algumas presenças femininas. Pedro Cipriano Arcoverde relata casos em que foi ao cinema assistir filmes de faroeste com uma tia mais velha. Mas como esses espaços se constituíam como principalmente masculinos? O conteúdo dos filmes influenciava nisso?

De acordo com Antoine de Baecque<sup>171</sup>, o *western* seria o único gênero cinematográfico que, por longevidade e influência nas sociedades ocidentais, teria representado a virilidade no conjunto de todas as suas possibilidades. Apesar de algumas limitações da afirmação, considerando que novos modelos de virilidade são reinventados constantemente, percebe-se que boa parte do que é ser viril para o século XX foi explorado pelos filmes do velho oeste.

Segundo análises utilizadas pelo supracitado autor, o velho oeste seria um espaço afastado da civilização, em que os homens agem como homens e mulheres agem como mulheres. O abalo dessas estruturas bem definidas de gênero não ocorreria com frequência em filmes de faroeste, na medida em que, apesar de reivindicações feministas da segunda metade do século XX, as obras retratavam temporalidades não determinadas. Os homens desse gênero cinematográfico teriam virilidades imponentes e sérias, que poderiam se estender a todo o espaço do ar livre e morrer quando fosse preciso. Para Antoine de Baecque, o apogeu da virilidade nas telas seria o momento do duelo entre *cowboys*: dois homens, a certa distância um do outro, avaliando-se silenciosamente, com igualdade de armas e rivalidade intimidadora. Eles aproximam-se lentamente, até que em determinado momento, as mãos ativam-se, suas armas brilham e o tiro é disparado. Esse modelo pode ser encontrado em diversos filmes da mesma temática.

A personalidade dos personagens principais tem muitos traços recorrentes, como, por exemplo, John Wayne, que, de acordo com Guacira Lopes Louro, teria uma figura grande e maciça, com jeito de andar e olhar usualmente duros e sérios, com poucos risos e palavras, além

---

<sup>170</sup> No início do século XX, a população teresinense ficava admirada com o maquinário exibidor de filmes, que era transferido das capitais ao interior. Portanto, o cinema era raro e curioso. Apenas algumas décadas depois, com o aperfeiçoamento dos aparelhos de projeção visual, os enredos passaram para o primeiro plano de consumo, de forma a destacar atores e atrizes. QUEIROZ, Teresinha, 2008.

<sup>171</sup> BAECQUE, Antoine de. Projeções: a virilidade na tela. IN: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

do modo desajeitado de demonstrar afeto. Para ela, esse modelo teria sido expandido para representações da nacionalidade estadunidense. Entretanto, segundo Antoine de Baecque, a grande contribuição do *western* moderno teria sido a criação de heróis vulneráveis, que seriam enfraquecidos, não necessariamente jovens ou com preparos físicos de filmes anteriores.

No período pós-guerra até a década de 1970, segundo Fernando Simão Vugman, é possível perceber algumas dessas mudanças no que se trata dos personagens de faroestes. Na década de 1960, o gênero não conseguia mais acompanhar a modernização e revolução de valores dos Estados Unidos. O personagem principal dos faroestes sai da posição de semideus, desterritorializado, em relação às comunidades e salvador forasteiro, ao passar a ser um trabalhador contratado próximo à população. Pedro Cipriano Arcoverde, em sua fala, aborda o período em Estados Unidos diminuem a produção de *western*, enquanto Itália estava no auge das produções. As fontes hemerográficas confirmam a situação, na medida em que no território teresinense os filmes italianos foram mais consumidos que estadunidenses.

Apesar do sucesso de público, o *spaghetti* italiano recebeu esse nome de forma pejorativa, e a crítica tratava essas obras como rebaixamento dos padrões representados pelo faroeste clássico, dos Estados Unidos. Jornalistas norte-americanos utilizavam expressões jocosas para que esse gênero, quando produzido na Europa, fosse visto como uma categoria cultural inferior. Críticos especializados estadunidenses chegavam a discutir se essas obras do *spaghetti* eram ou não arte, na medida em que, por terem sido produzidos longe dos Estados Unidos, não seriam boas.<sup>172</sup> Entretanto, fontes hemerográficas, entrevistados e autores consultados são unânimes ao afirmar como a produção europeia foi bem sucedida, e destacam principalmente a figura de Sergio Leone<sup>173</sup>, com suas obras populares.

Elementos presentes nas obras de Sergio Leone foram recorrentes nos filmes produzidos na Itália e em outros países, tendo em vista que eram filmes populares e com limitações técnicas. Neles, havia menos diálogos, por conta do costume de não gravar as cenas com som direto das locações. Os aparelhos gravadores de som sincronizado com as cenas eram caros, e os diretores dublavam seus trabalhos em inglês, francês, italiano, alemão e outras línguas.<sup>174</sup> Dessa forma,

---

<sup>172</sup> CARREIRO, Rodrigo. Do Desprezo à Glória: O Spaghetti Western na Cultura Midiática. *Revista Baleia na Rede*. Vol. 1, nº 6, Ano VI, Dez/2009.

<sup>173</sup> A obra de Sergio Leone, por ter recebido maior repercussão em outros países, é analisada por alguns autores como distinta de outros diretores italianos. IN: COMBOW, Robert C. *The Films of Sergio Leone*. Lanham, Maryland: The Scarecrow Press, 2008. Contudo, não há como negar a influência desse diretor no cinema spaghetti. De acordo com Rodrigo Carreiro, outros diretores se influenciavam em Sergio Leone tanto no estilo quanto no aspecto narrativo.

<sup>174</sup> CARREIRO, Rodrigo. Os sons da continuidade intensificada: o caso de Sergio Leone. Disponível em: <[http://www.academia.edu/download/32162412/Os\\_sons\\_da\\_continuidade\\_intensificada\\_o\\_caso\\_de\\_Sergio\\_Leone\\_-\\_Rodrigo\\_Carreiro.pdf](http://www.academia.edu/download/32162412/Os_sons_da_continuidade_intensificada_o_caso_de_Sergio_Leone_-_Rodrigo_Carreiro.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2020.

exploravam as cenas de ação com maior ênfase que as produções estadunidenses e podiam utilizar outros recursos para compensar a pequena quantidade de falas. Sergio Leone é considerado por Rodrigo Carreiro como um dos primeiros diretores a utilizar ruídos para intensificação do roteiro, com portas rangendo, botas batendo e animais fazendo barulho.

### 3.3 OS FILMES DE KUNG FU

Dentre os filmes exibidos em Teresina de 1976 até 1982, um dos gêneros que teve maior sucesso foi o de filmes de Kung fu. Entretanto, não foi possível encontrar na internet informações a respeito de algumas obras em cartaz. Essa falta de informações acontece porque versões brasileiras desses gêneros recebiam outros nomes, quando dubladas, normalmente títulos genéricos – é comum encontrar inúmeras referências a dragões, guerreiros de Shaolin, tigres, vingança, impérios e outros temas, recorrentes em obras de Kung fu e que, quando ressaltados nos títulos das obras, chamavam atenção do público consumidor.

Exemplos dessa falta ou confusão de informações são os filmes *Kung fu Contra o Império do Crime* e *Kuan – O Matador Chinês*, exibidos no Cine Rex, nos anos de 1977 e 1979, respectivamente. Essas duas obras têm seus cartazes disponíveis na internet e somente procurando por seus títulos originais, divulgados nos cartazes, foi possível encontrar dados como ano de lançamento, gênero e país de produção. O primeiro filme, dirigido por Rolf Bayer, tem *The Kill* (1975) como título original, e percebe-se que recebeu mais de uma tradução em território brasileiro: *Kung fu Contra o Império do Crime* e *Assassinato em Hong Kong*. O segundo, dirigido por Chang Cheh, foi originalmente chamado de *Vengeance* (1970). Ao contrário de produções ocidentais, o gênero Kung fu não é explorado nos bancos de dados cinematográficos utilizados nesta dissertação, apenas os mais famosos recebem espaço – portanto, grande parte desses filmes não têm sessões de lançamento, gênero e nacionalidade especificados, mas ainda assim é possível identificar essas obras como pertencentes ao segmento Kung fu, por títulos, imagens dos jornais e temáticas exploradas.

De acordo com José Meireles, o Kung fu fez grande sucesso em território teresinense. Exibido de forma principal no Cine Rex, conseguiu ultrapassar a sala de projeção desse estabelecimento e fazer parte da vida de seu público consumidor.<sup>175</sup> As brincadeiras das crianças e adolescentes revelavam o impacto desses filmes: em suas ruas, ou nas praças principais, era possível ver jovens imitando os golpes exibidos nas telas. Na medida em que

---

<sup>175</sup> MEIRELES, José Raimundo, 2019.

esses gestos teatrais eram encenados pela cidade, esses meninos criavam novos padrões de masculinidade, e por meio do consumo de massa, distanciavam-se cada vez mais do que era exigido às gerações anteriores.

Os jovens desse período, ao entrarem em contato com jornais, revistas, programações de televisão e filmes, tornavam-se cada vez mais autoconscientes em relação a suas imagens. A tendência ocidental de visualizar corpos enquanto projetos, que devem ser aprimorados esteticamente, nunca havia estado tão forte e, nesse período, por mais que ainda cobrassem mais da estética feminina<sup>176</sup>, também influenciavam comportamentos e desejos de homens. Os corpos, construídos e decorados de acordo com as emoções individuais e necessidades de cada um<sup>177</sup>, ganhavam destaque por meio do cinema e viravam objetos de desejo, sexual ou estético. Uma das grandes diferenças que o consumo de filmes de Kung fu proporcionou é que as influências estéticas enviadas à população passariam a ser tanto ocidentais como orientais.

Essa dinâmica pode ser verificada por meio da figura de Bruce Lee, que segundo Antoine de Baecque, teria nos golpes de Kung fu uma revolta do Terceiro Mundo contra a dominação dos machos ocidentais na tela. Apesar de ter nacionalidade americana, quando passou a trabalhar em Hong Kong, Bruce Lee alcançou o status de maior celebridade chinesa do mundo. Com o seu corpo pequeno (1,72 m), mas músculos definidos, poderia ser considerado representação do combate assimétrico dos pobres do Terceiro Mundo contra potências norte-americanas<sup>178</sup>, de homens grandes e cheios de músculos. Entrevistados confirmam essa análise e explicam a fixação dos jovens do Cine Rex em relação aos filmes de Kung fu: neles, a pessoa magra, pequena e aparentemente mais fraca lutava de igual para igual com vilões numerosos e musculosos, e isso poderia mexer com o imaginário do teresinense consumidor de cinema, na disputas do dia a dia.

A globalização, apesar de desigualmente distribuída, tornou possível essa influência de identidades em território teresinense por meio do consumo de massa. De acordo com Stuart Hall, quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos e imagens, mais as identidades tornam-se desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicas,

---

<sup>176</sup> Jornais teresinenses destinavam notícias e anúncios a respeito de estética especialmente às mulheres, de forma a indicar que elas eram as mais preocupadas com aparência, e, conseqüentemente, principais consumidoras de produtos estéticos e academias. A Academia Help, ao divulgar seus serviços, direciona ao público feminino; modelos explicavam para as mulheres como manter boa forma, a ter em vista que corpos “bonitos” e esbeltos poderiam ser conquistados por qualquer mulher; anúncios associavam magreza com juventude. HELP. *O Dia*. 05 nov. 1980, Nº 7397, p. 10. LUIZA Brunet ensina como manter a forma. *O Dia*. 26 jul. 1983, Nº 5590, p. 07. ADIVINHE: quem é a mais jovem? *O Dia*. 21 jan. 1983, Nº 8327, p. 12.

<sup>177</sup> CUNHA, Maria João, 2014, p. 99-100.

<sup>178</sup> BAECQUE, Antoine, 2013.

parecendo flutuarem livremente.<sup>179</sup> Essa afirmação explica como alguns entrevistados, consumidores dos filmes de Kung fu identificavam-se com essas obras, enquanto outros mal abordavam o gênero. Na medida em que identidades “flutuavam”, alguns eram influenciados por essas obras em maior quantidade que os outros. Uns preferiam os filmes de faroeste aos de Kung fu, outros criticavam todas essas obras, as considerando menos importantes por serem produções de baixo orçamento. Entender alguns aspectos do gênero Kung fu auxilia a percepção de como elas eram recebidas em Teresina.

O principal contato de teresinenses com o cinema oriental foi por meio dos filmes do gênero kung fu, inspirados em artes marciais chinesas e relacionados com o cinema de Hong Kong. Contudo, também é possível perceber exhibições no Cine Rex de filmes desse gênero produzidos em Taiwan. O imaginário ocidental a respeito dessa obras é envolvido principalmente pelo trabalho de Bruce Lee e Jackie Chan, mas é importante perceber que, em Hong Kong, nas décadas de 1950 e 1960, se produziam filmes do gênero musical e melodrama, mas a partir da década de 1970, aproveitaram o sucesso dos filmes de samurai e espadachins para produção do gênero kung fu, sem abandonar outros gêneros.<sup>180</sup>

Os filmes de gangues receberam cada vez maior espaço, focando nas produções relacionadas com Shaolin – nome de um templo com treinamentos de luta. Chang Cheh foi a grande contribuição para o retorno dessa modalidade de filmes. Mas de acordo com Sek Kei, o *kung fu* de Shaolin encontrado nas telas é, em sua maior parte, não genuíno, mas fabricado.<sup>181</sup> Dessa forma, dispositivos midiáticos multiplicaram Shaolin e o tornaram uma marca internacional. Isso pode ser percebido na medida em que, dos filmes exibidos no Cine Rex, 48 fazem referência direta a Shaolin, já nos títulos das obras.

Assim como nos filmes de faroeste, o kung fu era considerado um gênero que servia apenas para a diversão do público espectador, enquanto nas outras obras era possível admirar cinema enquanto arte. Pedro Cipriano Arcoverde afirma que, no período da infância e da adolescência, não se imaginava indo até o Cine Royal, por acreditar que aquela diversão com obras renomadas, por não ter preço acessível, não lhe pertencia. Via aquele espaço como voltado para “pessoas com classe” e continuava assistindo aos filmes de faroeste e kung fu nos Cines Rex e Baganinha. Já percebemos, por meio da quantificação de filmes exibidos nos estabelecimentos Royal e Rex, que as distinções de projeções exibidas nestes locais não eram

---

<sup>179</sup> HALL, Stuart, 2006, p. 75.

<sup>180</sup> FURTADO, Filipe. Uma cidade no limite. IN: BEZERRA, Julio; FURTADO, Filipe. *Cidade em chamus: o cinema de Hong Kong*. Firula: Rio de Janeiro, 2018.

<sup>181</sup> KEI, Sek. A criação do mito de Kung League e Shaolin. IN: BEZERRA, Julio; FURTADO, Filipe, 2018.

tão grandes, mas sessões como Coruja de Arte e Cinema de Arte faziam com que o Cine Royal fosse tratado como estabelecimento com exibição de obras superiores. Como funcionavam essas sessões? Quais tradições cinematográficas eram exibidas?

### 3.4 CINEMA ESTADUNIDENSE, INFLUÊNCIAS, CONTESTAÇÕES E DISPUTAS GLOBAIS

A maior parte dos filmes exibidos nos cines Royal e Rex eram provenientes dos Estados Unidos, que, após crises no final da década de 1960<sup>182</sup>, passaram a predominar no comércio de cultura de massa por meio dos *blockbusters*, que traduzidos como “sucessos de público”, são filmes que têm como público alvo audiências massivas, se tornando praticamente impossível não conhecê-los.<sup>183</sup> Essas obras, exibidas nos dois principais cinemas analisados, são representadas por filmes como: *Tubarão* (1975) e *King Kong* (1976). O Cine Royal, por sua vez, exibiu com exclusividade *O Poderoso Chefão 2ª Parte* (1974) e *Guerra nas Estrelas* (1977), enquanto o Cine Rex focava em produções de outras nacionalidades e de menor repercussão. O Cine Royal teve 348 filmes dos Estados Unidos, enquanto o Rex exibiu apenas 73.

De acordo com Julian Stringer, esses filmes são distintos por anunciarem-se dessa forma. Eles constituem o tipo de cinema mais público que existe, sendo que parte da atração do gênero é a habilidade de exibir seus bens e falar com voz alta.<sup>184</sup> Esses filmes expõem as pessoas a algo nunca experienciado, e desde a década de 1970, em que obras deste estilo popularizaram-se, conquista cada vez mais fãs e críticos. Quando comparados com os filmes de faroeste e kung fu com baixos orçamentos, os *blockbusters* estadunidenses eram tidos como preferências de algumas parcelas consumidoras nos cines Royal e Rex. O enredo destes filmes que focalizavam elementos como grandes catástrofes, monstros gigantes ou aventuras espaciais contribuíram para a forma com que personagens masculinos e suas representações foram alteradas.

Nas tradições existentes, principalmente no cinema dos Estados Unidos, a virilidade masculina foi afetada. Os filmes antigos, de faroeste, por exemplo, em que os homens eram tratados como espécies de semideuses, desterritorializados e prontos para salvar comunidades inteiras, foram substituídos por obras de catástrofe em que esses personagens masculinos talvez

---

<sup>182</sup> De 1915 a 1950, período considerado como Cinema Clássico de Hollywood, estava ocorrendo a diminuição do público consumidor, que pode ser explicada pelos roteiros com repetições e popularização da televisão. Com isso, os estúdios tiveram que fazer modificações e optaram pelo modelo *blockbuster* de produções. LIMA, Natália Ghignone de. *Cinema norte-americano: a franquia Star Wars e o consumo*. Monografia - Universidade de Brasília, Departamento de História, Brasília, 2014.

<sup>183</sup> STRINGER, Julian. *Movie blockbusters*. Londres: Routledge, 2003.

<sup>184</sup> STRINGER, Julian, 2003.

não fossem o suficiente para salvar a civilização. O que interessava neste ponto, além de pessoas inspiradoras representadas nas telas, era a capacidade do cinema de chocar o público, de entregar cenas cada vez mais elaboradas do ponto de vista técnico, construir visualmente novos mundos e situações que antes só estavam presentes na imaginação.

Esses filmes estão de acordo com a percepção de Jean-Claude Bernardet a respeito do cinema enquanto mercadoria. O autor afirma que essa área cultural teria sido sucesso de vendas devido às facilidades que a possibilidade de tirar cópias de fitas representaria para vendas e distribuição dos trabalhos cinematográficos. Para ele, ocorria a dominação, por meio do cinema, e essa dominação iria além da economia, também era dominação global, que formava gostos e acostumava ritmos. Apesar das crises e críticas enfrentadas por *Hollywood*, esse cinema atingiu mercados mundiais, a ser combatido ou absorvido em outros países.

Em meados do século XX, a Itália passou pelo centrismo, que teria se prolongado até 1962, e com ápice entre 1948 e 1953. Trata-se de um período em que o mercado cinematográfico italiano foi invadido e predominado por produções hollywoodianas. A Itália, sem subvenções para produção e comercialização de filmes nacionais e dominada por um sistema de censura<sup>185</sup>, tinha dificuldades na produção de um cinema local. Dificuldades desse gênero podem ser pioradas por lógicas capitalistas: os filmes dos Estados Unidos, que foram financiados naquela região, já haviam pago suas despesas e, por conta disso, poderiam ser comercializado em outras regiões de forma mais barata, enquanto os filmes italianos – ou brasileiros, como veremos posteriormente – ainda disputavam recursos em seus países de origem para pagamento de despesas.<sup>186</sup>

Em contraponto à predominância de filmes estadunidenses em território italiano, surgiu o neorrealismo – que era uma prática cinematográfica com a intenção de inserir elementos de realidade em peças de ficção. Surgiu após a segunda guerra mundial e foi uma reação não apenas à presença esmagadora de filmes dos Estados Unidos, mas também ao governo autoritário que não favorecia a indústria nacional italiana. Os métodos neorrealistas baseavam-se em modos de produção que não necessitavam de grandes recursos financeiros, e abordavam homens comuns.<sup>187</sup> Contudo, devido às perseguições que o gênero sofreu e pouco acesso nas salas de cinema, o neorrealismo entrou em decadência ainda na década de 1950. Mariarosaria

---

<sup>185</sup> As forças conservadoras, no poder, não queriam ser questionadas e utilizavam da censura para evitar exibições de filmes em que o povo era protagonista. Mais informações em: FABRIS, Mariarosaria. Neo-realismo italiano. IN: MASCARELLO, Fernando (org.), 2006.

<sup>186</sup> BERNARDET, Jean-Claude. *O que é Cinema*. 10. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>187</sup> KREUTZ, Katia. *Neorrealismo Italiano*. Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/neorrealismo-italiano/>> Acesso em 09 fev. 2020.

Fabris explica que, com a popularidade do centrismo, o neorealismo via-se privado de sua principal motivação ideológica. Alguns dos seus diretores foram Roberto Rossellini, Vittorio De Sica e Federico Fellini. Apesar do rápido declínio, o movimento representou sinais de mudança cultural e foi um dos influenciadores tanto da *Nouvelle Vague* francesa quanto do Cinema Novo brasileiro.

O movimento *Nouvelle Vague*, ou “nova onda”, teria surgido na França, no final dos anos 1950 e início de 1960 – com dispersão neste período. Trata-se de uma organização cinematográfica em que os autores tinham o desejo de gravar em locações reais, ao abordar temas de cunho social. Muitos diretores também participavam de outros movimentos sociais ocorridos na França, durante a década de 1960.<sup>188</sup> Essa prática fílmica apropriava-se do patrimônio cultural europeu, mas também utilizava alguns aspectos das produções de *Hollywood*. De acordo com Alfredo Manevy, a *Nouvelle Vague* pautou-se por filmes com erotismo pungente, romantismo às vezes tragicômico, com luto dos filhos do holocausto e protagonistas da sociedade de consumo. Foi um movimento que teria levado às telas expectativas e frustrações de jovens.<sup>189</sup> Alguns de seus diretores foram Jean-Luc Godard, François Truffaut, Claude Chabrol e Jacques Rivette.

Apesar da pouca duração dos movimentos Neorealismo italiano e *Nouvelle Vague* francesa, ambos tiveram grande influência, tanto em filmes produzidos de forma posterior em seus respectivos países quanto em produções de outras regiões. Ao contrário de relatos dos entrevistados, esses filmes não tiveram grande expressão em Teresina nos anos de 1976 até 1982, mas características marcantes das obras são encontradas nas produções da década de 1970, independente da nacionalidade. Aspectos da “realidade” presentes em obras fictícias, filmes retratando pessoas simples e problemas sociais são algumas características do Cinema Novo – abordado no próximo tópico.

As disputas de espaço nas salas de cinema entre produções hollywoodianas e as de outros países foram marcantes por todo o século XX, mas nem sempre tiveram caráter de embate. Alguns movimentos cinematográficos e gêneros (*Nouvelle Vague* e pornochanchadas brasileiras, como exemplo) apropriaram-se de características das produções dos Estados Unidos como tentativa de atrair público para as sessões nacionais de exibição. Algumas dessas características eram: enredos, personagens, nomes dos filmes e cenários. Utilizavam de

---

<sup>188</sup> KREUTZ, Katia. *Nouvelle Vague*. Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/nouvelle-vague/>> Acesso em 09 fev. 2020.

<sup>189</sup> MANEVY, Alfredo. *Nouvelle Vague*. IN: MASCARELLO, Fernando. *História do Cinema Mundial* (org.), SP: Papyrus, 2006.

informações já conhecidas pelos consumidores de cinema para despertar interesse nas produções nacionais – com adaptações. Discussões a respeito do cinema brasileiro, com suas peculiaridades e influências, internas e externas, serão temáticas norteadoras do próximo tópico.

### 3.5 AS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS BRASILEIRAS

Os filmes exibidos em território teresinense permitem a verificação de que, primeiramente, algumas obras eram consumidas de forma aleatória, de acordo com as fitas disponibilizadas pelas companhias distribuidoras de filmes. *Xica da Silva* (1976) exemplifica essa situação: devido ao grande sucesso de bilheteria, precisou permanecer mais tempo em cartaz em regiões do sul do País, adiando a estreia da película em Teresina<sup>190</sup>; os filmes elencavam padrões de masculinidade exigidos dos homens; por fim, é notório que havia uma espécie de ensino erótico, proporcionado por algumas produções, das pornochanchadas aos filmes pornográficos com cenas explícitas de penetração. Para alguns autores, haveria distinção entre erotismo e pornografia, sendo o erotismo considerado um gênero limpo, de bom gosto, enquanto a pornografia era considerada vulgar.<sup>191</sup> Contudo, em Teresina, erotismo e pornografia recebiam representações negativas de camadas populacionais conservadoras. Alguns críticos classificavam como pornochanchada aquelas obras que achavam ruins, ou apelativas com excesso de sexualidade, enquanto outros filmes nacionais, que também continham erotismo, não recebiam essa classificação.

Percebe-se como o consumo de obras eróticas, com possível aprendizado sexual, era requisito central para que parcelas populacionais continuassem frequentando o cinema. Esses filmes faziam sucesso, mas, para aprofundar a temática, é preciso responder algumas questões: em que medida o cinema erótico influenciou produções brasileiras? O uso do erotismo estava presente em todas as obras? Que outros filmes eram produzidos em território nacional? Como obras brasileiras utilizavam sexo e nudez para manter salas de exibição lotadas?

É importante analisar o consumo de cinema em Teresina abordando as produções nacionais, para que elas possam ser relacionadas com o contexto macro, global, de produção e consumo de cinema. Na década de 1960, grupos formados em sessões de cineclubes e em críticas cinematográficas de jornais, ajudaram a criar o Cinema Novo, que, de acordo com Maria do Socorro Carvalho era a tentativa de fazer filmes estimulantes, conforme opiniões da

---

<sup>190</sup> *O Estado*. 18 jan. 1977, Nº 1233, p. 7.

<sup>191</sup> O autor também aborda as produções eróticas e pornográficas em outros países. BOZON, Michel, 2004, p. 123.

época, mesmo que fossem "ruins" ou "mal feitos".<sup>192</sup> Essas pessoas eram inspiradas, tanto por movimentos italianos, quanto franceses e brasileiros. O movimento do Cinema Novo valorizava a criação de filmes nacionais, em propostas anti-*hollywoodianas*, com base na cultura popular.<sup>193</sup> Dentre os diretores, destacam-se Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues e Joaquim Pedro de Andrade – embora todos tenham contribuído para o destaque desse gênero, Glauber Rocha é considerado o seu cineasta mais influente.

Os filmes classificados como *cinemanovistas* respondiam questões como: o que deveria dizer o cinema brasileiro, como fazê-lo sem equipamento, dinheiro e circuito de exibição? Glauber Rocha, ao escrever a estética da fome, afirma a crise e dependência crônica da América latina e, conseqüentemente, do Brasil, na categoria de espaços subdesenvolvidos, dominados pela fome.<sup>194</sup> Por conta disso, segundo Maria do Socorro Carvalho, o movimento do Cinema Novo teria sido acusado de miserabilista<sup>195</sup>, dado que a crítica especializada e boa parte da população não se reconheciam (ou recusavam o reconhecimento) como aqueles personagens esfomeados.

Entre críticas e elogios, ideias *cinemanovistas* foram consumidas por alguns teresinenses apoiadores de cinema, ansiosos por novidades ou irritados com as programações repetitivas dos exibidores da cidade. Críticas ao cinema de *Hollywood* poderiam ser encontradas nos jornais locais, bem como notícias em relação a Glauber Rocha, mas sua filmografia não foi exibida no *Cine Royal* ou *Rex* durante o período estudado.<sup>196</sup> Essa situação pode ser explicada de duas formas. A primeira é que a situação socioeconômica das pessoas influenciava na escolha dos filmes que elas consumiam, bem como na forma desse consumo, e o público com maior acesso ao Cinema Novo era o de pessoas com maiores poderes aquisitivos, que tinham acesso ao gênero em outras cidades. A segunda explicação é que, apesar de ainda produzirem filmes *cinemanovistas* em meados da década de 1970, os estabelecimentos de Teresina davam preferência aos faroestes, kung fus, *blockbusters* estadunidenses e outros filmes que garantiam salas de exibição lotadas.

Entrevistados que na década de 1970 eram jovens pobres ou de classe média não revelaram informações a respeito do consumo direto de Cinema Novo em Teresina – eles

---

<sup>192</sup> CARVALHO, Maria do Socorro. Cinema novo brasileiro. IN: MASCARELLO, Fernando (org.). *História do cinema mundial*. Papyrus: Campinas, SP, 2006.

<sup>193</sup> SIMONARD, Pedro. *A geração do cinema novo: para uma antropologia do cinema*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

<sup>194</sup> CARVALHO, Maria do Socorro, 2006.

<sup>195</sup> Idem.

<sup>196</sup> Sabe-se que alguns de seus filmes são anteriores ao ano de 1976, mas cinemas da cidade costumavam reprisar fitas antigas.

focavam principalmente em filmes estrangeiros e populares. Todavia, Torquato Neto, teresinense adepto do cinema marginal, já criticava práticas *cinemanovistas* no final da década de 1960. Teresina aparece como um espaço em que práticas culturais e formas de consumir cinema recebem diferentes significações entre as pessoas, passando despercebidas por alguns grupos. Jornais da cidade veiculavam notícias sobre o Festival de Cannes e filmes de sucesso no Brasil e no mundo, mas nem todos se interessavam por cinema, sabiam ler ou tinham a prática de comprar jornais.

Em contrapartida às propostas do Cinema Novo, estavam filmes brasileiros inspirados em obras famosas de *Hollywood*. Stephanie Dennison e Lisa Shaw lembram que os filmes de Amácio Mazzaroppi representavam esse segmento: *Jeca Contra o Capeta* (1975) era bem similar ao filme *O Exorcista* (1973), *Uma Pistola para Djeca* (1970) e *O Grande Xerife* (1971) eram parecidos com os filmes de faroeste dos Estados Unidos e filmes *spaghetti* da Itália.<sup>197</sup> Brasileiros encontravam fórmulas que faziam sucesso e incorporavam elementos nacionais à produção de filmes. O mesmo acontecia com as obras dos Trapalhões, inspiradas em *Star Wars*, Hércules, entre outros.

As pornochanchadas são exemplos de como filmes estrangeiros eram apropriados. Para estudar essa temática, David Cardoso<sup>198</sup> e Helena Ramos<sup>199</sup>, são escolhidos devido a suas repercussões na memória coletiva<sup>200</sup> a respeito desse gênero. São profissionais que permitem o enfoque relacional de gênero, em que as diferenças de adversidades vividas entre homens e mulheres, representações e possíveis estigmatizações, no cinema erótico, podem ser estudadas. Os filmes escolhidos para análise foram *19 Mulheres e Um Homem* (1977), dirigido por David

---

<sup>197</sup> DENNISON, Stephanie; SHAW, Lisa. *Popular Cinema in Brasil* (1930-2001). Manchester: Manchester University Press, 2004.

<sup>198</sup> Ator e diretor, considerado por alguns o rei da pornochanchada. Trabalhou em *19 Mulheres e Um Homem* (1977) e *Corpo e Alma de Mulher* (1983). Disponível em: <<https://filmow.com/david-cardoso-i-a88807/>> Acesso em jun. 2018.

<sup>199</sup> Atriz brasileira, considerada popularmente a rainha da pornochanchada, com 42 filmes no currículo. Atuou em *19 Mulheres e um Homem* (1977), *Mulheres Violentadas* (1977) e *Iracema – A Virgem dos Lábios de Mel* (1979). Disponível em: <<https://filmow.com/helena-ramos-a104542/>> Acesso em jun. 2018.

<sup>200</sup> Conceito debatido por Maurice Halbwachs. Para ele, as lembranças permanecem coletivas, e elas, mesmo quando só envolvem alguém, podem ser lembradas por outros indivíduos. Ocorre a memória comum, e que outras pessoas podem ajudar a estimulá-la. A tratar do cinema, cada um tem sua experiência ao assistir filmes, mas alguns relatos, midiáticos ou individuais podem estimular ou coincidir com outros. David Cardoso e Helena Ramos são lembrados pela população que acompanhavam as pornochanchadas, o que pode ser verificado em diversas notícias, das décadas de 1970 e 1980, ou posteriores. Para maiores discussões a respeito da memória coletiva: HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*; tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

Cardoso, *Mulheres Violentadas* (1977), dirigido por Francisco Cavalcanti<sup>201</sup> e *Eu Faço... Elas Sentem* (1975), dirigido por Clery Cunha.

Para desenvolvimento do capítulo, além dos filmes mencionados, são utilizados jornais de 1970 e fontes orais<sup>202</sup> – método que, como afirma Danièle Voldman, consiste na utilização de palavras gravadas<sup>203</sup> no fazer histórico – que consistem em entrevistas<sup>204</sup>. Foram utilizadas entrevistas com Helena Ramos e David Cardoso, não produzidas com finalidades acadêmicas, mas que, quando analisadas de forma concomitante com outras evidências<sup>205</sup> do período, revelam informações a respeito do contexto das pornochanchadas.

As temáticas como adultério, conquista, crise familiar e liberalização das práticas sexuais entraram em foco, de acordo com Romulo Gomes, tendo o brasileiro passado a buscar maior vazão para a curiosidade. Entretanto, a suposta revolução sexual brasileira, antes de começar na cama, começou nas prateleiras, antes de começar na prática, começou na teoria.<sup>206</sup> Dessa forma, o estudo das pornochanchadas, em sua maioria, produzidas na Boca do Lixo<sup>207</sup>, revelam possibilidades de análise do interesse brasileiro em relação à sexualidade, e de como esse tema foi recebido por militares e civis, de diferentes regiões do Brasil. Nuno Cesar Abreu, ao estudar a região e os filmes ali produzidos, afirma:

Seus produtos foram identificados pela mídia (e assim passaram para a História) com o rótulo de "pornochanchada", uma denominação que acabou colando e estabelecendo um (re)corte depreciativo, intolerante e preconceituoso para referir tanto um foco apelativo de exploração da nudez e do "erotismo", quanto um produto mal realizado, um cinema medíocre. Era uma produção que ocorria à margem da maioria dos enfoques culturais

<sup>201</sup> Ator e diretor. Atuou em *O Cafetão* (1982), *Ivone, A Rainha do Pecado* (1983), e dirigiu *O Porão das Condenadas* (1979), *O Filho da Prostituta* (1981). Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-724618/filmografia/>>. Acesso em jun. 2018.

<sup>202</sup> Quaisquer que sejam os modos de registro e as finalidades (paliativo para a falta de fontes escritas, verificação e cruzamento, interesse da 'testemunha' etc.), a expressão 'fonte oral' designará esse material, que se distingue, por seu suporte, da fonte escrita [...] 'arquivo oral' para designar a fonte confiada a um organismo público (ou a uma pessoa física ou jurídica) e que pode ser consultada nas condições legais habituais. VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, MARIETA DE MORAES; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 248.

<sup>203</sup> VOLDMAN, Danièle, 2006, p. 248.

<sup>204</sup> Entrevistas estas que mesclam características de história de vida e entrevistas temáticas, conforme explicações de Verena Alberti. ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. As duas entrevistas são do século XXI, décadas depois da atuação dos dois atores nas pornochanchadas. Com essa premissa, é possível perceber algumas das dificuldades ao utilizar oralidade – dificuldades essas superadas com a utilização de outros tipos de fontes.

<sup>205</sup> Autores como Philippe Tetart defendem que o cruzamento das fontes, bem como o necessário espírito crítico não são incompatíveis com o respeito devido à testemunha ou aos grupos. JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000, p. 44.

<sup>206</sup> GOMES, Romulo Gabriel de Barros, 2017.

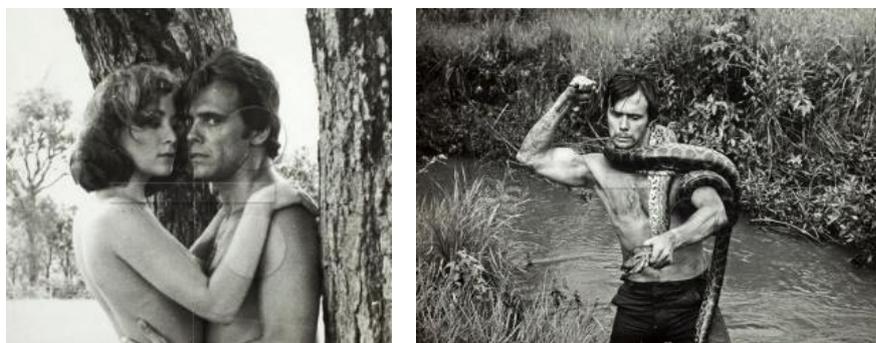
<sup>207</sup> Região não-oficial da cidade de São Paulo, empreendida pelos bairros Santa Efigênia, Bom Retiro, Campos Elísios e Bairro da Luz. GOMES, Romulo, 2017.

(acadêmicos, de vanguarda, da mídia etc.), dos quais foi objeto de críticas - uma espécie de bode expiatório do cinema nacional.<sup>208</sup>

Apesar das críticas, foi um gênero cinematográfico popular e rentável, responsável pela visibilidade de profissionais do período. Entendidos popularmente e midiaticamente como reis, rainhas, astros ou musas das pornochanchadas, muitos nomes continuam presentes na memória dos brasileiros que, no século XX, assistiram às chanchadas eróticas brasileiras. Antônio Fagundes<sup>209</sup>, David Cardoso, Helena Ramos, Nuno Leal Maia<sup>210</sup>, Sônia Braga<sup>211</sup> e Vera Fisher<sup>212</sup> são exemplos de atores, atrizes, produtores ou diretores.

No período estudado, o consumo de material pornográfico/erótico é identificado como um hábito dominante entre os homens, em contraste com as mulheres<sup>213</sup>, dessa forma, as pornochanchadas abordavam a nudez feminina em maior quantidade. Representações do erotismo podem ser observadas nas imagens abaixo, que foram ambientadas em cenários dos filmes estudados:

Figuras 12 e 13 – Imagens de divulgação do filme *19 Mulheres e Um Homem* (1977).



Fonte: *Banco de Conteúdos Culturais*.<sup>214</sup>

<sup>208</sup> ABREU, Nuno César Pereira de. *Boca do Lixo: cinema e classes populares*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. Campinas, SP, 2002, p. 26.

<sup>209</sup> Ator brasileiro, atuou em *Um Casal de 3* (1984), *Engraçadinha - Seus Amores e Seus Pecados*, e *O Rei do Gado* (1996). Disponível em: <<https://filmow.com/antonio-fagundes-a41572/>> Acesso em jun. 2018.

<sup>210</sup> Ator brasileiro que trabalhou em produções como *O Bem Dotado - O Homem de Itu* (1978), *Embalos Alucinantes: A Troca de Casais* (1979) e *Perdoa-me por me Traíres* (1983). Disponível em: <<https://filmow.com/nuno-leal-maia-a44988/>> Acesso em jun. 2018.

<sup>211</sup> Atriz brasileira que trabalhou nos filmes *A Dama da Lotação* (1978), *O Bandido da Luz Vermelha* (1968) e *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1976). Disponível em: <<https://filmow.com/sonia-braga-a33406/>> Acesso em jun. 2018.

<sup>212</sup> Atriz de grande projeção nacional. Atuou em *A Super Fêmea* (1973), *Sinal Vermelho - As Fêmeas* (1972) e *Bonitinha, Mas Ordinária* (1981). Disponível em: <<https://filmow.com/vera-fischer-a13934/>> Acesso em jun. 2018.

<sup>213</sup> GOMES, Romulo, 2017.

<sup>214</sup> Disponível em: <<http://www.bcc.org.br/fotos/galeria/024871>>. Acesso em jun. 2018.

Figura 14 – Imagem do filme *Mulheres Violentadas* (1977).



Fonte: Banco de Conteúdos Culturais.<sup>215</sup>

Figura 15 – Cena do filme *Mulheres Violentadas* (1977).



Fonte: Reprodução.

A atriz Helena Ramos atuou nos dois filmes explanados, entretanto, apenas *19 Mulheres e Um Homem* contou com atuação e direção de David Cardoso. Para estudo das películas, optou-se por analisar o que elas têm em comum, para, em seguida, abordar as suas peculiaridades. Ambas são consideradas do gênero cinematográfico ação, com partes de violência, e possuem cenas não fundamentais ao desenvolvimento da história, em que o corpo feminino aparece parcialmente ou totalmente desnudo.

O nu das mulheres também pode ser conferido em jornais da época, que, frequentemente, utilizavam esse recurso em campanhas publicitárias supostamente voltadas aos homens<sup>216</sup>, ou redigiam notícias que abordavam o sexo como atividade preferida masculina, enquanto as mulheres, mesmo quando mais jovens, declaravam preferir música, natureza ou

<sup>215</sup> Disponível em: <<http://www.bcc.org.br/fotos/720943>>. Acesso em jun. 2018.

<sup>216</sup> Propaganda das lojas Casas Califórnia. Fonte: *O Dia*. Teresina, ½ de janeiro de 1974. Caderno 2, p. 2, Propaganda do Posto Iracema. Fonte: *O Estado*. Teresina, 17 de maio de 1975, p. 8, Propaganda da loja Diacuy Variedades. Fonte: *O Dia*. Teresina. 6/7 de janeiro de 1974, p. 4 e Propaganda da Rádio Clube. Fonte: *O Dia*. Teresina. 5 de janeiro de 1974, p. 5.

família.<sup>217</sup> O ideal era que ambos se mantivessem castos até o casamento, mas, se os homens não alcançassem isso, deveriam ao menos ser honrados socialmente, a esconder práticas desviantes.<sup>218</sup>

Contudo, o filme *19 Mulheres e Um Homem* possui abordagens diferenciadas, em que algumas personagens demonstram interesse sexual, em relação a homens e outras mulheres, sem que haja condenação de pessoas tidas como conservadoras. A construção de Rubens, o personagem principal, é feita de forma erotizada, com exploração da nudez. David Cardoso, ao desenvolver a história (que tem como roteirista Ody Fraga), atua como o personagem Rubens, jovem dono de transportadora, que no início do filme aparece associado a bens de consumo duráveis, como avião, carro e motocicleta – símbolos de desejo masculinos que já estavam presentes no imaginário popular –, se locomovendo ao lado de uma mulher. Dessa forma, entram em foco os padrões de beleza e poder divulgados entre os homens: jovem, rico e com facilidade em conquistar mulheres. Posteriormente, Rubens decide se passar por motorista das moças universitárias, e é aceito pelas freiras responsáveis pelo grupo, ao afirmar ser solteiro, católico, não beber e não ter filhos. A análise desses padrões de masculinidades é favorecida, quando associada aos relatos do ator e diretor:

Praticamente eu comecei, pelo menos fui o mais notório, o mais famoso, digamos assim. Não que eu tenha tido mais talento, talento eu não tinha, eu nem tenho nenhum. Só que eu trabalhei mais que os outros, Zé. Enquanto a turma pensava em acordar, eu já tinha tomado meu chimarrão, uma hora de alteres e peso para poder manter o físico, tá entendendo? Longe das drogas [...] malhava, dirigia [...] Investia em mim, e-eu sou baixo, 1 metro e 76, então eu tenho que crescer, de uma forma ou de outra. [...] De tanto eu trabalhar, eu apareci mais que a maioria. [...] Eu fiquei notório, mais conhecido no Brasil, que outros que tenham mais talento que eu.<sup>219</sup>

Continua sua linha de pensamento, posteriormente ao afirmar:

Acabei de almoçar com [...] a funcionária dele que é minha amiga, a Néia perguntou assim pra mim, "David, eu me lembro que eu tinha 18 anos, o meu prazer era corr... não te conhecia pessoalmente, o meu prazer era correr ao cinema com o meu namorado para ver você. E eu ficava encantada com você, mas o meu namo... o meu namorado também, porque ele falava assim, esse cara consegue..." [gagueja] a inveja, no bom sentido, que você passava, era tanto para a mulher, que tava louca para ficar ao seu lado, e o homem que se

<sup>217</sup> Pesquisa de Chicago, Illinois, Estados Unidos. Não foi baseada nas respostas de homens brasileiros, mas os resultados publicados refletem perspectivas que os membros do jornal *O Estado* concordam, ou consideram relevantes no período discutido. *HOMEM dá mais valor ao sexo. O Estado*. Teresina, 5 mai. 1975, p. 10.

<sup>218</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa, 2010.

<sup>219</sup> CARDOSO, David. Entrevista concedida à Festas e Eventos TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L-YidBrRAbk>> Acesso em mai. 2018.

espelhava em você e falava “pô, eu vou ter um físico igual esse cara, vou conseguir ser galã também ou vou conseguir ter as mulheres que ele teve” [...] então eu era um tipo de coisa que [...] contentava tanto o lado feminino quanto o masculino.<sup>220</sup>

Por meio da fala de David Cardoso, observa-se como os padrões de masculinidade já estavam a se reconfigurar, com cobranças estéticas aos homens que viviam do ramo cinematográfico, enquanto atores – o que, garante ele, o fez ser o mais notório ator e diretor. Segundo suas concepções, ele despertou os desejos sexuais, mas também inspirou aos outros homens modelos de beleza e virilidade. Claudine Haroche, ao estudar as antropologias da virilidade e o medo da impotência, afirma que a virilidade é o elemento central da memória da dominação masculina, que possui mecanismos de controle em relação a homens e mulheres. O personagem Rubens, tido como bonito, jovem e rico, despertaria desejos tanto femininos como masculinos, enquanto a construção de papéis das atrizes geralmente se dava de forma diferente, como pode ser observado na entrevista de Helena Ramos:

Eu trabalhava na, na televisão e foi um diretor lá e me convidou pra, pra fazer, pra fazer um filme e eu não aceitei porque ficava nua e aí passou um tempo e ele voltou lá de novo e insistiu. [...] Aí eu aceitei fazer *As Cangaceiras*, porque não tinha nu. [...] Aí eu fiquei insegura, principalmente porque aí chegou lá e falou assim: "olha, todo mundo tira a roupa, você entra no lago, você entra no lago e você Helena fica deitada naquela pedra lá". Aí eu falei "vou embora, não vou ficar".<sup>221</sup>

Essas informações confirmam as abordagens de Cristina Kessler. A atuação feminina não era tão importante quanto o desnudamento de seus corpos, o que afastou algumas atrizes desse gênero cinematográfico. Mesmo no período de início de expansão da liberdade feminina, o pudor era valorizado como uma marca da respeitabilidade que as mulheres recebiam. Ao comparar os dois filmes, é possível notar que, no caso dos homens, apenas o personagem principal, galã, recebia cobranças estéticas (quando recebia), de forma a influenciar outras pessoas, enquanto a maioria das atrizes precisava ser desejável ao público. Essas características reforçam a definição de um público alvo: indivíduos do gênero masculino, que desejavam mulheres e buscavam, mesmo que de forma inconsciente, maneiras de confirmar suas masculinidades.

<sup>220</sup> CARDOSO, David. Acesso em mai. 2018.

<sup>221</sup> RAMOS, Helena. HELENA RAMOS - DOCUMENTÁRIO - PARTE 1. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=3WP\\_SbWBTa8](https://www.youtube.com/watch?v=3WP_SbWBTa8)>; HELENA RAMOS - DOCUMENTÁRIO - PARTE 2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dnXJS-GPZwY>> Acesso em mai. 2018.

David Cardoso em sua entrevista é questionado a respeito das mulheres com quem se relacionou sexualmente. Em contrapartida, Helena Ramos responde a perguntas sobre assédios que poderia ter sofrido. Essas questões, mesmo realizadas por profissionais diferentes, refletem diferenciações dos papéis e expectativas de gênero, presentes na década de 1970, com algumas permanências no século XXI, ou seja, para alguns núcleos, familiares ou não, a experiência sexual era tida como necessária aos homens, enquanto o mesmo não era esperado das mulheres.

Sobre os assédios que poderia ter sofrido enquanto atriz de pornochanchadas, Helena Ramos afirma:

Diziam que eu parecia comigo [risada], que eu parecia com a Helena Ramos, com a Helena Ramos do cinema, mas eu, eu concordava, ficava quieta. Então eu nunca tive problema de assédio, tinha respeito pelo cinema. Quem, quem não tinha era a mídia, né, a mídia falava mal, porque [...] até hoje eu não entendi isso, não entendi até hoje. [...] Eles depreciavam, né? Mas o público não, o público respeitava. Tinha essa diferença. Tanto é que fez [pausa e gagueja] o cinema ficou 10 anos e se tornou-se uma, na indústria, né, uma pequena indústria. Se não, se num tivesse público não teria aconteci... não teria acontecido, né?<sup>222</sup>

Essa parte do relato demonstra a naturalidade e aceitação que grande parte populacional teve, ao lidar com as pornochanchadas, pois havia desejo pela sexualidade, pela liberdade. Todavia, alguns setores conservadores da sociedade elaboravam duras críticas à utilização do erotismo como forma de atração do público:

É certo que existe um público para a classe de espetáculos normalmente desqualificados, e isto acontece não somente no Brasil como em outros países, notadamente nos latino-americanos, onde o cinema se tornou um dos mais eficazes instrumentos da perversão dos costumes e ruína social. Parece que os produtores de filmes, como os diretores de teatros, fazem o pior julgamento de seus semelhantes, considerando que a melhor maneira de levá-los a frequentar as casas de espetáculos consiste em apresentar-lhes, nas telas e palcos, personagens chafurdando na lama do vício. Quando alguém reage contra a exploração do sexo, a resposta é invariavelmente, a de que se trata de coisa natural, não havendo mais imoralidade que a da malícia, e, assim, o bom passa por mau e vice-versa, em estranha inversão, ou subversão, dos valores básicos da sociedade.<sup>223</sup>

Essa notícia permite reflexões a respeito do conservadorismo pelo qual o Brasil passava no período estudado, bem como análises sobre a viabilidade de utilização das entrevistas – fontes orais e escritas, afirmando situações similares. Os críticos da História oral enquanto

<sup>222</sup> RAMOS, Helena. Acesso em mai. 2018.

<sup>223</sup> MORALIZAÇÃO. *Jornal do Piauí*. Teresina, 8 jun. 1970, p. 7.

metodologia apontam as dificuldades e armadilhas criadas pelas falhas de memória. Eles afirmam que os documentos escritos possuem maior segurança, por serem congelados e cristalizados no tempo. Entretanto, conforme Aspásia Camargo, em todos os documentos pode haver mentiras ou omissões de informações.<sup>224</sup> O caráter subjetivo humano pode ser transmitido para as mais diversas fontes, inclusive, análises científicas. Ou seja, na constante tentativa de imparcialidade, o melhor caminho para os historiadores é o uso paralelo e interconectado de diferentes fontes científicas.

Diferentemente das duas pornochanchadas abordadas anteriormente, *Eu Faço... Elas Sentem* foca menos na sexualidade e mais no enredo cômico. Percebe-se que a produção tem boa estrutura econômica, com trama elaborada que ultrapassa a dinâmica da nudez e erotismo ilustrativos. O filme aborda a história de Luiz e Célia, pessoas de cidades diferentes, que não se conheciam, mas estavam misteriosamente interligadas. Quando um se emocionava, tinha relações sexuais ou se feria, o outro sentia. Assim como outras pornochanchadas, o título promete mais do que oferece, dando a entender que um único homem traria prazer, ou se envolveria com diversas mulheres.

Figuras 16 e 17 – Filme *Eu Faço e Elas Sentem* (1975)



Fonte: reprodução.

É possível perceber que até as obras com sexualidade menos explícita ainda dão bastante enfoque para a nudez feminina, e como será observado no próximo capítulo, o público esperava certas estruturas na pornochanchada: muitas mulheres, nudez e, dependendo do gênero, piadas. Quando se sentiam enganados, não reagiam bem e poderiam levantar protestos. Pesquisadores do gênero afirmam que esse modelo de insinuações sexuais sem a exibição de sexo explícito

<sup>224</sup> CAMARGO, Aspásia. Como a História Oral chegou ao Brasil: entrevista com Aspásia Camargo por Maria Celina d'Araújo. *História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 2, jun. 1999, p. 172.

poderia fazer com que o público enjoasse a temática, partindo para obras mais pesadas. Durante o auge das produções de pornochanchadas, percebe-se que elas eram bastante consumidas em Teresina, mas não eram a maioria, filmes de kung fu e faroeste continuavam a ser exibidos com maior frequência.

O estudo do presente capítulo demonstra como o cinema, enquanto espaço de diversão, é ambiente voltado principalmente para as pessoas adultas. Em comparação com os filmes para maiores de 18 anos, havia poucas obras para crianças e adolescentes, até mesmo no período de férias escolares, em que esse público consumidor estaria com mais tempo disponível ao lazer. Além de adultas, as diversões eram consumidas, em sua maioria, por homens, principais interessados nas temáticas da violência ou sexualidade – era comum, em relatos, a afirmação de que homens eram os principais presentes nas salas de cinema a exibir Pornochanchadas, filmes de Kung Fu e Faroeste. Na década de 1980, mulheres passaram a ocupar esses espaços com maior frequência, sobretudo na companhia dos namorados, com possíveis relações sexuais, que começariam no escurinho do cinema e iriam para outros locais da cidade.

#### 4 HISTÓRIAS QUE NÃO NOS CONTAVAM: O LAZER EROTIZADO, O LAZER VIOLENTO

Entre os acontecimentos estudados na dissertação, elementos como violência, uso de drogas e sexualidade foram explorados de forma tímida pelos entrevistados, e tais temáticas, quando mencionadas, eram explicadas de forma breve, ou como se tivessem acontecido com outras pessoas. Não é possível verificar até que ponto os sujeitos conheciam esses espaços e vivências, mas ao analisar os relatos orais de forma concomitante com outras fontes, Teresina é vista como palco de opções de lazer tidas como seguras e respeitáveis, dependendo do horário e companhia, mas também como espaço em que comportamentos violentos e sexuais estavam presentes na esfera pública da sociedade.

Quando os entrevistados abordam Teresina das décadas de 1970 e 1980, é possível perceber o tom nostálgico, de valorização da juventude e idealização da cidade, ao retratá-la como espaço seguro, com divertimentos acessíveis a homens e mulheres, namoros com liberdade e práticas sexuais consensuais. Esses homens falam sobre os passeios e festas, bem como o retorno para suas residências, que poderiam ocorrer de madrugada e sem utilização de veículos. Em contrapartida, jornais do período denunciam violências e outros comportamentos tidos como desviantes, que despertavam preocupações de alguns núcleos familiares. Com base nessa divergência de informações, o presente capítulo tem como objetivo abordar sexualidade, violência e outros crimes, nos ambientes de lazer extra domésticos, abordando características não exploradas pelos entrevistados.

Essa divergência de informações pode ser explicada de acordo com reflexões de Michael Pollak, em que, para construção de identidades sociais, nas quais as pessoas adquirem imagens de si e dos outros, são necessárias: unidades físicas, no caso dos corpos, ou pertencimentos a grupos; continuidade do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; sentimento de coerência, em que diferentes elementos que formam um indivíduo são unificados; memórias, tanto individuais quanto coletivas. Esse processo de elaboração identitária auxilia na percepção de como grupos divergentes possuem relatos diferenciados para mesmas regiões e temporalidades, a ter em vista que memórias e identidades são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.<sup>225</sup> Por um lado, jornais representavam vozes revoltosas, que denunciavam possíveis melhorias urbanas, ou comportamentos tidos como

---

<sup>225</sup> POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 5.

escandalosos para a moral da época, enquanto, do outro lado, jovens vivenciavam os espaços da cidade com fruição e liberdades não experienciadas por gerações anteriores.

Os cinemas, enquanto estabelecimentos privados e escuros, são ambientes privilegiados para estudo da fruição dos jovens em Teresina, visto que os comportamentos dos frequentadores, que poderiam ocorrer com discrição, intensificavam liberdades. Assentos eram posicionados na direção dos filmes projetados, mas essas obras não eram as únicas atrações proporcionadas pelo local, e nem todos estavam exclusivamente interessados em assistir às projeções. Algumas perguntas surgem como norteadoras da pesquisa: esses espaços eram utilizados para a prática sexual? Que representações os frequentadores do cinema recebiam? O conteúdo projetado influenciava os namoros e flertes? Esses eram espaços seguros para os jovens frequentarem? Entre outras, são essas questões que a pesquisa tenta responder.

Tanto os comportamentos nas salas de cinema como o conteúdo consumido – em sessões para maiores de 18 anos, mesmo que essa regra não fosse respeitada por todos os estabelecimentos e camadas sociais – podem ser utilizados para estudar sexualidade dos frequentadores. O cinema, entretanto, não pode ser visto como um espaço isolado de lazer e de manifestação da sexualidade, tendo em vista que não estava desconectado da cidade, e que jovens homens e mulheres, ao acessar esses locais, também frequentavam praças, churrascarias e outras diversões noturnas. Nesse contexto, em que já se falava de revolução sexual, pílulas anticoncepcionais e outras temáticas relacionadas, não é possível tratar o sexo como atividade escondida, envergonhada, praticada apenas entre quatro paredes.

É possível observar que as pessoas jovens, assim como homens casados, quando não encontravam espaço e liberdade para suas práticas sexuais no âmbito doméstico, recorriam aos locais públicos. Essa sexualidade – que era manifestada nas praças, coroas, bailes, ruas e outros ambientes apresentados no primeiro capítulo da dissertação – é objeto de análise em tópicos do presente capítulo, de forma a relacionar informações exibidas nos cinemas com as práticas sexuais e os desejos. Os homens viam a prática sexual como recurso fundamental para confirmações da virilidade e, em alguns momentos, não era necessário apenas ter sexualidade ativa, mas deixar claro aos amigos que estava fazendo sexo, mesmo em ambientes tidos como perigosos.

Além da sexualidade e violência praticadas nos espaços públicos, outra dimensão do lazer masculino estudada no capítulo é a praticada nos ambientes de meretrício. O ato de frequentar cabarés é um fator essencial na formação das masculinidades, com permanências no século XXI. Estudar esses ambientes também é analisar dinâmicas do lazer, pois apesar de ser o sexo a sua principal finalidade, muitos homens de Teresina e arredores viam os cabarés como

espaços de sociabilidade, em que poderiam conversar e flertar com as mulheres, mesmo que de forma teatral, beber, comer pratos regionais e dialogar com outros homens, de forma amigável ou de disputa.

#### 4.1 A CIDADE EROTIZADA: DO ESCURINHO DO CINEMA AOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Já foi observado que os jornais inseriam imagens com nudez ao divulgar alguns dos filmes que estavam em cartaz, de forma a informar ao público a temática das obras. Algumas informações eram implementadas para complementar esse sentido, como no caso do filme *A Praia do Pecado* (1977), exibido no Cine Royal, que tinha como descrição: “Vibrante! Violento! Com cenas de sexo jamais mostradas no cinema”<sup>226</sup>. Outros exemplos são *Barra Pesada* (1977), exibido no Cine Rex, com descrição “Eu sou a atriz do ‘*Deep Throat*’... todos me querem”<sup>227</sup>; *Cama em Sociedade* (1975), exibido no Cine Royal, “Uma executiva ‘*au naturel*’ dirige seus negócios muito à vontade”<sup>228</sup>; *Noite de Orgia* (1980), exibido no Cine Rex, com a legenda “Elas foram barbaramente violentadas naquele motel de prazeres e orgia”<sup>229</sup>, entre outros filmes.

Percebe-se que o sexo é uma temática associada de forma comum à violência, e esses elementos visuais, expostos nos cartazes dos filmes, assim como em trailers e gêneros, faziam o público perceber do que tratavam as obras divulgadas. Essas eram informações tidas como necessárias, assim como imagens com nudez parcial ou total, masculina e feminina. Segue análise dos cartazes do filme *Cama em Sociedade*, de título original *Catherine & Co.*:

---

<sup>226</sup> *O Estado*. 25 jan. 1979, N° 1797, p. 10.

<sup>227</sup> *O Estado*. 06 jan. 1979, N° 1780, p. 09.

<sup>228</sup> *O Estado*. 11 mai. 1979, N° 1879, p. 10.

<sup>229</sup> *O Estado*. 12 fev. 1981, N° 2403, p. 08.

Figuras 18 e 19 – Cartazes do filme *Cama em Sociedade* (1975)

Fonte: IMDB.<sup>230</sup>

Esse filme, de origem francesa e italiana, aborda a vida de uma prostituta britânica que decide viver em Paris, e após aprender sobre práticas corporativas com seus clientes, decide abrir uma empresa oficial de acompanhantes. Trata-se de um filme com o gênero comédia/erotismo, e recebe dois cartazes, um com a personagem principal totalmente vestida e outro em que ela está de calcinha e sutiã. A imagem de divulgação veiculada em Teresina é a que apresenta nudez parcial, e o título da obra, em território nacional, ganha conotações sexuais não existentes no título original. Era importante deixar claro, já no título, sobre o que as obras tratavam, considerando que informações sobre os filmes poderiam circular de forma lenta. Essa obra e *A Francesa Insatisfeita* foram exibidas na Coruja de Arte e no Cinema de Arte, e ajudam a entender que essas sessões do Cine Royal, tidas popularmente como voltadas a um público elitizado e mais exigente, também exibiam conteúdos com sexualidade – com divulgação nos jornais da cidade.

O consumo fílmico movia grande parte da população masculina, interessada nas práticas sexuais representadas, e essa necessidade dos homens pode ser verificada, tanto nos cartazes e divulgações das obras quanto nas práticas dentro dos cinemas da cidade. Em 1980, um acontecimento marcante demonstrou como o público percebia a nudez e sexualidade como fundamentais na escolha dos filmes a que iriam assistir. No Cine Royal, os frequentadores estavam na sessão do filme *A Ilha dos Nudistas*, e esperavam ver mulheres e homens despidos, em ambientes paradisíacos, tendo em vista que o nome do filme dava a entender que esse era o

<sup>230</sup> Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0072770/mediaviewer/rm1133576704>> Acesso em jan. 2020.

conteúdo exibido. Por um erro do cinema, exibiram uma fita com vacas magras que estavam vagando por regiões secas dos Estados Unidos a procura de água, e as pessoas presentes no Cine Royal, ao sentirem-se enganadas, pediram o dinheiro de volta. O estabelecimento não aceitou devolver o dinheiro e o público se revoltou: alguns recorreram a palavras de baixo calão, outros quebraram cadeiras, grades, parapeitos e tacaram fogo nas cortinas, com isqueiros e bitucas de cigarro.<sup>231</sup> A polícia foi chamada para resolver a situação e o cinema teve que cancelar a sessão Cinema de Arte do dia seguinte – sábado – para reformar o que havia sido quebrado.

O filme *A Ilha dos Nudistas* não foi divulgado no jornal *O Dia* (apenas no *Estado*, com o título *A Ilha das Nudistas*) o que levanta duas suspeitas: a primeira se refere à divulgação dos filmes nos jornais ser limitada; 2) a segunda suspeita seria que decidiram utilizar a fita da *Ilha dos Nudistas* próximo à exibição, e não foi possível avisar no jornal *O Dia*. Independentemente do que levou essa obra a não ser divulgada em todos os jornais, percebe-se que, no período, não havia facilidade para o consumo de pornografia, e os filmes de pornochanchada, bem como filmes eróticos internacionais eram o principal recurso utilizado para tal fim.

Manifestações do público eram comuns no cinema, na medida em que contratemplos ocorriam: falta de troco na entrada, áudio ruim, ou quando o filme era reproduzido em excesso e as fitas se desgastavam – os responsáveis pelo cinema precisavam cortar algumas cenas para retirar partes danificadas das fitas. Tudo isso revoltava o público, mas a manifestação relacionada à pornochanchada *A Ilha dos Nudistas* foi a mais violenta encontrada nos jornais, intensificada pela necessidade dos clientes em consumir pornografia. No período estudado, consumir nudez não era atividade fácil, principalmente para menores de idade, que, por vezes, não conseguiam comprar revistas pornográficas e precisavam pedir ajuda para homens mais velhos. Também precisavam tomar cuidado com pessoas que tentavam monitorar essa prática, e o livro de memórias escrito por J. L. Rocha do Nascimento nos ajuda a entender essa situação:

Nas calçadas, entre uma sessão e outra, e quando o investigador de menores não estava por perto, vendia e trocava revistas em quadrinhos. Aquele que, por um azar qualquer, desse de cruzar com o inspetor, podia contar como certo que seriam recolhidas todas as revistas expressamente proibidas para menores, assim como os gibis cuja leitura ele, mediante critérios insondáveis, julgava não ser recomendável. Todos sabíamos o destino que seria dado às revistas. Depois de apreendidas, eram vendidas ou trocadas por cigarros na banca de jornal e revistas usadas que ficava no outro lado da praça. E não podíamos

---

<sup>231</sup> TROCA de filme causa revolta e prejuízos. *O Dia*. 20/21 jan. 1980, Nº 7165, p. 08.

fazer nada, a não ser amargar o prejuízo, que ninguém era doido de se meter com investigador de menores.<sup>232</sup>

O autor faz referência à Praça Pedro II durante a Ditadura Militar, período de forte censura e repressão, e explica que algumas temáticas tinham seu consumo proibido – inclusive a sexualidade, mesmo que ele não tenha informado isso de forma explícita. Diversos entrevistados reforçam o sucesso que as “revistas de mulheres peladas” faziam no período, apesar das dificuldades para comprar e esconder esses produtos, que tornavam o cinema um dos principais reprodutores de conteúdos eróticos.

Ao comparar o consumo de revistas eróticas com o consumo de cinema erótico, percebe-se como os homens poderiam ser expostos: no primeiro, a exposição poderia ocorrer ao comprar (ou pedir para que alguém comprasse) as revistas, além das preocupações com locais seguros para escondê-las, longe dos olhares vigilantes de familiares; no segundo, a exposição consistia nas filas dos cinemas, ou ambientes internos durante exibição dos filmes. Segundo relatos, nas sessões de pornochanchadas e de outras obras eróticas, os jovens não formavam filas e entravam apenas quando as portas do cinema abriam, pois pretendiam assistir aos filmes com o mínimo de exposição possível.

Percebe-se que, apesar de estimulada, a sexualidade masculina também encontrava alguns mecanismos de monitoramento. O respeito mútuo entre grande parte de homens, jovens ou adultos, estava na capacidade de se relacionar com mulheres, manter namoradas e demonstrar conhecimento sobre a prática sexual. Entretanto, por mais que expusessem detalhes com amigos próximos, os homens ainda buscavam imagens públicas de pessoas respeitáveis e dissociadas de suas práticas eróticas.

Essa tentativa de encobrir práticas eróticas, quando existentes, era bem mais presente no comportamento feminino, levando-se em conta que, para elas, os mecanismos de controle social e moral eram mais fortes. Normalmente em relacionamentos sérios, e com promessas de casamento, muitas mulheres eram convencidas a terem suas iniciações sexuais na fase do namoro, e isso era facilitado pelas sessões de cinema. Pedro Cipriano Arcoverde afirma que, em sessões de pornochanchadas, principalmente na década de 1980, era comum que homens frequentassem, juntamente com suas namoradas. Como estavam com seus namorados, as mulheres não recebiam tanto julgamento social, mas ainda assim havia a tentativa de encobrir esses passeios de seus familiares.

---

<sup>232</sup> NASCIMENTO, J. L. Rocha do. *Um clarão dentro da noite*. 1. ed. São Paulo: Scortecci, 2019, p. 26-27.

O escurinho do cinema possibilitava que os beijos pudessem ser mais demorados e sigilosos, tendo em vista que dificilmente familiares, vizinhos ou quaisquer pessoas que pudessem expor os casais, veriam com detalhes o que estava acontecendo. Toda essa discrição fazia com que os namorados, duplamente estimulados – pelas carícias recebidas, bem como pelo conteúdo erótico exibido no cinema – fosse além dos beijos de língua, e partissem para estimulação dos órgãos genitais. Essas práticas sexuais, iniciadas principalmente dentro do *Cine Rex* e *Royal*, poderiam ser consumadas em praças, becos, casas ou *chateaus*<sup>233</sup> da cidade.

Os entrevistados afirmam que muitos homens também iam com amigos ou sozinhos para as salas de cinema para assistir filmes com temática erótica, e essa informação pode ser associada com os estudos de Donna Haraway, que fala a respeito de seres que seriam híbridos de máquina e organismo, com natureza e cultura retrabalhadas e revolução nas relações sociais e familiares.<sup>234</sup> Esses sujeitos consumidores de produtos eróticos nos Cines Rex e Royal puderam vivenciar a sexualidade física, carnal, com outros seres humanos – dentro e fora do cinema –, mas também vivenciaram por meio da tecnologia, que consistia em um aparelho retroprojeter de imagens que os estimulavam sexualmente. Alguns jovens, inclusive, preferiam assistir às pornochanchadas a frequentar cabarés. Era uma forma de prazer solitário, que só dependia deles e que resultava em riscos mínimos, sem exposições às infecções sexualmente transmissíveis ou violências dos ambientes de meretrício.

O consumo cada vez maior de conteúdos audiovisuais eróticos modificou a forma em que as sociedades lidam com a sexualidade, na medida em que esses vídeos veiculam novas formas de prazer, produtos sexuais e desejos em uma velocidade nunca experimentada pela humanidade. De acordo com Mary del Priore e Robert Muchembled, os primeiros materiais de literatura pornográfica do mundo foram os livros médicos, e surgiram no século XIX os chamados “romances para homens”.<sup>235</sup> Essas obras surgiram e se popularizaram graças ao discurso científico e enfraquecimento do conceito de pecado<sup>236</sup>, e entender esse período, em que os livros demoravam para ser produzidos e comercializados, bem como as mudanças

---

<sup>233</sup> Nas décadas de 1970 e 1980, os *chateaus* podem ser considerados os primeiros motéis de Teresina. Contudo, esses estabelecimentos recebiam críticas da imprensa, pelos estupro e crimes de sedução que acobertavam, inclusive com meninas menores de idade.

<sup>234</sup> HARAWAY, Donna. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century, ". IN: Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature (New York; Routledge, 1991), pp.149-181. Disponível em: < <http://people.oregonstate.edu/~vanlondp/wgss320/articles/haraway-cyborg-manifesto.pdf> > Acesso em fev. 2020.

<sup>235</sup> Romances para homens eram obras com pornografia, que poderiam retratar a vida sexual de homens famosos ou descrições de cópulas. Como o nome diz, eram voltados para homens e havia preocupação social desses livros nas mãos de mulheres. DEL PRIORE, Mary. História do Amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>236</sup> MUCHEMBLED, Roberto. O orgasmo e o ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

ocorridas no século XX, com a velocidade em que filmes reproduziam erotismo, ajuda a entender o impacto desse cinema erótico na vida e sexualidade dos consumidores de cinema.

Não foi modificada apenas a forma de consumir conteúdos eróticos, mas a prática da sexualidade. O sexo – antes tido como atividade voltada exclusivamente para reprodução, em que os casais nem sempre ficavam totalmente nus, por conta do pudor e de preocupações com a moral – foi cada vez mais influenciado pelo que as pessoas assistiam. Por meio dos Cines Rex e Royal, temáticas como adultério, orgias, homossexualidade, transexualidade e prostituição alcançaram maiores proporções, na medida em que apenas a insinuação sexual já não era suficiente: era preciso expor a nudez dos corpos, de preferência em cenas reais de sexo. *Coisas Eróticas* (1981), primeiro filme brasileiro de sexo explícito, foi exibido no Cine Royal, e retrata bem o consumo desses produtos eróticos.

Em uma parte do filme, mulheres completamente nuas aparecem em uma casa com piscina, e então a cena muda, para mostrar um único homem passando protetor solar em mulheres de biquínis. Outra personagem aparece, perguntando se alguém a acompanharia até o supermercado, e recebe ajuda do homem. No caminho do supermercado, dentro do carro, a mulher comenta de forma descontraída sobre a quantidade de motéis existentes na cidade, e fala de um casal que duas vezes por mês passa a noite nesses estabelecimentos. É um misto de demonstração de novidade em relação aos motéis com curiosidade, e o homem, prontamente, diz que a levaria, caso ela quisesse. A cena muda novamente, com imagens rápidas e sequenciais mostrando ela fazendo sexo oral nele, beijos intensos, ele fazendo sexo oral nela e a mulher a se contorcer enquanto é penetrada, até que a cena muda novamente e *Coisas Eróticas* aparece em um fundo preto.

A novidade em si para as pessoas do século XX não está na prática sexual exibida, tendo em vista que os avanços da higiene já tinham popularizado o sexo oral. Segundo o documentário *A Primeira Vez do Cinema Brasileiro* (2012)<sup>237</sup>, o primeiro sexo oral em homens teria sido mostrado nos cinemas em 1915. Na década de 1940, cenas pornográficas passaram a ser utilizadas para educação sexual, enquanto filmes pornográficos continuavam nas sombras, até suas popularizações, a partir de 1960, com a revolução sexual. Segundo relatos da equipe de *Coisas Eróticas*, homens iam ao cinema assistir a esse filme e “sujavam” suas calças, excitados com o que viam, e a popularização desses prazeres solitários (quando desacompanhados), ao assistir cenas sexuais, escutar gemidos e observar enredos que privilegiavam os desejos

---

<sup>237</sup> Direção de Hugo Moura, Bruno Graziano e Denise Godinho. Brasil, 2012.

masculinos, uma vez que comumente retratavam várias mulheres para um único homem, foram grandes novidades do período.

Essa popularização da pornografia foi responsável pelo aprendizado sexual de muitos jovens frequentadores dos filmes, na medida em que, por mais que a sexualidade masculina fosse estimulada, muitas pessoas mais velhas não explicavam práticas sexuais aos mais novos. Rapazes poderiam descobrir sobre orgias, sexo oral e homossexualidade nessas obras na mesma medida em que poderiam descobrir, nas festas e cabarés, como vivenciar a sexualidade de formas bem diferentes de seus pais ou avôs.

No cinema, muitos homens mais velhos aproveitavam essas sessões com pornografia para seduzir ou assediar homens mais novos. Apesar das mudanças abordadas no primeiro capítulo a respeito de revolução sexual e movimento gay, os homens da segunda metade do século XX ainda deveriam afastar qualquer suspeita de homossexualidade, para que fossem socialmente respeitados, então o cinema constituía uma opção discreta para homens que se interessavam sexualmente por outros homens.

Nenhum dos entrevistados heterossexuais admitiu ter sofrido importunações sexuais enquanto assistiam a pornochanchadas ou outros filmes do gênero erótico. Eles afirmaram que, como seus interesses estavam nas cenas exibidas, ou em suas namoradas, não davam abertura e nem viam ou prestavam a atenção em práticas homoafetivas. Entretanto, relataram histórias parecidas: escutaram que jovens, excitados com a nudez exibida nos filmes, eram importunados por homens normalmente mais velhos. Alguns jovens aceitavam, outros não. Também escutaram que alguns rapazes tinham seus ingressos comprados por outros homens, de forma a facilitar o processo de conquista.

Em contrapartida, o entrevistado Amélio dos Santos, que atualmente se identifica como homossexual e é o mais novo do grupo de entrevistados, explica que essas práticas de homens que se relacionam sexualmente com outros homens eram comuns a ponto de não ser possível ignorar. Ao frequentar o Cine Rex no final da década de 1980, percebeu que era um local de consumação sexual entre clientes do gênero masculino e, ao ser questionado sobre os casais, respondeu:

Se formavam lá, você se sentava do lado, o cara já botava o pau pra fora, e começavam a se pegar. Ou então dentro do banheiro, que era uma bagunceira. Então vinha o que cuidava do cinema, um baixinho, que ele ia só pra averiguar

se estava tendo esculhambação dentro do banheiro. Quando ele entrava todo mundo saía, quando ele saía todo mundo voltava para a esculhambação.<sup>238</sup>

Esse relato, comparado com as outras entrevistas, permite reflexões sobre as diferentes representações que o mesmo espaço recebe, de acordo com os frequentadores. Alguns não percebiam ou ignoravam as práticas sexuais entre homens, outros não, a depender do interesse, sendo que a fala de Amélio dos Santos retrata um acontecimento tão despercebido pelos outros entrevistados, que leva ao entendimento de que, apesar da prática sexual ter ocorrido em um ambiente com outras pessoas presentes, os homens buscavam descrição, ao relacionar-se sexualmente com outros homens, para evitar desmoralizações.

Com base em notícias dos jornais da época, observa-se que a associação com homossexualidade, o que os homens procuravam evitar, era acompanhada de outros estigmas, o jornal *O Dia*, por exemplo, fala da “terrível área do homossexualismo e suas conexões com o mundo dos tóxicos”, ao afirmar que o homossexual é geralmente um toxicomaniaco, tanto o ativo quanto o passivo.<sup>239</sup> Então, por mais que os homens se relacionassem sexualmente uns com os outros, faziam isso de forma escondida ou em espaços como o cinema, quando fosse possível discrição. De acordo com Elisabeth Badinter, os homens deveriam ser fortes, másculos, sempre prontos para embates físicos e sem grandes emoções<sup>240</sup>, bem parecidos com os heróis retratados nos filmes. Essas características eram contrárias às representações que os homossexuais recebiam em revistas e filmes, além de constituírem padrões inalcançáveis para a maioria dos homens.

Pornochanchadas que retratavam homens gays costumavam fazer com que eles aparecessem como personagens caricaturais, afeminados, voltados ao mundo da moda ou da arte e com motivos de escárnio – muitas vezes eram responsáveis pela parte cômica dos filmes, assim como homens virgens e mulheres consideradas acima do peso para os padrões da época. O medo de associação com a homossexualidade era comum e as notícias de jornais, bem como falas dos entrevistados deixam isso claro: José Meireles, que no período estudado era um adolescente que trabalhava no centro da cidade de Teresina, afirma que um homem gay assumido o importunava sexualmente com frequência, o acompanhava até o trabalho e flertava com ele, quando o avistava em espaços de lazer. Anos depois, o homem referido descobriu sobre o casamento de José Meireles e ameaçou fazer escândalo. Essa informação marcou

---

<sup>238</sup> SANTOS, Amélio dos. Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga. Teresina, 29 out. 2019. Todos os entrevistados receberam pseudônimos.

<sup>239</sup> SEXO e tóxico. *O Dia*. 13 mai. 1981, Nº 7548, p. 02.

<sup>240</sup> BADINTER, Elisabeth, 1993, p. 136-137.

negativamente a memória do entrevistado, que temeu ser humilhado na frente de todos os seus amigos e familiares.

A vergonha do entrevistado seria a exposição no dia do casamento, mas principalmente a exposição relacionada a um homem que se relacionava sexualmente com outros homens. O medo está na dúvida que esse escândalo poderia causar na masculinidade e heterossexualidade de José Meireles. Ele não se relacionava apenas com mulheres? Por que um homem atrapalharia o casamento de outro homem? Eles devem ter algo entre si. Dúvidas essas que poderiam ficar sem respostas na mentalidade dos convidados. A mínima associação com homossexuais do gênero masculino poderia ser vista como desvio de conduta para homens respeitáveis, e todo esse medo, aliado aos padrões inalcançáveis de masculinidade, resultaria no que Elisabeth Badinter chama de *hipervirilidade*<sup>241</sup>, ou seja, homens que utilizariam da violência, ou de constantes práticas sexuais, para se constituírem socialmente como marcadores de masculinidade, admirados, principalmente, por outros homens.

Contudo, o relato de José Meireles também nos faz perceber outro tipo de masculinidade que, em velocidade reduzida, estava ganhando espaço, o que significa dizer que alguns homens que se relacionavam sexualmente com outros homens saíam do escurinho do cinema, ou de outros locais escondidos, para expor a sexualidade e buscar relações com quem lhes interessassem, sem preocupações com reciprocidade. Essa masculinidade, tão combatida pela mídia, chegava a afrontar e amedrontar representantes do grupo hegemônico do período, ou seja, homens brancos de classe média que se relacionavam sexualmente com mulheres.

Independente do padrão de masculinidade estudado, a sexualidade dos homens era estimulada, fazendo com que o conhecimento, aliado à prática sexual fossem almeçados, mesmo que de formas tidas como vergonhosas. Muitos jovens do período, vindos de outras regiões do Piauí, Ceará ou Maranhão tiveram suas iniciações sexuais com animais.<sup>242</sup> Teresina, apesar do *status* de capital em processo de urbanização e crescimento, guardava características rurais, o que fazia com que o coito com animais também ocorresse na capital, embora em menor quantidade. A possibilidade de prazer ao assistir filmes eróticos ou o início da sexualidade com prostitutas e namoradas contribuía para que homens diminuíssem a prática da bestialidade.

Quando retratados midiaticamente, esses encontros sexuais já abordavam algumas diferenças em relação à liberdade feminina. Ao contrário de décadas anteriores, em que a prática sexual seria retratada como crime de defloramento de mulheres virgens, os jornais teresinenses

---

<sup>241</sup> BADINTER, Elisabeth, 1993.

<sup>242</sup> Para mais informações ler: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Animais, homens e sensibilidades*. Cadernos de Teresina, Teresina, n.14, 1993, P. 31-36.

de 1970 e 1980 retratavam como casos de sedução<sup>243</sup>, de forma a explicar desejos femininos. A mídia denunciava, principalmente, quando eram homens maiores de idade, que seduziam meninas menores de idade e desapareciam, sem assumir a responsabilidade pelos filhos que poderiam nascer.<sup>244</sup> A diferença entre sedução e estupro, para o pensamento da época, fica claro na notícia<sup>245</sup> de uma paciente internada no hospital psiquiátrico Areolino de Abreu, que teria sofrido várias tentativas de sedução, até ser dopada e estuprada. Contudo, alguns estupros eram tratados apenas como crimes de sedução.

Apesar dos casos de estupro encontrados, é possível entender que cada vez mais mulheres tinham suas iniciações sexuais antes do casamento por vontade própria, e os jornais reforçavam que isso acontecia principalmente nos bairros mais pobres e periféricos, como os da zona sul da cidade.<sup>246</sup> Nesses locais, os crimes de sedução teriam maior número, mas, de acordo com o jornal *O Estado*, no final da década de 1970, já diminuía, por conta de desenvolvimentos do setor educacional. Essa explicação é insuficiente para contemplar a dinâmica sexual da época, e Martha Abreu<sup>247</sup> ajuda a entender que, nas famílias mais abastadas financeiramente, era fácil esconder os casos de sedução e arranjar casamentos, enquanto famílias mais pobres recorriam às delegacias, jornais e tornavam os casos públicos. Não dá para afirmar com certeza sobre o número de jovens de classe média ou alta que tiveram sua iniciação sexual antes do casamento, mas é importante tendo em vista que, em Teresina, muitos dos seus espaços de lazer eram os mesmos de pessoas pobres – e o acesso à sexualidade acontecia em lugares semelhantes.

## 4.2 A CIDADE VIOLENTA E PERIGOS DO LAZER

Todos os entrevistados apresentam como característica comum morar e estudar ou trabalhar na região do centro de Teresina, durante a década de 1970 e 1980. Quando questionados sobre o acesso aos espaços de lazer, respondiam que pegavam ônibus, iam caminhando ou arranjavam carros emprestados com seus familiares. A violência da cidade é

---

<sup>243</sup> Conceitos de sedução e estupro utilizados de acordo com as condições culturais do período. No início do século XX, o termo “crime de defloramento” era empregado para abordar relações sexuais fora do casamento que fossem responsáveis pela perda da virgindade feminina. Posteriormente, substituíram esse termo por “crimes de sedução”. A primeira nomenclatura dá a entender que as mulheres estariam sendo submissas e passivas, em relação aos homens, enquanto a segunda passa a imagem de que, por mais que a ação sexual partisse de seus parceiros, elas também tinham desejo sexual. ABREU, Martha. *Meninas Perdidas*. IN: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das crianças no Brasil*. 6ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>244</sup> SEDUZIU quatro garotas e agora vai à Polícia. *O Dia*. 05 nov. 1980, nº 7397, p. 09.

<sup>245</sup> PACIENTE dopada é seduzida no hospital. *O Estado*. 23 jan. 1976, Nº 947, P. 10.

<sup>246</sup> CASOS de sedução diminuem no 3º DP. *O Estado*. 28 jul. 1978, Nº 1654, p. 12.

<sup>247</sup> ABREU, Martha, 2008.

uma temática que não aparecia de forma espontânea em suas respostas, levantando questionamentos sobre o motivo dessa ausência. No presente trabalho, crimes são estudados, mas é importante considerar que a noção de criminalidade muda de uma sociedade para outra, bem como a de temporalidade.<sup>248</sup> Na pesquisa, é feito uso dos termos e representações utilizados na época.

No momento em que foram questionados sobre a violência da cidade, os entrevistados disseram que praticamente não existia, que eram outros tempos, em que eles circulavam livremente e podiam voltar das festas durante a madrugada, sem grandes perigos. Humberto Rodrigues Almeida, ao ser indagado sobre o que sabia a respeito de crimes famosos, como o “assassinato do carteiro”<sup>249</sup> ou “assassinato da doméstica”, de grande repercussão, afirmou que eram acontecimentos esporádicos que, quando repetidos pela mídia durante meses, criavam a sensação de pânico e insegurança.

A análise das fontes hemerográficas permite perceber que, quando esses crimes famosos aconteceram, as páginas de jornais foram ocupadas com suposições, relatos de parentes das vítimas e entrevistas com policiais. As manchetes atraíam os leitores, que poderiam acompanhar as histórias por meses, o que está de acordo com os relatos de Humberto Almeida. Contudo, as sessões policiais dos jornais *O Dia* e *O Estado* não abordavam apenas crimes famosos e repetidos, na medida em que as diversas violências, em sua maioria de Teresina, eram divulgadas, principalmente aquelas em que pessoas pobres estavam envolvidas.

Essas violências tinham divulgações intensificadas, após finais de semana ou períodos festivos, como carnaval, e levantam questionamentos a respeito de falas presentes em todas as entrevistas: como os entrevistados tinham a imagem de Teresina como uma cidade segura enquanto as fontes hemerográficas retratavam características tão diferentes? Responder essa pergunta, bem como explicar dimensões violentas do lazer teresinense são objetivos norteadores do presente tópico.

Ao trabalhar com História Oral, é preciso entender que as memórias dos entrevistados, individuais ou coletivas, possuem características flutuantes e em transformação.<sup>250</sup> Conforme essas pessoas são influenciadas por novas experiências, podem se confundir em relação ao

---

<sup>248</sup> Para maiores discussões a respeito de crime: PINHEIRO, Paulo. *Violência, crime e sistemas policiais em países de novas democracias*. São Paulo: Tempo Social, 1997 e SOUZA, Wanderson B. *Segurança pública, transgressões, violência e conflitos na atuação cotidiana dos policiais em Salvador-BA (1937-1945)*. Uberlândia: História e Perspectivas, 2013.

<sup>249</sup> Ver: SANTOS, Hélio Secretário dos. *A morte do carteiro e outras histórias: crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2013.

<sup>250</sup> POLLAK, Michael, 1992.

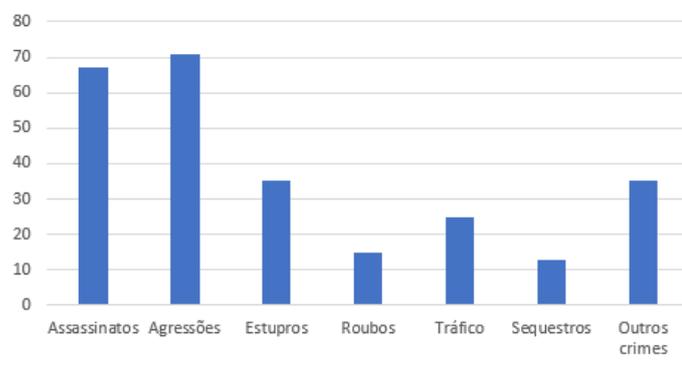
passado, o que repercute em seus relatos. Lembranças nem sempre estão disponíveis, quando as pessoas buscam acessá-las, e segundo Michael Pollak, as memórias, bem como todas as documentações, são socialmente construídas, e devem ser estudadas de forma crítica pelos historiadores, o que torna necessário comparar entrevistas, e até mesmo outras fontes.

Entrevistas que foram feitas de 2017 até 2020, sobre acontecimentos ocorridos há mais de 40 anos, podem dificultar lembranças de crimes vivenciados ou lidos em jornais. Além disso, o processo de urbanização em períodos posteriores a 1970 e, conseqüentemente, o aumento da marginalidade fez com que os sujeitos comparassem situações presentes com o passado, a perceber 1970 e 1980 como épocas mais seguras, mas que, conforme foi percebido, não teriam sido totalmente seguras.

Outro aspecto influenciador na ausência de criminalidade nos relatos foi o fato de que todos os entrevistados moravam e estudavam ou trabalhavam na região central da cidade, que era mais segura. Por esse recorte geográfico e socioeconômico, percebe-se que muitos habitantes do centro não teriam contato direto com violências e comportamentos tidos como desviantes de outras regiões da cidade, retratadas como perigosas.

As notícias permitem a análise de que o lazer das zonas sul e norte eram mais suscetíveis a violências, que poderiam ser roubos, sequestros, estupros ou brigas, em que homens e mulheres eram vítimas. Nas sessões policiais de fontes hemerográficas das décadas de 1970 e 1980, foi possível perceber quais os crimes que eram os mais noticiados, conforme a tabela abaixo demonstra. É importante, contudo, ressaltar que nem todos os crimes eram publicados em jornais, principalmente os que ocorriam com pessoas mais abastadas financeiramente e que, em uma única notícia, podia haver mais de um crime e ainda que as notícias sobre os mesmos casos poderiam continuar a ser veiculadas por meses ou anos. A tabela abaixo contém 261 crimes cometidos no período, em Teresina ou em cidades próximas, conectadas com a capital, que foram escolhidos para a pesquisa por terem ocorrido principalmente em ambientes extra domésticos, de trabalho ou lazer.

Figura 20 – Crimes das sessões policiais de jornais



Fonte: Acervo pessoal

Ao analisar as notícias, verifica-se que eram crimes ocorridos principalmente nos bairros Piçarra, Monte Castelo, Vermelha e Cristo Rei, regiões que, no período, correspondiam aos limites da cidade, afastadas do centro e, conseqüentemente, da realidade direta dos entrevistados. Agressões eram os relatos mais comuns, na medida em que todas as brigas, violências físicas e tentativas de assassinato fracassadas foram inseridas nessa categoria. A grande maioria das agressões registradas foram causadas por homens, nas situações em que recorriam à hipervirilidade para constituírem-se como seres respeitáveis, prontos para a autoimposição e defesa das honras, deles ou de seus familiares.

As principais vítimas eram mulheres, em situações conjugais, ainda vistas como submissas, mas outros homens também eram agredidos. Dessa forma, os casos relacionam-se com o que Pierre Bourdieu afirma sobre a dominação masculina, física ou simbólica, pois tinha pessoas do gênero feminino como vítimas, mas também afetava aos homens, em disputas pela masculinidade hegemônica.<sup>251</sup> Todos os ambientes frequentados, voltados ao lazer ou não, também eram ambientes de disputa, nos quais questões como quem seria o mais macho, quem teria mais namoradas, quem controlaria mais as mulheres e quem suportaria o consumo de mais bebidas alcólicas eram de suma importância.

Assim como as agressões, quase todos os outros crimes retratados foram cometidos por homens, que continuavam os mais presentes e dominantes da esfera pública da sociedade. Contudo, mulheres também ocupavam as páginas criminais na condição de infratoras, com os mais variados motivos: respostas às agressões que recebiam, proteção aos filhos, necessidade de sobrevivência por meios ilícitos ou simplesmente por não aceitarem infidelidades de seus

<sup>251</sup> BOURDIEU, 2007.

parceiros. Situações da segunda metade do século XX que apontam limites da pesquisa de Pierre Bourdieu, na medida em que as mulheres nem sempre são vítimas ou dominadas.

A categoria tráfico corresponde ao crescimento do tráfico de maconha no estado do Piauí, associado pela mídia ao movimento *hippie* e, por vezes, aos homossexuais.<sup>252</sup> Contudo, dois casos encontrados abordam o tráfico de mulheres destinado aos espaços de meretrício – com participação de homens e mulheres como mandantes dos crimes. A classificação “outros crimes” é sobre crimes de sedução – diferenciados do estupro tendo em vista que, para o pensamento da época, as vítimas menores de idade teriam demonstrado interesse no ato sexual, sob a promessa de casamento –, desaparecimentos e vandalismo.

A sociedade hierarquizada foi um fator determinante para a produção da violência, com suas distinções socioeconômicas, raciais e de gênero.<sup>253</sup> Nem todos tinham o mesmo acesso à cidade, na medida em que diversões consideradas mais seguras ficavam em regiões centrais de Teresina, enquanto a periferia, com suas próprias festas, bares e ruas, eram retratadas como mais perigosas. Apesar da pílula anticoncepcional já ser comentada e divulgada, pessoas pobres não tinham acesso a ela, e suas experiências em espaços de lazer, bem como práticas sexuais, poderiam ser marcadas pelo temor da gravidez fora do casamento.

Jornais noticiavam casos de infanticídios praticados por mulheres pobres, sem condições de criar os filhos. Um dos relatos veiculados no jornal aponta uma empregada doméstica natural de Batalha, cidade no interior do Piauí, que estando grávida, procurou emprego e moradia em Teresina. Ela foi contratada na casa de um homem aposentado, e com a utilização de uma cinta, conseguiu esconder a barriga de gestante. Como dormia em um quarto ao fundo do quintal da casa do aposentado, tinha privacidade e após o parto, enrolou a criança em um lençol e escondeu dentro de uma mala, enterrada no quintal da casa.<sup>254</sup> Outra notícia, de infanticídio em Piri-piri, uma estudante teria matado o filho a pauladas e jogado o corpo próximo ao quintal de sua casa.<sup>255</sup>

Em menos de uma semana, entre novembro e dezembro de 1980, dois infanticídios foram registrados em Teresina: uma residente do bairro Pio XII matou seu filho de nove meses e jogou o corpo em uma fossa<sup>256</sup>; em outro caso, ocorrido no bairro Buenos Aires, a mãe matou o filho e abandonou o corpo em um cemitério<sup>257</sup>. Após denunciar o crime, o jornal *O Dia*

<sup>252</sup> SEXO e tóxico. *O Dia*. 13 mai. 1981, Nº 7548, p. 2.

<sup>253</sup> BERNASKI, Joice; SOCHODOLAK, Hélio. *História da violência e sociedade brasileira*. Revista Oficina do Historiador. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

<sup>254</sup> MATOU o filho, guardou na mala e enterrou no quintal. *O Dia*. 16/17/18 ago. 1980, Nº 7329, p. 12.

<sup>255</sup> MATOU o filho a pauladas e entregou aos abutres. *O Dia*. 19 ago. 1980, Nº 7330, p. 09.

<sup>256</sup> MÃE mata o filho e joga corpo na fossa. *O Dia*. 29 jov. 1980, Nº 7417, p. 09.

<sup>257</sup> MÃE mata filho e abandona o corpo. *O Dia*. 2 dez. 1980, Nº 7418, p. 09.

informou que a mulher que atirou o filho na fossa não foi presa, a tendo em vista que não foi capturada no dia do ocorrido, e em seu depoimento afirmou que não poderia criar o filho e não queria que ele nascesse.<sup>258</sup> Apesar da recorrência dessas notícias, supõe-se que os casos de abortos e infanticídios foram mais numerosos, por conta das poucas opções contraceptivas e o fato de que todos os crimes relatados só vieram à tona, quando alguma pessoa descobriu os corpos das vítimas.

Em relação às outras mortes, os assassinatos de crianças recebem diferentes representações midiáticas e populacionais, na medida em que as vítimas eram pequenas e indefesas, mas também pelo fato de que a respeitabilidade feminina estava relacionada com a capacidade das mulheres em constituírem-se como boas mães, esposas e cuidadoras do lar. As meninas, logo na infância, eram ensinadas a procurar bons casamentos e proteger os filhos. Entretanto, esse cuidado com as crianças, bem como a noção de amor materno incondicional, são construções históricas e sociais, não necessariamente naturais. Sobre infanticídio, Elisabeth Badinter afirma:

É fora de dúvida que o infanticídio puro e simples é geralmente manifestação de um desespero humano considerável. O assassinio consciente de uma criança jamais é prova de indiferença. Como tampouco o abandono do recém-nascido nunca é feito de coração leve. Não é sem emoção, e provavelmente com culpa, que essas mães pregam pequenos bilhetes na roupa do bebê que abandonam. [...] A miséria e a doença em alguns casos, situações insustentáveis em outros, muitas vezes mães solteiras. Por vezes, porém, um enxoval luxuoso acompanha o bebê, provando que o pecado e o abandono que o segue não é apanágio dos pobres... Mas ao lado desses gestos desesperados figuram outros gestos e outras opções que por vezes têm, mesmo que estes tenham sido involuntários, consequências igualmente trágicas.<sup>259</sup>

Há conflitos entre o que defende Elisabeth Badinter e as informações retratadas no jornal *O Dia* sobre infanticídio, na medida em que os jornalistas buscavam retratar as mulheres como frias e indiferentes. “Chegaram à casa da estudante e ela se encontrava tranquilamente deitada numa rede sobre uma poça de sangue”, afirmavam sobre a mãe de Piripiri. Não dá para perceber o nível de desespero apenas por esses relatos encontrados nos jornais, em que poucas linhas eram destinadas aos depoimentos dos envolvidos. Segundo Elisabeth Badinter, o amor materno é produto da evolução social desde o século XIX, enquanto em períodos anteriores as crianças eram, de forma costumeira, entregues para que amas de leite criassem, e só voltavam ao lar com

<sup>258</sup> MÃE assassina se apresenta e fica livre. *O Dia*. 30 nov. 1 dez. 1980, N° 7418, p. 09.

<sup>259</sup> BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 64-65.

cinco anos de idade. Historicizar o amor materno não é uma tentativa de naturalizar os assassinatos, mas perceber como esses crimes recebiam representações intensificadas, por terem sido cometidos por mulheres e mães, em um contexto de crescente preocupação com educação e bem-estar das crianças. A veiculação das notícias de infanticídio também serve como mecanismo para assustar e controlar a sexualidade das mulheres jovens, que, por falta da disponibilização de métodos contraceptivos acessíveis e com eficácia, estariam sujeitas à gravidez.

Outro crime de grande repercussão em Teresina foi o assassinato do corretor de automóveis Jacob Lima, um homem casado, em conflito iniciado no cabaré da Ana Paula, famoso ponto de meretrício durante as décadas de 1970 e 1980. Segundo jornais, mais de 15 jogadores do time de futebol do Tiradentes teriam sido os criminosos responsáveis pela morte, no momento de comemoração do nascimento do filho de um dos jogadores.<sup>260</sup> A confusão teve início, quando Teresa Neuma, uma das prostitutas que trabalhava no estabelecimento percebeu que Célio Rodrigues, jogador do Tiradentes e seu “xodó”, estava com outra funcionária da *boite* Ana Paula. Embriagada, Teresa partiu para os insultos, e Célio respondeu às ofensas com agressões físicas. A prostituta teria sentado à mesa de Jacob Lima, outro cliente, para pedir ajuda, pedido prontamente atendido, quando o corretor foi ao seu carro buscar uma arma.

Ao iniciar briga e atirar em Célio, Jacob errou a mira e acertou em José Jerônimo Costa, outro jogador do Tiradentes, enquanto Ana Paula, que estava em um dos quartos atendendo a um cliente, saiu correndo, seminua, se agarrou com Jacob e pediu para que ele parasse com o tiroteio dentro de sua casa.<sup>261</sup> Conseguiu levá-lo até a rua, acompanhado dos jogadores de futebol, que arremessavam pedras. Jacob atirou em outro jogador, mas quando rendido, tomaram sua arma e o espancaram, até que ele fosse encaminhado para a delegacia e posteriormente ao Hospital Getúlio Vargas, onde morreu em consequência dos ferimentos.<sup>262</sup> O jornal noticiou o caso três vezes na mesma edição, com divergências de informações. A diretoria do Tiradentes decidiu pela extinção do time, o que desagradou parcelas de torcedores do Tiradentes, Flamengo e River – grupos que conquistavam grandes bilheterias ao disputar uns com os outros. Sobre os bens do time extinto, afirmaram:

Com o grande sucesso de sua vida desportiva, a Sociedade Esportiva Tiradentes sentiu a necessidade de crescer [...] o coronel [...] realizou uma grande obra, construindo três Centros Sociais. O Centro Social dos Oficiais [...] o Centro dos Subtenentes e Sargentos [...] o Centro dos Cabos e Soldados

<sup>260</sup> MAIS de 15 jogadores participaram do crime. *O Dia*. 4 jun. 1976, Nº 4500, p. 08.

<sup>261</sup> ANA Paula: saí nua e me agarrei com Jacob. *O Dia*. 4 jun. 1976, Nº 4500, p. 08.

<sup>262</sup> JACOB morre na sala de cirurgia do HGV. *O Dia*. 4 jun. 1976, Nº 5400, p. 08.

[...]. Como diz o artigo 4 do capítulo 1, no caso de dissolução do Tiradentes, todos os bens serão incorporados ao patrimônio da Polícia Militar do Estado do Piauí.<sup>263</sup>

Um dos pontos percebidos com o caso é o quanto a presença de homens casados e com filhos em cabarés era naturalizada, tendo em vista que Jacob tinha esposa, e os jogadores do Tiradentes estavam comemorando o nascimento do filho de um deles. Outros jogadores, que não tinham relações matrimoniais ainda assim mantinham namoradas, que continuaram com eles, após o crime e exposição nos ambientes de meretrício.<sup>264</sup> Por mais que as mulheres estivessem conquistando espaços no âmbito do trabalho e do lazer, essas notícias ajudam a perceber que, em várias camadas sociais, elas ainda eram consideradas pessoas que deveriam restringir-se a ambientes domésticos e a cuidar do lar, enquanto seus maridos tinham maior liberdade. Alguns setores sociais defendiam que relações extraconjugais masculinas seriam erros perdoáveis, fazia parte da natureza dos homens. Outro ponto analisado é que, apesar das prostitutas atenderem diversos clientes, havia preferências. Teresa ficara com ciúmes, ao ver seu “xodó”<sup>265</sup> com outra mulher, apesar de também se relacionar sexualmente com os homens que frequentavam o cabaré. Outros conflitos também foram iniciados por motivos parecidos, como será estudado posteriormente.

Também se examina que futebol, sexualidade e masculinidade eram características intrínsecas, muito presentes nos ambientes de lazer dos homens. Para essas pessoas, jogar futebol é tão naturalizado e viril quanto fazer sexo, e a influência do time – proporcional ao número de torcedores – pode ser percebida com a quantidade de centros sociais que puderam ser fundados e pelos jogadores, que convencidos de suas popularidades, irritaram-se com a obrigatoriedade de ir à delegacia depor e, após o crime, continuaram frequentando espaços de lazer como o cinema, com suas respectivas namoradas.

Outro ponto destoante em relação às falas dos entrevistados é quando afirmam circular pela cidade livremente, sem preocupações com possíveis violências. Há relatos de jovens pobres que, durante o dia, andavam mais de 3km para chegar a suas escolas e, durante a noite, percorriam distâncias parecidas ao voltar de festas. Essa suposta segurança não estaria acessível para todos, principalmente para mulheres e durante a noite. Segundo o jornal *O Dia*, um casal de namorados foi assaltado e agredido ao voltar da festa Top Som, realizada no bairro Piçarra, zona sul. Às duas da manhã, eles estavam caminhando em direção às suas residências no bairro

---

<sup>263</sup> ACABOU apenas o futebol; os centros permanecem. *O Dia*. 6 jun. 1976, Nº 4502, p. 10.

<sup>264</sup> JOGADORES ouvidos na polícia. *O Dia*. 6 jun. 1976, Nº 4502, p. 08.

<sup>265</sup> Expressão regionalista utilizada para indicar afeição e proximidade com alguma pessoa.

Monte Castelo, quando foram interceptados pelos assaltantes, que exigiram pertences: das joias às roupas. Deixaram o casal sem roupa e iniciaram espancamentos.<sup>266</sup> Nesse caso específico, a notícia menciona assalto, agressão e humilhação, mas principalmente para mulheres, o perigo ia além dos assaltos, tendo em vista que poderia resultar em estupros.

Existem relatos comuns sobre casais que, ao circular pelos espaços de lazer da cidade, teriam sido surpreendidos por grupos de estupradores. Alguns amarravam ou agrediam o namorado enquanto outros se revezavam para estuprar a mulher.<sup>267</sup> Segundo um delegado, apenas dois estupradores seriam responsáveis por 15 estupros, até o momento de suas prisões, mas nem todas as vítimas denunciavam os crimes, por vergonha e possível culpabilização da sociedade. Por mais que as fontes hemerográficas não levantem questões relacionadas à moral das mulheres, elas poderiam ser socialmente questionadas por suas opções de lazer e horário de circulação, fazendo com que muitas preferissem evitar que o público tomasse conhecimento desses casos.

Estupros eram recorrentes nos espaços públicos de lazer, mas não limitados a eles, na medida em que violências masculinas se manifestam em diversos espaços, maneiras e idades. Garotas estudantes do período noturno eram orientadas a voltar da escola em grupo, e evitar espaços tidos como perigosos, tais quais ambientes de meretrício, praças e ruas desertas que poderiam estar no caminho de suas residências. Com a necessidade da educação, elas eram expostas a perigos presentes na esfera pública da sociedade, com possibilidade de sequestros, agressões e estupros em matagais da cidade.<sup>268</sup> Nem sempre os agressores eram pessoas desconhecidas, há relatos de casais de namorados em que, quando as garotas recusavam práticas sexuais, os rapazes tentavam estuprá-las.<sup>269</sup> Divisões entre mulheres respeitáveis e mulheres “da rua”, repercutiam no comportamento desses jovens: se as mulheres estivessem em ambientes públicos com seus namorados, principalmente em horários considerados não respeitáveis, elas supostamente estariam correspondendo aos desejos masculinos – o que não era o caso nas notícias relatadas.

Registros de violência contra as mulheres em ambientes extra domésticos também são evidências de como elas estavam, cada vez mais, ocupando esferas públicas da sociedade, sem que suas seguranças fossem asseguradas. Trechos percorridos para acesso feminino ao trabalho, estudo ou lazer apresentavam perigos, mas os ataques também poderiam ser estendidos às

---

<sup>266</sup> ASSALTANTES deixam namorados despídos na Odilon Araújo. *O Dia*. 26 jan. 1982, Nº 7758, p. 12.

<sup>267</sup> 3º DP prende assaltantes de casais de namorados. *O Dia*. 9 jan. 1980, Nº 7144, p. 08.

<sup>268</sup> TARADO tenta estuprar uma estudante no matagal. *O Estado*. 1 jul. 1982, Nº 2798, p. 11.

<sup>269</sup> MENOR tenta estuprar estudante e é preso. *O Estado*. 3 jul. 1982, Nº 2800, p. 12.

instituições que elas ocupavam. Há notícias que denunciam estupros em Centrais de Polícia, locais em que não obstante separação entre homens e mulheres, os presos aproveitavam momentos de distração dos guardas para invadir celas femininos e cometer estupros.<sup>270</sup>

Quanto aos espaços escolares, três notícias com denúncias de estupro ou tentativas, a envolver alunos e professores, auxiliam no entendimento de como escolas poderiam ser ambientes perigosos: 1) no turno da noite, ao faltar energia no colégio Zacarias de Góes – Liceu, houve atos de vandalismo e tentativa de estupro de uma das alunas, por parte de seu colega de turma<sup>271</sup>; 2) ao oferecer carona, um professor desvia o caminho, obriga sua aluna a tirar a roupa e tenta estuprá-la. Quando não consegue, abandona a garota, sem roupas, no Parque Piauí, bairro na zona sul da cidade<sup>272</sup>; 3) ao descobrir que sua filha perdeu a virgindade com alguém da família, uma viúva acusa o professor da garota de estuprá-la.<sup>273</sup>

Essas notícias, relacionadas com o ambiente escolar e aparentemente isoladas, demonstram que a inserção feminina em espaços públicos, bem como independência de seus corpos, não ocorreu de forma fácil. Os contatos de mulheres com homens, fora da vigilância familiar ou da escola – o primeiro caso ocorreu no escuro, quando faltou luz, e o segundo fora do colégio –, poderiam resultar em violências sexuais, o que alertava as estudantes e suas famílias. A terceira denúncia, mesmo falsa, permite perceber como, para alguns grupos, era preferível associar as garotas com casos de estupro do que admitir suas liberdades sexuais, e como as violências envolvendo pessoas do ambiente escolar não eram tratadas como surpresa, visto que os órgãos policiais acreditaram na viúva, prendendo o professor, mesmo a aluna afirmando sua inocência.

O jornal não afirma se a relação sexual da garota com seu familiar foi consensual, mas mesmo, quando desejada pelas jovens, a perda da virgindade fora do casamento não era aceita por gerações anteriores, e era preferível que a circulação feminina em ambientes extra domésticos fosse monitorada por pessoas de confiança, tanto para evitar estupros, quanto relações sexuais desejada pelas jovens.

A ampliação do número motéis é resultado do aumento de relações sexuais, consensuais ou não, fora do casamento, mas esses espaços são retratados, em Teresina, principalmente por meio de notícias de estupros ou crimes de sedução, divulgadas quando as vítimas eram menores

<sup>270</sup> Os casos de estupro fizeram com que, meses após denúncias, as mulheres fossem impedidas de ficar na Central de Polícia, a serem encaminhadas diretamente para a Penitenciária Feminina, se presas em flagrante. PRESOS violentam mulher no xadrez da Central. *O Dia*. 14 ago. 1981, Nº 7625, p. 8; MULHERES não podem ficar na Central. *O Dia*. 13/14 dez. 1981, Nº 7725, p. 12.

<sup>271</sup> FALTA energia em colégio e tentam currar estudante. *O Dia*. 8/9 dez. 1977, Nº 4958, p. 16.

<sup>272</sup> PROFESSOR tenta currar e abandona estudante. *O Estado*. 8 nov. 1979, Nº 2030, p. 08.

<sup>273</sup> NA novela amorosa, professor... *O Estado*. 13 fev. 1976, Nº 965, p. 1.

de idade. Um dos estupradores mantinha encontros com sua vítima de 12 anos pela Praça Pedro II e outros locais, até que a levou, sem avisar, para um motel e a estuprou.<sup>274</sup> Por ser um profissional influente, recebeu protecionismo dos policiais, que não divulgaram seu nome, e defesa tentou alegar que a menor teria dito ter 16 anos – o que para os padrões da época configurava como crime de sedução. Com esse caso, jornais passaram a denunciar a falta de fiscalização presente nos motéis da cidade<sup>275</sup>, e informaram que, além do agressor, o dono do motel também prestaria depoimento na delegacia.

Um ponto importante para a análise desse crime é que o agressor afirmou estar disposto a “casar com a vítima, que já era sua namorada há mais de uma semana”. Essa informação está de acordo com as análises de Martha Abreu, ao afirmar que era mais fácil identificar os crimes de sedução e estupros em que pessoas pobres estavam envolvidas, na medida em que os ricos tinham mais mecanismos para se protegerem, como por exemplo, relações com policiais que favoreciam anonimato, possibilidade de contratar advogados e casamentos arranjados, que “resolveriam” o problema da perda da virgindade feminina. As garotas ou mulheres não ficariam mal faladas, pois estariam casadas com quem tiveram relações sexuais, forçadas ou não. Até o momento em que noticiavam sobre o caso, informaram que o estuprador continuou preso e perdeu seu emprego, sem se casar com a menor de idade.

O procedimento adotado por delegados e capitães, ao lidar com casos de estupro era mandar as vítimas para o Instituto Médico Legal (I. M. L.), local em que fariam exames para identificar a veracidade e gravidade da violência sexual.<sup>276</sup> Também escutavam relatos de todos os envolvidos, inclusive potenciais agressores<sup>277</sup>, que além de prometerem casamento, poderiam negar o ocorrido<sup>278</sup> ou assumir seus crimes. Agentes da polícia chegavam a ter conhecimento de vários estupros e crimes de sedução cometidos pelos mesmos homens. Quando as vítimas eram menores de idade, os jornalistas não identificavam ou informavam apenas as iniciais, e utilizavam de forma comum os termos sevicar e currar, para indicar violência sexual.

Além das violências sexuais que poderiam ocorrer nos espaços públicos da sociedade, muitas mulheres eram estupradas nos ambientes domésticos. A vítima mais jovem encontrada nas fontes hemerográficas era uma criança de dois anos, estuprada supostamente pelo vizinho no conjunto Parque Piauí, enquanto sua mãe trabalhava. Preocupada com a violência, a mãe

---

<sup>274</sup> ESTUDANTE de 12 anos estuprada num motel. *O Dia*. 13/14 dez. 1981, Nº 7725, p. 12.

<sup>275</sup> MOTEIS recebem meninas e nada lhes acontece. *O Dia*. 15 dez. 1981, Nº 7726, p. 12.

<sup>276</sup> TARADO estupra menor de dois anos no Parque Piauí. *O Dia*. 12 nov. 1981, Nº 7699, p. 12.

<sup>277</sup> ESTUPRADOR será ouvido na Polícia. *O Dia*. 18 nov. 1981, Nº 7704, p. 12.

<sup>278</sup> ACUSADO de estupro da menor depõe no Distrito. *O Dia*. 19 nov. 1981, Nº 7705, p. 12.

mandou sua filha para a casa dos avós, localizada no centro da cidade, espaço tido como mais seguro e no qual adultos poderiam cuidar da criança. No bairro Tabuleta, o pai de uma criança de três anos tentou estuprá-la, e foi denunciado pela esposa.<sup>279</sup> Em outros casos, padrastos ou parentes eram os responsáveis pelos estupros, evidenciando que, ao contrário de memórias construídas por parte da população, a violência estava presente na realidade de muitas pessoas, principalmente mulheres pobres.

Alguns dos crimes eram considerados pela população como impraticáveis por pessoas conscientes, e só poderiam ser consumados por pessoas bêbadas e sob efeito de maconha. Três estupradores, ao tentar forçar relações sexuais com uma criança de 11 anos no Km 7 da BR-316 (correspondente ao atual município Lagoa do Piauí) a espancaram e utilizaram uma corda para enforcá-la.<sup>280</sup> O jornal *O Estado* retratou esse crime como atividade de homens “emacanhados, pois um crime bárbaro desta natureza um homem só pratica se estiver inconsciente”. Mídia, igreja, família e escola eram instituições que buscavam associar a maconha com todos os comportamentos desviantes do período, sendo associada à promiscuidade, a fazer com que mulheres inexperientes tivessem sexo fora do casamento e recorressem a abortos, aos estupros e assassinatos cometidos por homens, às dispersões nos âmbitos da educação e do trabalho, que resultariam em mendicância e prostituição. Nesse ponto, é importante ressaltar que, para donos de empresas, era necessário que homens e mulheres não fizessem sexo em excesso, nem consumissem muita bebida alcoólica ou usassem drogas, a tendo em vista que seus corpos, sóbrios, deveriam estar focados no trabalho e na produção.<sup>281</sup> Entende-se, então, que campanhas contra uso de drogas eram estimuladas por discursos médicos, religiosos e econômicos.

Em Teresina, a maconha também era retratada como “erva maldita”, em um contexto que ainda não haviam aparecido outras drogas – entre as ilegais, as mais conhecidas e consumidas eram maconha e *lança-perfume*.<sup>282</sup> O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) era responsável pela investigação e controle de crimes relacionados ao tráfico, que poderia entrar na capital piauiense por via do Maranhão, intermediado pela cidade de Timon ou pelo sul do Piauí, com a produção que advinda de Paulistana.<sup>283</sup> Contudo, algumas pessoas

<sup>279</sup> TENTOU estuprar a própria filha. *O Estado*. 18 jan. 1977, Nº 1233, p. 05.

<sup>280</sup> TRÊS tarados tentam estuprar uma menina. *O Estado*. 26 mai. 1981, Nº 2483, p. 12.

<sup>281</sup> CARNEIRO, Henrique. *As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX*. Disponível em: <<https://drogaspoliticacultura.net/wp-content/uploads/2015/09/Henrique-Drogas-siglo-XX.pdf>> Acesso em fev. 2020.

<sup>282</sup> A partir da década de 1970, alguns jovens de classe média entravam em contato com a cocaína ao estudar em outras capitais, e traziam esses hábitos para o território piauiense. Contudo, tratava-se de uma droga elitizada e que não teria informações divulgadas na mesma medida que maconha e *lança-perfume*.

<sup>283</sup> DESCOBERTA roça com 500 pés de maconha. *O Estado*. 31 jul. 1982, Nº 2824, p. 01.

mantinham plantações dentro de Teresina. Após descoberta do percurso entre Paulistana e capital, a chamada “rota da maconha” ganhou destaque nos noticiários piauienses. Ela teria sido denunciada por um usuário que, insatisfeito com os traficantes, os teria denunciado por meio de uma carta anônima.

Jornais divulgavam os nomes de alguns participantes da rota da maconha, bem como esquemas de tráfico e crimes que cometiam, mas os policiais tinham dificuldade em conter o transporte da erva. Em um dos assassinatos, o traficante pegou um táxi no sul do Piauí, com destino a uma cidade do Ceará, mas o motorista achou a mercadoria transportada suspeita e ao tentar mudar de caminho, foi assassinado<sup>284</sup> – o assassino foi preso e confessou seus crimes. Brigas de traficantes entre si também era noticiadas, ao passo que eles disputavam território em Paulistana, para comprar maconha e vender nas principais capitais do Nordeste.<sup>285</sup> A região foi escolhida por ser uma das mais distantes e isoladas do estado, mas sob jurisdição do Departamento de Polícia do Interior, que trabalhava junto ao DOPS.

Foram noticiados tráficos nos municípios de Picos e Simplício Mendes, na parte sul do Piauí, o que dá a entender que a comercialização de maconha ocorria por todo o Estado. Um soldado da Polícia Militar foi preso com 10kg da erva, adquirida em Simplício Mendes e que seria vendida na capital. Além dele, três compradores também foram pegos em flagrante pela polícia, na casa do soldado traficante.<sup>286</sup> Mais afastada da produção em grande escala e violenta no sul do Piauí, a polícia descobriu um traficante que plantava maconha em ambiente doméstico na cidade de Timon, e receitava produtos roubados. Conforme as pessoas assaltavam os teresinenses, iam até Timon para trocar os roubos por maconha.

Apesar de todas as notícias encontradas sobre o tráfico de maconha datarem da década de 1980, há evidências de que durante 1970 já havia traficantes, pois alguns eram reincidentes, que pagaram suas penas na prisão e voltaram a comercializar a erva. Entre os consumidores de maconha encontrados em Teresina estavam pessoas pobres, que precisavam assaltar para continuar a fazer uso, mas também pessoas de classe média e alta. Segundo o jornal *O Estado*, jovens invadiram uma casa abandonada no conjunto Morada do Sol para fumar maconha e assistir a filmes pornográficos, enquanto seus carros e motocicletas ficavam parados na rua.<sup>287</sup> Além dos símbolos de *status* representados pelos transportes, aparelhos reprodutores de filmes não eram utensílios baratos, tendo em vista que, no período estudado, apenas pessoas de classe

---

<sup>284</sup> INVESTIGADOS crimes na rota da maconha. *O Estado*. 14 jul. 1982, Nº 2809, p. 12.

<sup>285</sup> PLANTADOR da "erva" é morto por 2 traficantes. *O Estado*. 8 jul. 1982, Nº 2804, p. 12.

<sup>286</sup> SOLDADO da PM preso com 10 kg da erva maldita. *O Estado*. 9 jul. 1982, Nº 2805, p. 12.

<sup>287</sup> DESCOBERTA maconha na "Morada do Sol". *O Estado*. 30 jun. 1979, Nº 1922, p. 12.

média e alta consumiam esses produtos. Na casa do estudante, república para pessoas pobres que saíam de outras cidades para estudar em Teresina, também havia denúncias de maconha e nudez<sup>288</sup>, conforme os jovens utilizavam o espaço para lazer, ao levar namoradas, utilizar álcool e erva.

Quando questionados sobre o uso de maconha em Teresina, os entrevistados disseram não possuir conhecimento, considerando apenas o *lança-perfume*, droga ilegal popular nos carnavais, que seria utilizada principalmente pelos mais velhos. Apesar de todo o alarde feito pelos jornais, percebe-se que o consumo de maconha não era generalizado, e parecia mais uma substância distante, que, dependendo do meio social, a pessoa teria ou não informações a respeito. Ao relatar sobre seu primeiro contato com a maconha, Pedro Cipriano Arcoverde informa sobre os passeios na Praça da Bandeira, nos quais via cigarros diferentes e sentia cheiros então desconhecidos. Nessa praça, Pedro sempre avistava um rapaz rodeado de amigos, e logo percebeu que ele era o responsável por comercializar aqueles cigarros. Ao perguntar para seus conhecidos, explicaram que era algo que as pessoas fumavam para obter prazer, um prazer diferente, “para ficar doidão, para se divertir, para ter prazer além de beber uma bebida, de namorar, de fumar um cigarro normal, de ir ao cinema, de tomar banho na Prainha [...]”<sup>289</sup>.

Ao estudar esse período, é importante perceber que mesmo com o movimento *hippie*, com influências estadunidenses, que defendia sexo livre, drogas e *rock and roll*, não havia no Piauí organizações populacionais com finalidade de descriminalizar o uso de maconha. Os que faziam uso estavam mais interessados nas possibilidades de prazer proporcionadas em uma microescala, sem tentativas de grandes mudanças em estigmas sociais. A explicação recebida por Pedro Arcoverde reflete essa visão, na medida em que explicaram os prazeres proporcionados pela maconha, ignorando possíveis estigmatizações presentes na sociedade.

Com menor expressão, sequestros e outros crimes também ocupavam as páginas policiais. Quando mulheres de famílias de classe média fugiam com *hippies*, os responsáveis por elas chegavam a procurar em bares, hotéis e cabarés, tratando a fuga como sequestro, mesmo que tivesse sido por vontade das supostas vítimas. Essa situação acontecia principalmente, quando eram adolescentes. Vandalismos também eram retratados, bem como os golpes popularmente conhecidos como “conto do vigário”<sup>290</sup>, em que os criminosos elaborariam histórias para poder roubar dinheiro de suas vítimas.

---

<sup>288</sup> MACONHA e nudez na casa do estudante. *O Estado*. 21 out. 1976, Nº 1168, p. 01.

<sup>289</sup> ARCOVERDE, 2020.

<sup>290</sup> MAIS uma vítima é levada e perde dinheiro no “Conto”. *O Dia*. 13 nov. 1981, Nº 7700, p. 12.

Com a análise dessas notícias, é possível analisar a variabilidade de crimes ocorridos em Teresina, que eram intensificados de acordo com a desigualdade e falta de emprego para todos os novos moradores, que vinham de outras cidades do Piauí ou de estados vizinhos. Ambientes domésticos, de lazer ou de trabalho poderiam ser permeados por práticas violentas, em que as principais vítimas eram pessoas pobres e de regiões então periféricas – bairros da zona sul e norte. As mulheres tinham cada vez mais experiências nas esferas públicas da sociedade, não eram dissociadas do medo de violências, principalmente sexuais. Aos homens, viver com maior liberdade era aceitável, e até mesmo estimulado, percebe-se eles eram maioria em espaços de lazer bem específicos, como sessões de pornochanchadas e jogos de futebol. Contudo, ambientes de meretrício eram locais mais propícios para a prática da hipervirilidade: repletos de mulheres, mas em que homens testariam suas capacidades de dominação social – mesmo que também pudessem ser dominados –, por meio do sexo, bebida e violência.

#### **4.3 AS DIVERSÕES DELES ERAM DIFERENTES**

Prática antiga e que, em Teresina, acompanhou os locais masculinos de trabalho, a prostituição se constituía como tema polêmico, ao ser vista por alguns como um mal necessário, que mantinha os rapazes satisfeitos, colaborando para conservar a virgindade das meninas “de família”. Em contrapartida, outros setores sociais abominavam o meretrício e buscavam forma de desintegração dos espaços voltados a essa prática. Para eles, a prostituição poderia encaminhar os rapazes a ambientes violentos, assim como poderia desvirtuar as moças de família. O objetivo do presente tópico é entender como cabarés e outros ambientes de prostituição se constituíam como opções de lazer para os rapazes, bem como entender que mecanismos eram utilizados para combater o meretrício.

Os crimes cometidos pelos jogadores do Tiradentes também favoreceram o entendimento de como funcionava a vida noturna nos cabarés: um ambiente repleto de homens, em que mulheres lidavam com violência. Ana Paula, sozinha e sem roupa, foi a pessoa capaz de controlar Jacob e mandá-lo para fora do estabelecimento. A liberdade feminina, tão discutida nas fontes hemerográficas do período, era praticada principalmente pelas prostitutas, conforme elas decidiam suas formas de sobrevivência e poderiam responder às agressões praticadas por homens ou por suas colegas de trabalho.

Em muitos casos, as mulheres recorriam ao meretrício como possibilidade para sua sobrevivência e de seus filhos, quando os tinham, mas poderiam esperar a chance de fuga daqueles ambientes, ao desejarem outras alternativas de emprego ou casamentos que

permitissem seus sustentos. Esperavam por homens, mas não dá para falar de dominação masculina unilateral, tendo em vista que os homens poderiam ser passíveis de afeiçoamento ou manipulação pelas prostitutas. Em muitos casos, eles eram punidos por mau comportamento, com agressões físicas e até assassinato. Para entender melhor a situação, é necessário aprofundar informações sobre prostituição.

Tentativas de tornar públicas as características negativas dos cabarés eram efetuadas pela mídia piauiense, não só ao relatar as violências, mas as tristezas presentes na vida das prostitutas. O jornal *O Estado* noticiou externa a respeito de prostitutas que teriam o auxílio de sociólogos e padres, em um projeto que buscava suas ressocializações.<sup>291</sup> Com características associáveis ao Piauí, percebe-se que muitas saíam de suas cidades a procura de emprego nas capitais, eram demitidas, seduzidas ou estupradas por homens e recorriam à prostituição como forma de sustento. Também é possível perceber como os sociólogos e padres analisavam o meretrício, pois buscavam preparar as mulheres para trabalhos dignos de suas condições humanas. Para eles e outros profissionais, prostituição seria uma forma de desumanizar essas mulheres, que eram tratadas como objetos, e até associadas com “mercado negro”.<sup>292</sup> Famílias lutavam para que, em Teresina, a prostituição combatida nas regiões centrais não fosse para os espaços domésticos de outras regiões.

Além das mulheres que, por vontade própria, tentavam empregos e ao não conseguirem sucesso, recorriam à prostituição, algumas migravam contra suas vontades ou enganadas por traficantes de pessoas. O jornal *O Estado* expôs uma mulher que na década de 1970 foi acusada de traficar menores de idade para casas de conforto na capital piauiense, e foi presa enquanto tentava embarcar uma garota de 13 anos dentro de um táxi. Algumas traficantes buscavam encontrar menores de idade em Teresina e encaminhavam até Fortaleza, também para ambientes de meretrício. Promessas de dinheiro, conforto e vidas melhores eram efetuadas, e há suspeitas de funcionários da rodoviária trabalhando em colaboração com as traficantes.<sup>293</sup> Homens também foram denunciados nos esquemas de tráfico como os principais infratores, como em um caso encontrado em 1980 de um traficante preso, que levava mulheres de Teresina para Serrinha, na Bahia, e as vendia por 50 mil cruzeiros cada.<sup>294</sup>

A boate Minissaia, que funcionava em Teresina até 1973, no bairro Matadouro, foi fechada pelo Serviço de Polícia Interestadual (POLINTER), porque escravizava e prostituía

---

<sup>291</sup> 50 prostitutas falam de seus dramas a padres e sociólogos. *O Estado*. 16 ago. 1977, Nº 1377, p. 06.

<sup>292</sup> MENEY, Patrick. Não há prostituição. Prostitutas sim. *O Dia*. 7 nov. 1981, Nº 7695, p. 08.

<sup>293</sup> MULHER que comandava tráfico de menores foi presa no Ceará. *O Estado*. 6 jan. 1978, Nº 1490, p. 12.

<sup>294</sup> TRAFICANTES de mulheres presos. *O Dia*. 21 mai. 1981, Nº 7554, p. 01.

menores de idade advindas de Fortaleza.<sup>295</sup> Na capital do Ceará, uma dona de salão de beleza atraía garotas e, sob a promessa de vida boa e trabalho, as enviava para Teresina. Observa-se que o tráfico envolvia pessoas de classe média ou alta, conforme o jornal *O Dia*, ao informar sobre a luxuosa boate Minissaia e as pessoas “da alta sociedade do Ceará” envolvidas. Outro caso encontrado foi o de um pai, no município de Jaicós, que vendeu a filha menor de idade por 10 mil cruzeiros.<sup>296</sup> Apesar das evidências afirmarem que a jovem não teria sido vendida para o meretrício e que essa história teria sido inventada para influenciar as eleições da cidade, uma vez que o pai da jovem era envolvido com política.<sup>297</sup> Independente desses casos específicos, verifica-se que havia tráficos em larga escala das cidades do interior do Piauí para a capital e outros estados, bem como entre as capitais Teresina e Fortaleza, em que mulheres iriam principalmente enganadas. Entretanto, algumas jovens que fugiam de casa e eram abrigadas em ambientes de prostituição<sup>298</sup> preferiam continuar nesses espaços a retornar para suas famílias.

Em Teresina, foram vários os estabelecimentos de prostituição que funcionaram por boa parte do século XX. A rua Paissandu, no centro da cidade, constituída como a maior zona do meretrício em Teresina.<sup>299</sup> Durante o dia, funcionava como um aglomerado de armazéns e estabelecimentos com peças para carro, fazendo com que muitos homens transitassem por aquele espaço. À noite, os cabarés funcionavam e desagradavam boa parte da população. Outro espaço era o Morro do Querosene, no bairro Piçarra, retratado como perigoso por fontes hemerográficas e entrevistados. A capital também contava com a Palha de Arroz, uma zona de prostituição presente em uma favela, e voltada para as pessoas mais pobres.

Espaços de prostituição posteriores, fundados na década de 1970, também, podem ser encontrados, como o cabaré da Ana Paula, famoso pelos escândalos divulgados em jornais. Contudo, é importante perceber que a liberalização sexual e tentativa feminina de conquistar novos espaços fez com que a prostituição perdesse espaço. Segundo entrevistados, nem todos os rapazes queriam frequentar os ambientes de meretrício, tendo em vista que manter relações sexuais com as namoradas já eram alternativas popularizadas. Os espaços tradicionais de meretrício estavam em processo de desintegração, enquanto os novos eram retratados como perigosos. Os anteriormente tradicionais pontos de prostituição passaram a ser perseguidos,

---

<sup>295</sup> POLÍCIA descobre tráfico de escravas. *O Dia*. 7/8 jan. 1973, p. 01.

<sup>296</sup> MENOR não sabia que o pai a estava vendendo mas agora quer o dinheiro. *O Dia*. 20 jan. 1975, p. 08.

<sup>297</sup> VICE-prefeito afirma que menor foi raptada e desmente a venda. *O Dia*. 26 jan. 1973, Nº 3529, p. 08.

<sup>298</sup> MENOR utilizada para prostituição. *O Dia*. 13 jun. 1975, Nº 4228, p. 08.

<sup>299</sup> FILHO, Bernardo Pereira de Sá. *Cartografias do prazer: corpo, boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2017.

pela ação da prefeitura, do Estado e dos policiais. A Paissandu é retratada pelo jornal *O Estado* como espaço em decadência:

Uma das zonas de Teresina que está necessitando da ação da Prefeitura em seu trabalho de desfavelamento; é a Paissandu. Encravada no centro da cidade, a conhecida zona do meretrício, com suas casas coloniais, sem higiene, boîtes sem segurança, formando um verdadeiro antro de perdição, ainda continua de meretrício de fama, com o passar dos anos e com o crescimento da cidade. A Paissandu, aos poucos, foi perdendo o movimento noturno, e hoje está reduzida às cinzas.<sup>300</sup>

A perda de movimento noturno é mencionada em outras fontes encontradas, como o relato do então Diretor de Polícia da Capital, Carlos Mouzinho, que iria autorizar medidas policiais que pudessem contribuir para a extinção total da zona meretrícia da Paissandu. Entretanto, de acordo com o profissional, a área “já está mesmo fadada a se acabar, quer pela expansão do comércio [...] ocupando cada vez mais casas que pertenciam à zona, quer pela iniciativa particular [...] em montar os cabarés em locais mais distantes”.

De acordo com o jornal *O Dia*, em 1979, o deputado Ribeiro Magalhães queria a indenização dos prédios velhos do meretrício do local, para construção da Estação Rodoviária de Teresina. Entretanto, desistiu da ideia, tendo em vista que nesses locais existiam estruturas comerciais como fábricas e lojas de peças automobilísticas, e indenizar todos os comércios envolveria muito dinheiro e mão de obra.<sup>301</sup> Por meio dessa notícia, nota-se que o meretrício continuou no decorrer da década, embora os jornais teresinenses mencionassem apenas os aspectos negativos e decadentes dos estabelecimentos. Em contrapartida aos relatos de fontes hemerográficas, José Raimundo Meireles afirma:

O Estrela era famoso, bonito, grande, e todos eles usavam aquelas lampadzinhas vermelhas na porta, pra noite. [...] lá no fundo tinha uma caixa d'água onde as mulheres banhavam às cinco horinhas da tarde [...] o muro da minha casa dava pra lá, a gente tinha um buraco e faltava às aulas, saía da aula [...] e vinha mais cedo do colégio, pra ver elas tomando banho [...] o mais chique, que tinha as prostitutas, raparigas, melhores, era o Imperatriz, que era na esquina da Paissandu com a João Cabral [...] Tinha também pro lado da praça Saraiva, que tinha muito quiosque, bares, praticamente a rodoviária era lá. E tinha aqueles bares, abrigos, tinha uns 3, tocava até de madrugada. E tinha ali por trás do colégio Pedro II também, onde é a Casa de Cultura, parece [...] nesse período, a gente já pensava, os meninos queriam a iniciação sexual mais cedo. Esse negócio de dizer que os pais levavam, podia era mandar ir,

<sup>300</sup> "FAVELAS" do centro. *O Estado*. Teresina, 01 de maio de 1975, p. 1.

<sup>301</sup> MAGALHÃES quer a rodoviária na Paissandu. *O Dia*. Teresina, 22 ago. 1979, p. 3.

mas a gente mesmo [...] se reunia e arranjava um dinheiro, fazia um serviço, uma coisa, ganhava um dinheiro, pra ir nos cabarés.<sup>302</sup>

A fala de José Raimundo Meireles demonstra a variedade de estabelecimentos voltados ao meretrício, dos mais simples aos elegantes. Dessa forma, o público consumidor, masculino, teria opções de divertimento e consumação do prazer sexual disponíveis para todas as camadas socioeconômicas. O entrevistado apresenta uma versão abertamente consumidora dos estabelecimentos de prostituição, com detalhes que não estariam presentes nos jornais utilizados como fonte, na medida em que o corpo editorial das fontes hemerográficas não se apresentava enquanto frequentador de bordéis.

Violência e decadência foram características marcantes destes espaços em representações midiáticas, mas esses aspectos não eram os principais para a maioria dos frequentadores. O meretrício ganhava espaço em jornais quando crimes eram cometidos, mas esse ambiente também era espaço privilegiado para flertes, fruição sexual, jogatinas, consumo de bebidas e comidas regionais, bem como comemorações masculinas – como no caso do nascimento do filho de um dos jogadores do Tiradentes –, e a mídia, com postura combativa, não tinha interesse em retratar as qualidades e características festivas.

José Raimundo Meireles ajuda a perceber que, apesar da finalidade dos ambientes de meretrício ser a relação sexual entre homens e mulheres, os locais também funcionavam como diversão masculina e coletiva. Amigos, adolescentes ou adultos, tinham nos cabarés liberdade não proporcionada por outros locais de lazer: lá, satisfaziam desejos ao consumir práticas sexuais que talvez não fossem aceitas por suas namoradas, em ambiente fechados, sem responsabilidades ligadas ao matrimônio, mas também teriam espaço boêmio para lidar com seus semelhantes, outros homens. Era diversão que os rapazes poderiam frequentar sozinhos ou em grupos de amigos, que mesmo antes da maioridade, se uniam para juntar dinheiro e compartilhar a experiência.

O bairro Piçarra, com os seus estabelecimentos comerciais, possuía grande fluxo de trabalhadores, o que intensificou práticas boêmias nessa região, após os expedientes de trabalho. Um redator do jornal O Dia, ao buscar testemunhos sobre o bairro Piçarra, identificou três pontos de comércio: o Mercado da Lama, onde o movimento ocorria por todo o dia, a entrar pela noite, período de afluência dos boêmios; o Mercado do Peixe e o Mercado da Carne. Essa região, comercial e de pessoas simples, de acordo com o jornalista, apresentava um grave problema social, por conta da prostituição:

---

<sup>302</sup> MEIRELES, José Raimundo, 2019.

O desafio social é mesmo o Morro do Querosene, onde acontecem os mais diversos tipos de problemas. Quando explodiu uma campanha para que todos os colchões de camas fossem destruídos, por precaução e prevenção da saúde pública, muitas mulheres reclamaram. Outras choraram, até preocupadas, sem ter onde dormir. Algumas nem ligaram: “quem está com sono, dorme em qualquer parte. No chão, na rede e até na delegacia”. Localizado numa das regiões mais altas do bairro Piçarra (quem sabe, daí a origem do nome), o Morro do Querosene, juntamente com a Paissandu, forma a área mais explosiva de Teresina, que ainda estão exigindo seríssimas providências sociais.<sup>303</sup>

A região também presenciou o início da desintegração dos cabarés, até então, tradicionais pontos de prostituição teresinense, e verificou substituição (ou existência de forma concomitante) de alguns desses estabelecimentos por *chateaus*, *rendez-vous* e motéis. *Chateaus* eram estabelecimentos simples, com alguns quartos, que seriam os primeiros motéis de Teresina para fins sexuais. Os bordéis continuaram a existir, mas de forma mais marginal, considerando que os casais tinham maior liberdade no âmbito do sexo, e os homens não precisavam recorrer exclusivamente à prostituição para satisfação de desejos.

Outra preocupação eram as relações sexuais consumadas em locais públicos da cidade, que prejudicariam a imagem de cartões portais de Teresina. A avenida Maranhão, que, na primeira metade da década de 1970, recebia maior atenção do poder público que outros espaços de Teresina, de acordo com o jornal *A Hora*, foi descrita, em *O Estado*, como antro de marginais:

Nas pistas, carros se deslocando de norte a sul sob a iluminação que transforma o logradouro. No cais, algo diferente: marginais e prostitutas modificando a paisagem. Antro de desocupados por muito tempo a Avenida Maranhão ainda continua a oferecer uma imagem negativa da noite teresinense.<sup>304</sup>

A preocupação com a presença de marginais e prostitutas ocorria por conta da imagem negativa que ofereceria da noite teresinense, tanto aos moradores quanto aos visitantes da cidade. De acordo com o supracitado jornal, uma forma de reverter a situação seria com o policiamento. Com base na fonte, a prostituição era vista como problema para a população, quando localizada em tradicionais ambientes de Teresina, pontos turísticos ou residenciais.

<sup>303</sup> BAIRRO Piçarra: da subcultura ao desafio social. *O Dia*. Teresina, 21 mai. 1976, p. 16.

<sup>304</sup> A BONITA av. Maranhão é antro de marginais. *O Estado*. Teresina, 2 abr. 1975, p. 1.

Quando a prática da prostituição ocorria em zonas afastadas do centro, principalmente regiões pobres, não havia tantas denúncias por parte dos jornais, a não ser quando ocorriam crimes.

Outra zona de prostituição era a do Purgal, favela onde residiam 40 famílias, a maioria delas de meretrizes, que recebiam os clientes em casas de taipa, e incomodava habitantes da vizinhança. O poder público interveio na localidade, em 1976, com a intenção de retirar essas famílias, que estavam situadas em um bairro da zona nobre da cidade. A Prefeitura Municipal de Teresina desenvolveu a operação intitulada João de Barro, na qual estudantes da Universidade Federal do Piauí (UFPI) estudaram a realidade de moradores pobres dos bairros Jockey e São Cristóvão, com o objetivo de realocá-los. 413 famílias foram identificadas na operação e encaminhadas à inscrição para moradias no Conjunto Habitacional Itararé, que veio a ser denominado Dirceu Arcoverde.

Figura 21 – Casas de taipa do Purgal



Fonte: Jornal O Estado<sup>305</sup>

A região era representada nos jornais como problema social por conta da pobreza, e não apenas pela prática da prostituição. Os discursos jornalísticos de 1970, apesar do caráter moralizador em diversas questões sociais, não condenavam a prática sexual, mas buscavam determinar o local em que ela deveria ocorrer: longe dos olhares de turistas e mulheres, especialmente as das famílias de classe média.

O período retratado corresponde à desintegração dos tradicionais ambientes de prostituição, mas também à liberalização de práticas sexuais, entre homens e mulheres. Alguns rapazes, ao contrário de gerações anteriores, evitavam frequentar cabarés, e poderiam satisfazer seus desejos com as namoradas, que, cada vez mais, reivindicavam autocontrole e liberdade de seus corpos. Dessa forma, relações amorosas e sexuais, fora do casamento, foram responsáveis

---

<sup>305</sup> NESTE local 47 viviam no sub-mundo. *O Estado*. 13 nov. 1975, p. 1.

pela redução de frequentadores em espaços de meretrício – redução, não cancelamento total, tendo em vista que homens que namorassem ou fossem casados ainda tinham cabarés como importantes estabelecimentos de sociabilidade masculina e consumação do ato sexual.

O lazer é a atividade realizada no tempo disponível em relação ao trabalho, o que torna os cabarés diversões exclusivamente masculinas, entre todas as opções estudadas na presente pesquisa, considerando que as mulheres presentes estavam em relações profissionais. Poderia haver afeto e preferência entre prostitutas e seus clientes, mas a situação laboral, para elas, não qualifica suas atuações como opções de lazer femininas. As diversões do meretrício eram responsáveis pela ampliação de liberdade masculina, em que poderiam beber, jogar e fazer sexo, longe de olhares vigilantes de suas namoradas, esposas, irmãs e mães. Em contrapartida, espaços como cinema, churrascarias e coroas registravam, cada vez mais, presença de mulheres enquanto consumidoras.

A vivência dos sujeitos na segunda metade do século XX, homens e mulheres, marca rupturas no âmbito do lazer, em relação aos seus pais e avôs. Suas experiências enquanto consumidores das opções de divertimento permitiram reflexões a respeito de padrões de gênero, liberdade, sexualidade, consumo e crescimento da cidade de Teresina, contudo, grande parte do que essas pessoas faziam por diversão, das risadas e brincadeiras, continuam não contadas – especialmente no que tange à sexualidade e outros comportamentos tidos como desviantes, para padrões da época ou atuais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões levantadas na presente dissertação contribuem para a reflexão de como a década de 1970 se constituiu como um período de intensificação de reivindicações do movimento feminista, gay, lésbico, negro, bissexual e transsexual. Esses grupos buscavam maior espaço em ambientes públicos e eram representados midiaticamente. Jornais *O Dia* e *O Estado* abordavam essas temáticas, assim como a revolução sexual, mesmo que as retratando como movimentos sociais distantes da realidade de Teresina. A capital do Piauí é permeada por mudanças socioculturais que afetavam a população, mas também são percebidas tentativas de resistência, em que jornais, famílias, discursos médicos e organizações policiais funcionam como mecanismos de repressão e controle dessas mudanças. O movimento feminista despertava preocupações em relação ao aborto, ao desvirtuamento e perda da virgindade das mulheres antes do casamento; o espaço de homens gays, retratados na *Coluna da Birga*, eram assegurados, mas a respeitabilidade masculina era intrínseca ao afastamento de qualquer suspeita de homossexualidade.

Também é possível perceber como os ambientes e opções de lazer eram influenciados de acordo com a situação socioeconômica dos indivíduos. As transformações urbanísticas da década de 1970 fizeram com que o perímetro urbano de Teresina crescesse, causando duas modificações importantes para a presente pesquisa. A primeira seria o estímulo à migração para a Capital, processo que não fora acompanhado pelo número de oportunidades de trabalho; 2) outra mudança causada foi um processo de descorporificação do trabalho, a fazer com que homens e mulheres tivessem que trabalhar para o sustento do lar, com perda de força na divisão entre esfera pública para pessoas do gênero masculino e esfera privada para pessoas do gênero feminino. Essas informações são importantes para a análise do lazer em Teresina, na medida em que se percebe que mulheres estavam conquistando maior espaço no trabalho, que também repercutiria em mais opções de lazer.

Mesmo com todas essas mudanças, a sociedade ainda esperava que os homens fossem fortes, sem grandes emoções e sempre preparados para práticas sexuais com mulheres. Quando incapazes de alcançar esses padrões, pessoas do gênero masculino poderiam recorrer à hipervirilidade como forma de autoafirmação, tornando-se violentos em excesso e sexualmente ativos para afastar o medo da impotência masculina. O macho deveria se constituir por meio de negações da homossexualidade, mas também da feminilidade.

Na segunda metade do século XX, Teresina continuou com espaços tradicionais de lazer e ganhou novas opções, mas os homens continuavam a ser os principais beneficiados. As

diversões tradicionais consistiam no carnaval, cinema e praças, que, dependendo do horário, do conteúdo consumido e do acompanhamento, homens e mulheres poderiam frequentar. Novas opções de lazer representadas nos jornais foram: coroas dos rios Parnaíba e Poty, opções de banho que funcionavam do mês de junho até novembro, com jogos de futebol e vôlei nos bancos de areia; passeios em carros com toca-fitas; a Prainha, praia artificial com barracas e shows disponíveis ao público, entre outros. Além desses espaços, alguns outros eram frequentados principalmente por homens, como os cabarés, filmes de *kung fu*, faroeste e pornochanchadas. Nesses espaços, eles consumiam conteúdos culturais que reforçavam suas identidades, da mesma forma que negavam presenças femininas, pois estariam fazendo coisas de homens.

Futebol foi e ainda é outra prática voltada para o lazer masculino, em que os garotos ou homens se juntavam e, mesmo com pouca estrutura, conseguiam jogar bola. Os entrevistados da pesquisa relembram as partidas disputadas nas ruas de suas casas, utilizando pedaços de pedra como traves. As mulheres cresciam com brincadeiras separadas, como boneca ou costura. É importante explicar que, no século XX, o cuidado com as crianças ocupava posições centrais nas preocupações dos pais, enquanto em séculos anteriores, elas eram inseridas nos ambientes de adultos e aprendiam por meio da convivência. A criança de 1970 e 1980 estava dividida entre os cuidados dos pais, dentro de casa, e a educação que recebia na escola – ou pelo menos era esse comportamento que os jornais buscavam despertar nos pais –, e seus responsáveis deveriam tomar cuidado com os conteúdos desviantes que poderiam ser vistos na televisão.

Os espaços de lazer constituem-se como ambientes que podem ser rapidamente cruzados com novas informações. Além da televisão, o cinema é uma diversão que poderia fazer com que os jovens fossem conectados com narrativas, subjetividades e formas de ver o mundo, em um nível global. A utilização da pesquisa quantitativa ao analisar os filmes exibidos nos Cines Royal e Rex de 1976 até 1982 tornou possível perceber informações sobre o que rápidas análises de notícias não permitiriam: apesar do Cine Rex ser o local mais estigmatizado, ambos os estabelecimentos tinham como maioria filmes com censura para maiores de 18 anos; o Cine Royal teve mais filmes em cartaz; a maioria dos filmes era produzida nos Estados Unidos; sessão “Cinema de Arte” do Cine Royal, supostamente com filmes voltados para um público mais exigente, também exibia obras com conteúdos eróticos, entre outras análises.

Percebe-se que a estigmatização do Cine Rex em comparação do Cine Royal ocorreu por fatores mais amplos que a exibição de pornochanchadas, tendo em vista que o Cine Royal também as exibia. A maioria das obras do Rex eram faroeste e kung fu, o que atraía muitos homens. O ambiente masculino era evitado pela maioria das mulheres, por desinteresse no que era exibido ou preocupação por parte delas. Além disso, contavam histórias a respeito de

homens mais velhos que importunavam sexualmente os frequentadores do cinema, o que preocupava os rapazes heterossexuais e as mulheres.

Mais detalhes sobre os filmes exibidos podem ser consultados na seção Apêndice, com informações como nome das obras, ano de lançamento, período de duração em exibição, censura, gênero, distribuidora (no caso dos filmes brasileiros) e nacionalidade. É importante observar como os gêneros podem ser voláteis, conforme subjetividades de seus espectadores. Para alguns, a mesma pornochanchada pode ser considerada comédia, enquanto, para outros, ela seria um filme erótico. Os faroestes podem ser considerados comédia ou ação.

Na década de 1980, já se percebe que as mulheres estavam frequentando cada vez mais as sessões de pornochanchadas, acompanhadas de seus namorados, e se permitiam experiências sexuais que antes seriam consideradas tabus, e permitidas apenas após o casamento. O escurinho do cinema permitia tanto aos casais gays como heterossexuais uma flexibilização de preocupações morais. Essa sexualidade também era praticada em outros ambientes, como praças, ruas e motéis.

O lazer também poderia ser perigoso, principalmente para mulheres que moravam em bairros distantes. Dentre os casos encontrados nos espaços de lazer de Teresina, os crimes mais comuns foram agressões, assassinatos e estupros. Entrevistados nos afirmaram que nesse período eles voltavam de festas sozinhos, a caminhar de madrugada e a cidade não era perigosa, mas é necessário entender os recortes de gênero e nível socioeconômico em que eles estavam inseridos. Quanto à utilização de drogas, maconha e *lança-perfume* eram as mais comuns, trazidas para Teresina por Timon, no Maranhão ou Paulistana, no Piauí. Jovens pobres e ricos fumavam maconha.

O lazer dos homens em ambientes de meretrício era estimulado. Alguns frequentadores, casados, viam esses espaços como oportunidade de envolvimento sexual com outras mulheres, com a desculpa de que “seriam erros perdoáveis”, naturais ao comportamento masculino. Percebe-se o quanto a presença de homens em cabarés era naturalizada por meio dos jogadores do Tiradentes, já que alguns eram casados, outros tinham namoradas e comemoravam, num prostíbulo, o nascimento do filho de um deles. Entretanto, muitos setores populacionais combatiam a existência de cabarés, principalmente na região central da cidade. Poderes públicos faziam campanha para fragmentar esses espaços, que recebiam reclamações.

Todos os espaços de lazer retratados recebem diferentes subjetividades, de acordo com os frequentadores. As coroas, por exemplo, foram associadas à marginalidade e prostituição, o que diverge dos relatos dos entrevistados. As pessoas fazem seus relatos, de acordo com o que observam dos ambientes, mas essa percepção é profundamente influenciada por aquilo que

desejam ver. A presente pesquisa não está concluída, na medida em que novos questionamentos a respeito da temática do lazer podem aparecer, bem como novas fontes. Cada pessoa vivenciou esses espaços de uma forma diferente e os relatos revelam informações relevantes para a compreensão do período.

## 6. REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Meninas Perdidas. IN: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das crianças no Brasil*. 6ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina; tradução Maria Ignez Duque Estrada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAECQUE, Antoine de. Projeções: a virilidade na tela. IN: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARBOSA, Livia. *Sociedade de consumo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é Cinema*. 10. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BERNASKI, Joice; SOCHODOLAK, Hélio. *História da violência e sociedade brasileira*. Revista Oficina do Historiador. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

BEZERRA, Julio; FURTADO, Filipe. *Cidade em chamas: o cinema de Hong Kong*. Firula: Rio de Janeiro, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRANDÃO, Laura Lene Lima. *Juventudes em Trânsito: Práticas juvenis, espacialidades e corporalidades em Teresina na década de 1970*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade; tradução Renato Aguiar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Aspásia. Como a História Oral chegou ao Brasil: entrevista com Aspásia Camargo por Maria Celina d'Araújo. *História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 2, jun. 1999.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*, 2010. Tese (Doutorado). Niterói (RJ), 2010.

CARNEIRO, Henrique. *As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX*. Disponível em: <<https://drogaspoliticacultura.net/wp-content/uploads/2015/09/Henrique-Drogas-siglo-XX.pdf>> Acesso em fev. 2020.

CARREIRO, Rodrigo. Do Desprezo à Glória: O Spaghetti Western na Cultura Midiática. *Revista Baleia na Rede*. Vol. 1, nº 6, Ano VI, Dez/2009.

CARREIRO, Rodrigo. Os sons da continuidade intensificada: o caso de Sergio Leone. Disponível em: <[http://www.academia.edu/download/32162412/Os\\_sons\\_da\\_continuidade\\_intensificada\\_o\\_caso\\_de\\_Sergio\\_Leone\\_-\\_Rodrigo\\_Carreiro.pdf](http://www.academia.edu/download/32162412/Os_sons_da_continuidade_intensificada_o_caso_de_Sergio_Leone_-_Rodrigo_Carreiro.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2020.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Táticas caminhanças: cinema marginal e flânscias juvenis pela cidade*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, 2007.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Com afeto e disciplina: a invenção da infância entre a literatura e a história. IN: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. História: cultura, sociedade, cidade. Recife: Bagaço, 2005.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2013.

COMBOW, Robert C. *The Films of Sergio Leone*. Lanham, Maryland: The Scarecrow Press, 2008.

COSTA, Rosely Gomes. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. IN: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; Costa, Rosely Gomes; RAMIREZ, Martha Celia; SOUZA, Érica Renata de. *Gênero em matizes* (org.). Bragança Paulista, 2002.

CUNHA, Maria João. *Corpo e imagem na sociedade de consumo*. Lisboa: Clássica Editora, 2014.

DEL PRIORE, Mary. História do Amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2005.

DENNISON, Stephanie; SHAW, Lisa. *Popular Cinema in Brasil (1930-2001)*. Manchester: Manchester University Press, 2004.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. *A linguagem do cinema*; tradução: Francine Facchin Esteves. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FILHO, Bernardo Pereira de Sá. *Cartografias do prazer: corpo, boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2017.

FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.

GIDDENS, Anthony. *Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, Romulo Gabriel de Barros. *Muito prazer, pornochanchadas: relações entre moral e bons costumes na construção da censura às produções eróticas brasileiras (1975-1982)*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*; tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARAWAY, Donna. *A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century*, ". IN: Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature (New York; Routledge, 1991), pp.149-181. Disponível em: <<http://people.oregonstate.edu/~vanlondp/wgss320/articles/haraway-cyborg-manifesto.pdf>> Acesso em fev. 2020.

JOUTARD, Philippe. *Desafios à história oral do século XXI*. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. Ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Natália Ghignone de. *Cinema norte-americano: a franquia Star Wars e o consumo*. Monografia - Universidade de Brasília, Departamento de História, Brasília, 2014.

MASCARELLO, Fernando (org.). *História do cinema mundial*. Campinas: Papirus, 2006.

MASCARENHAS, Fernando. *Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política*. Rio Grande do Sul: Movimento, vol. 11, núm. 3, 2006.

MERENCIANO, Levi Henrique. *Cinema hollywoodiano e cultura de massa – entre leitores, espectadores e expectativas*. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/4419/3909>> Acesso em 04 fev. 2020.

MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2010.

MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MUCHEMBLED, Roberto. *O orgasmo e o ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

NASCIMENTO, J. L. Rocha do. *Um clarão dentro da noite*. 1. ed. São Paulo: Scortecci, 2019.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PEDRO, Joana Maria. As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio – século XX. IN: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate* (org). São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PINHEIRO, Paulo. *Violência, crime e sistemas policiais em países de novas democracias*. São Paulo: Tempo Social, 1997.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Animais, homens e sensibilidades*. Cadernos de Teresina, Teresina, n.14, 1993.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

SAMPAIO, Willian do Nascimento. *Reflexões sobre fontes hemerográficas na produção do saber histórico: sugestões para o trabalho historiográfico*. Fortaleza: Revista de História Bilros, v. 2, n. 2, 2014.

SANTANA, Márcia. *Discursos, desejos e tramas: o comportamento feminino em Teresina nos anos setenta do século XX*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2008.

SANTOS, Flavia da Cruz. *Procurando o lazer na constituinte: sua inclusão como direito social na Constituição de 1988*. Disponível em: <seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/43785/32481> Acesso em 2 mar. 2020.

SANTOS, Flávia. O Conceito de divertimento na cidade de São Paulo (1828-1867). *Projeto História*, São Paulo, v. 67, 2020.

SANTOS, Hélio Secretário dos. *A morte do carteiro e outras histórias: crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2013.

SANTOS, Márcio Carneiro dos. *O trailer, o filme e a serialidade no modelo dos blockbusters do cinema hollywoodiano contemporâneo*. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/24>> Acesso em 04 fev. 2020.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. IN: BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SILVA, Débora Alice Machado da. *Importância da recreação e do lazer*. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

SILVA, Pablo Josué Carvalho. *Cartografias Noturnas: lazer, urbanização e outras movimentações na noite de Teresina dos anos de 1970*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, 2017.

SIMONARD, Pedro. *A geração do cinema novo: para uma antropologia do cinema*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

SOUZA, Wanderson B. *Segurança pública, transgressões, violência e conflitos na atuação cotidiana dos policiais em Salvador-BA (1937-1945)*. Uberlândia: História e Perspectivas, 2013.

STRINGER, Julian. *Movie blockbusters*. Londres: Routledge, 2003.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes; FILHO, Edmundo Escrivão. *Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais*. Fortaleza: ENEGEP, 2006.

VIDAL, Gore. *De fato e de ficção: ensaios contra a corrente*. São Paulo: Companhia de Letras, 1987; MONTEIRO, Jaislan Honório. *Arte como Experiência: cinema, intertextualidade e produção de sentidos*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2017; ROSENFELD, Anatol. *Cinema: arte & indústria*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

VIDIGAL, Alex; DRAVET, Florence. O bom, o mal ou o diferente: as transformações do gênero western pelo faroeste italiano. *Comunicologia*. V. 6, n. 1, 2013.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, MARIETA DE MORAES; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

### **Fontes Hemerográficas**

"FAVELAS" do centro. *O Estado*. Teresina, 01 de maio de 1975, p. 1.

"ÔNIBUS rápido" para moradores do Poty. *O Estado*. 10 jul. 1982, p. 4.

"TRAILLERS" de filmes censurados em sessões livres. *O Estado*. 14 jul. 1982, Nº 2809, p. 04.

3º DP prende assaltantes de casais de namorados. *O Dia*. 9 jan. 1980, Nº 7144, p. 08.

50 prostitutas falam de seus dramas a padres e sociólogos. *O Estado*. 16 ago. 1977, Nº 1377, p. 06.

A BOMBA do ano será o exorcista número 2. *O Estado*. 22 jan. 1976, Nº 946, p. 07.

A BONITA av. Maranhão é antro de marginais. *O Estado*. Teresina, 2 abr. 1975, p. 1.

A Nova Remington 150. *O Dia*. 07 mai. 1978, p. 7.

A PÍLULA e o Brasil. *O Dia*. 07 jul. [19--].

ACABOU apenas o futebol; os centros permanecem. *O Dia*. 6 jun. 1976, Nº 4502, p. 10.

ACUSADO de estupro da menor depõe no Distrito. *O Dia*. 19 nov. 1981, Nº 7705, p. 12.

ADIVINHE: quem é a mais jovem? *O Dia*. 21 jan. 1983, Nº 8327, p. 12.

ALFRED Hitchcock, comendador de artes e letras. *O Dia*. 2 jul. 1976.

AMOR de homem é complicado para policiais. *O Estado*. 5 set. 1980, Nº 2273, p. 12.

ANA Paula: saí nua e me agarrei com Jacob. *O Dia*. 4 jun. 1976, Nº 4500, p. 08.

ASSALTANTES deixam namorados despedidos na Odilon Araújo. *O Dia*. 26 jan. 1982, Nº 7758, p. 12.

AUMENTA entrada de cinema. *O Estado*. 4/5 nov. 1979, Nº 2027, p. 01.

AUMENTO das passagens gera sério conflito. *O Dia*. 13 mai. 1981, Nº 7548, p. 08.

BAIRRO Piçarra: da subcultura ao desafio social. *O Dia*. Teresina, 21 mai. 1976, p. 16.

BANHISTA fica sem a campanha de lazer. *O Estado*. 16/17 jul. 1978, Nº 1644, p. 01.

BEIRA Rio. *O Dia*. 05 jun. 1976, p. 7.

CARNAVAL 77. *O Estado*. 16/17 jan. 1977, Nº 1232, p. 06.

CARNAVAL do povão. *O Dia*. 20 jan. 1983, Nº 8236, p. 06.

CASOS de sedução diminuem no 3º DP. *O Estado*. 28 jul. 1978, Nº 1654, p. 12.

CINE Centro de Convenções. *O Dia*. 03 jul. 1981, Nº 7589, p. 6.

CINE rex. *O Estado*. 18 dez. 1981, p. 11.

CINE Rex. *O Estado*. 3 jul. 1979, N° 1923, p. 10.

CINE Royal. *O Estado*. 12 mar. 1980, N° 2129, p. 13.

CINE Royal. *O Estado*. 3 mai. 1980, N° 2168, p. 10.

CINE Royal. *O Estado*. 7 jul. 1979, N° 1927, p. 10.

CINEMA 77. *O Dia*. 24 dez. 1976, N° 4674, p. 04.

CINEMA: Cine Royal. *O Estado*. 8/9 mai. 1977, N° 1318, p. 6.

CINEMAS buscam atrações em períodos de férias. *O Dia*. 13/14 dez. 1981, N° 7725, p. 07.

COLUNA da Birga. *O Dia*. 30/31 out. 1977, p. 15.

CRECHE não é privilégio. *O Dia*. 07 nov. 1981, N° 7695, p. 4.

CRECHE. *O Dia*. 07 nov. 1981, N° 7695, p. 04.

DESCOBERTA maconha na "Morada do Sol". *O Estado*. 30 jun. 1979, N° 1922, p. 12.

DESCOBERTA roça com 500 pés de maconha. *O Estado*. 31 jul. 1982, N° 2824, p. 01.

DESCOBERTO tráfico de menores... *O Dia*. 7/8 jan. 1973, N° 3512, p. 6.

DIVERTIMENTO eletrônico prejudica jogo de sinuca. *O Dia*. 30 jan. 1982, N° 7762, p. 8.

ELVIRA entusiasmada com papel da mulher na política europeia. *O Dia*. 17 jul. 1976, N° 4536, p. 03.

ESCOLA não substitui o lar. *O Dia*. 12 nov. 1977, N° 4939, p. 15.

ESCOLA não substitui o lar. *O Dia*. 12 nov. 1977, Nº 4939, p. 15.

ESTUDANTE de 12 anos estuprada num motel. *O Dia*. 13/14 dez. 1981, Nº 7725, p. 12.

ESTUPRADOR será ouvido na Polícia. *O Dia*. 18 nov. 1981, Nº 7704, p. 12.

FALTA energia em colégio e tentam currar estudante. *O Dia*. 8/9 dez. 1977, Nº 4958, p. 16.

FAMÍLIAS pobres ficam sem televisor público. *O Dia*. 24/25 mai. 1981, Nº 7557, p. 08.

FAVELAS agora estão no centro da cidade. *O Estado*. 29 jan. 1977, Nº 1241, p. 05.

FESTIVAL de Cannes inicia seus programas. *O Dia*. 16 mai. 1981, Nº 7551, p. 07.

HELP. *O Dia*. 05 nov. 1980, Nº 7397, p. 10.

HOMEM dá mais valor ao sexo. *O Estado*. Teresina, 5 mai. 1975, p. 10.

HOMOSSEXUAIS e lésbicas desfilam. *O Dia*. 27 jun. 1981, Nº 7584, p. 07.

HOMOSSEXUAL venceu eleições em Alagoas. *O Estado*. 27 nov. 1976, Nº 1998, p. 10.

INFLAÇÃO de 100,81% em doze meses. *O Estado*. 17 jul. 1982, Nº 2812, p. 04.

INFLAÇÃO pode cair este mês. *O Estado*. 12 jul. 1978, Nº 1640, p. 09.

INVESTIGADOS crimes na rota da maconha. *O Estado*. 14 jul. 1982, Nº 2809, p. 12.

JACOB morre na sala de cirurgia do HGV. *O Dia*. 4 jun. 1976, Nº 5400, p. 08.

JOGADORES ouvidos na polícia. *O Dia*. 6 jun. 1976, Nº 4502, p. 08.

LAZER ainda é precário na Morada. *O Dia*. 16/17 jan. 1983, Nº 8233, p. 8.

LAZER: "coroas" chegaram no rio Parnaíba. *O Estado*. 5/6 jun. 1977, Nº 1320, p. 01.

LUIZA Brunet ensina como manter a forma. *O Dia*. 26 jul. 1983, Nº 5590, p. 07.

MACONHA e nudez na casa do estudante. *O Estado*. 21 out. 1976, Nº 1168, p. 01.

MÃE assassina se apresenta e fica livre. *O Dia*. 30 nov. 1 dez. 1980, Nº 7418, p. 09.

MÃE mata filho e abandona o corpo. *O Dia*. 2 dez. 1980, Nº 7418, p. 09.

MÃE mata o filho e joga corpo na fossa. *O Dia*. 29 jov. 1980, Nº 7417, p. 09.

MAGALHÃES quer a rodoviária na Paissandu. *O Dia*. Teresina, 22 ago. 1979, p. 3.

MAIS de 15 jogadores participaram do crime. *O Dia*. 4 jun. 1976, Nº 4500, p. 08.

MAIS de 200 crimes no Piauí em 74. *O Dia*. Teresina, 6 de jun. de 197, p. 1.

MAIS lazer para os bairros em dezembro. *O Dia*. 8/9 dez. 1981, Nº 7721, p. 8.

MAIS uma vítima é levada e perde dinheiro no "Conto". *O Dia*. 13 nov. 1981, Nº 7700, p. 12.

MARANHÃO terá área de lazer. *O Dia*. 19 mai. 1981, Nº 7552, p. 4.

MATOU o filho a pauladas e entregou aos abutres. *O Dia*. 19 ago. 1980, Nº 7330, p. 09.

MATOU o filho, guardou na mala e enterrou no quintal. *O Dia*. 16/17/18 ago. 1980, Nº 7329, p. 12.

MENEY, Patrick. Não há prostituição. Prostitutas sim. *O Dia*. 7 nov. 1981, Nº 7695, p. 08.

MENINA de 12 anos teve um filho. *O Estado*. Teresina, 31 ago. 1971, p. 4.

MENOR ainda é problema sem solução. *O Dia*. 21 jul. 1976, Nº 4540, p. 08.

MENOR não sabia que o pai a estava vendendo mas agora quer o dinheiro. *O Dia*. 20 jan. 1975, p. 08.

MENOR não sabia... *O Dia*. 20 jan. 1975, Nº 3524, p. 8.

MENOR tenta estuprar estudante e é preso. *O Estado*. 3 jul. 1982, Nº 2800, p. 12.

MENOR utilizada para prostituição. *O Dia*. 13 jun. 1975, Nº 4228, p. 8.

MENOR utilizada para prostituição. *O Dia*. 13 jun. 1975, Nº 4228, p. 08.

MORADORES do Itararé querem "ônibus rápido". *O Estado*. 4/5 jul 1982, Nº 2801, p. 4.

MORALIZAÇÃO. *Jornal do Piauí*. Teresina, 8 jun. 1970, p. 7.

MOTEIS recebem meninas e nada lhes acontece. *O Dia*. 15 dez. 1981, Nº 7726, p. 12.

MULHER que comandava tráfico de menores foi presa no Ceará. *O Estado*. 6 jan. 1978, Nº 1490, p. 12.

MULHERES não podem ficar na Central. *O Dia*. 13/14 dez. 1981, Nº 7725, p. 12.

MÚSICAS de carnaval agonizam no Brasil. *O Dia*. 25 jan. 1980, Nº 7169, p. 15.

NA novela amorosa, professor... *O Estado*. 13 fev. 1976, Nº 965, p. 1.

NESTE local 47 viviam no sub-mundo. *O Estado*. 13 nov. 1975, p. 1.

O cinema em crise. *O Estado*. 8/9 jun. 1980, Nº 2193, p. 10.

*O Dia* 6/7 jul. 1980, Nº 7303, p. 12.

O Dia nos bairros. *O Dia*. 5 jan. 1983, Nº 8223, p. 12.

*O Dia*, ½ jul. 1975, Nº 4218, p. 09.

*O Dia*. 13 jun. 1976, Nº 5408, p. 15.

*O Dia*. 13/14 dez. 1981, Nº 7725, p. 7.

*O Dia*. 18 mai. 1976, Nº 4485, p. 15.

*O Dia*. 24 dez. 1976, Nº 4674, p. 4.

*O Dia*. 29 jun. 1976, Nº 4520, p. 15.

*O Dia*. 30/31 jan. 1983, Nº 8243, p. 1.

*O Estado*. 06 jan. 1979, Nº 1780, p. 09.

*O Estado*. 11 mai. 1979, Nº 1879, p. 10.

*O Estado*. 12 fev. 1981, Nº 2403, p. 08.

*O Estado*. 18 jan. 1977, Nº 1233, p. 7.

*O Estado*. 25 jan. 1979, Nº 1797, p. 10.

O feminismo e a alienação. *O Estado*. 29/30 jun. 1980, Nº 2216, p. 10.

O manifesto frio das feministas. *O Dia*. 05 jan. 1980, Nº 7178, p. 13.

PACIENTE dopada é seduzida no hospital. *O Estado*. 23 jan. 1976, Nº 947, p. 10.

PLANTADOR da "erva" é morto por 2 traficantes. *O Estado*. 8 jul. 1982, Nº 2804, p. 12.

POIS é. *O Dia*. 9/10 ago. 1981, Nº 7621, p. 06.

POLÍCIA descobre tráfico de escravas. *O Dia*. 7/8 jan. 1973, p. 01.

POLÍCIA prende gang. *O Dia*. 21 mai. 1981, Nº 7554, p. 9.

POLÍCIA proibirá barracas e bebidas alcoólicas nas coroas. *A Hora*. 5 jul. 1972, p. 05.

POPULAÇÃO afastada do desenvolvimento. *O Dia*. Teresina, 10 de junho de 1975, p. 2.

PRAÇA Saraiva mais limpa. *O Dia*. Teresina, 13 fev. de 1974, p. 1.

PRAÇA Saraiva: a decadência de um belo logradouro. *O Dia*. 6/7 jan. 1974, p. 05.

PRAINHA só terá um dos ex ocupantes. *O Dia*. 16 dez. 1981, Nº 7727, p. 07.

PRESOS violentam mulher no xadrez da Central. *O Dia*. 14 ago. 1981, Nº 7625, p. 8.

PROFESSOR tenta currar e abandona estudante. *O Estado*. 8 nov. 1979, Nº 2030, p. 08.

PROPAGANDA da loja Diacuy Variedades. Fonte: *O Dia*. Teresina. 6/7 de janeiro de 1974, p. 4.

PROPAGANDA da Rádio Clube. Fonte: *O Dia*. Teresina. 5 de janeiro de 1974, p. 5.

PROPAGANDA das lojas Casas Califórnia. Fonte: *O Dia*. Teresina, ½ de janeiro de 1974. Caderno 2, p. 2.

PROPAGANDA do Posto Iracema. Fonte: *O Estado*. Teresina, 17 de maio de 1975, p. 8.

PSIQUIATRAS preocupados com os filmes de terror. *O Estado*. 22 mar. 1977, Nº 1282, p. 09.

QUE espécie de diabo ou santo é o aborto? *O Dia*: Domincultura. Teresina, 1 /2 out. 1972, p. 1.

QUEM quiser participar do desfile... *O Estado*. 13 jan. 1978, Nº 1497, p. 02.

RIOS enchem e "coroas" somem. *O Estado*. 4/5 nov. 1979, Nº 2027, p. 01.

RODA Viva. *O Dia*. 17 ago. 1977, p. 08.

SAMBISTAS reunidos com comissão do carnaval. *O Estado*. 21 jan. 1976, Nº 945, p. 01.

SEDUZIU quatro garotas e agora vai à Polícia. *O Dia*. 05 nov. 1980, nº 7397, p. 09.

SEU filho diante da televisão. *O Dia*. 17 nov. 1977, Nº 4942, p. 15.

SEXO e tóxico. *O Dia*. 13 mai. 1981, Nº 7548, p. 02.

SEXO e tóxico. *O Dia*. 13 mai. 1981, Nº 7548, p. 2.

SOCO na tradição. *O Dia*. 14 fev. 1980, Nº 7187, p. 08.

SOLDADO da PM preso com 10 kg da erva maldita. *O Estado*. 9 jul. 1982, Nº 2805, p. 12.

TARADO estupra menor de dois anos no Parque Piauí. *O Dia*. 12 nov. 1981, Nº 7699, p. 12.

TARADO tenta estuprar uma estudante no matagal. *O Estado*. 1 jul. 1982, Nº 2798, p. 11.

TAXISTAS não vivem apenas da profissão e ainda exploram. *O Estado*. 16 jul. 1982, p. 4.

TÉCNICOS afirmam: salário do Piauí não dá para viver. *O Estado*. 16/17 mai. 1982, Nº 2760, p. 05.

TELEVISORES nos bairros para o povo ver a copa. *O Estado*. Teresina, 31 mai. 1978, Nº 1604, p. 07.

TENTOU estuprar a própria filha. *O Estado*. 18 jan. 1977, Nº 1233, p. 05.

TERESINA sem calçamento. *A Hora*. Teresina, 29 out. 1971, p. 01.

TRAFICANTES de mulheres presos. *O Dia*. 21 mai. 1981, Nº 7554, p. 01.

TRÊS tarados tentam estuprar uma menina. *O Estado*. 26 mai. 1981, Nº 2483, p. 12.

TROCA de filme causa revolta e prejuízos. *O Dia*. 20/21 jan. 1980, Nº 7165, p. 08.

TUDO sobre o amor e o sexo. *O Dia*. 22 ago. 1981, Nº 7633, p. 04.

VICE-prefeito afirma que menor foi raptada e desmente a venda. *O Dia*. 26 jan. 1973, Nº 3529, p. 08.

WINSTON Leyland e o movimento gay. *O Estado*. 2/3 out. 1977, Nº 1416, p. 05.

## LINKS

ABREU, Nuno César Pereira de. Boca do Lixo: cinema e classes populares. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. Campinas, SP, 2002.

ADOROCINEMA. Disponível em: <[www.adorocinema.com](http://www.adorocinema.com)> Acesso em 01 dez. 2019.

ANTÔNIO Fagundes. Disponível em: <<https://filmow.com/antonio-fagundes-a41572/>> Acesso em jun. 2018.

BANCO de Conteúdos Culturais – Cinemateca Brasileira. Disponível em: <[cinemateca.org.br/aceso/banco-de-conteudos-culturais/](http://cinemateca.org.br/aceso/banco-de-conteudos-culturais/)> Acesso em 01 dez. 2019.

CARDOSO, David. Entrevista concedida à Festas e Eventos TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L-YidBrRAbk>> Acesso em mai. 2018.

DAVID Cardoso. Disponível em: <<https://filmow.com/david-cardoso-i-a88807/>> Acesso em jun. 2018.

FOTOS. Disponível em: <<http://www.bcc.org.br/fotos/720943>>. Acesso em jun. 2018.

FOTOS. Disponível em: <<http://www.bcc.org.br/fotos/galeria/024871>>. Acesso em jun. 2018.

CATHERINE et Cie. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0072770/mediaviewer/rm1133576704>> Acesso em jan. 2020.

FILMOW. Disponível em: <<https://filmow.com>> Acesso em 01 dez. 2019.

FRANCISCO Cavalcanti. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-724618/filmografia/>>. Acesso em jun. 2018.

HELENA Ramos. Disponível em: <<https://filmow.com/helena-ramos-a104542/>> Acesso em jun. 2018.

INFECÇÕES Sexualmente Transmissíveis (IST): o que são, quais são e como prevenir. Disponível em: <<https://saude.gov.br/saude-de-a-z/infecoes-sexualmente-transmissiveis-ist>> Acesso em fev. 2020.

KREUTZ, Katia. *Neorealismo Italiano*. Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/neorealismo-italiano/>> Acesso em 09 fev. 2020.

KREUTZ, Katia. *Nouvelle Vague*. Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/nouvelle-vague/>> Acesso em 09 fev. 2020.

*LA Luna*. Disponível em: <[www.adorocinema.com/filmes/filme-1584/](http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1584/)> Acesso em jun. 2019.

*MEMÓRIA Cine Br*. Disponível em: <[www.memoriacinebr.com.br](http://www.memoriacinebr.com.br)> Acesso em 01 dez. 2019.

*MEMÓRIAS da Ditadura*. Disponível em: <[memoriasdaditadura.org.br](http://memoriasdaditadura.org.br)> Acesso em 01 dez. 2019.

NUNO Leal Maia. Disponível em: <<https://filmow.com/nuno-leal-maia-a44988/>> Acesso em jun. 2018.

RAMOS, Helena. HELENA RAMOS - DOCUMENTÁRIO - PARTE 1. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=3WP\\_SbWBTa8](https://www.youtube.com/watch?v=3WP_SbWBTa8)>; HELENA RAMOS - DOCUMENTÁRIO - PARTE 2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dnXJS-GPZwY>> Acesso em mai. 2018.

SÔNIA Braga. Disponível em: <<https://filmow.com/sonia-braga-a33406/>> Acesso em jun. 2018.

VERA Fischer. Disponível em: <<https://filmow.com/vera-fischer-a13934/>> Acesso em jun. 2018.

## ENTREVISTAS

ALMEIDA, Humberto Rodrigues. *Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga*. Teresina, 12 nov. 2019.

ARCOVERDE, Pedro Cipriano. *Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga*. Teresina, 10 jan. 2020.

MEIRELES, José Raimundo. *Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga*. Teresina, 7 mai. 2019.

PEREIRA, Antônio. *Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga*. Teresina, 03 dez. 2019.

SANTOS, Amélio dos. *Entrevista concedida a Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga*. Teresina, 29 out. 2019.